

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**

SUZIE MARRA

**A literatura em face da alteridade na obra de Fernando Namora:
ficção e não-ficção nas narrativas sobre a saúde**

Versão Original

São Paulo
2020

SUZIE MARRA

**A literatura em face da alteridade na obra de Fernando Namora:
ficção e não-ficção nas narrativas sobre a saúde**

Versão Original

Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de Doutora em Letras.

Área de concentração: Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Fabiana Buitor Carelli

São Paulo

2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

M7941 Marra, Suzie
A Literatura em face da Alteridade na obra de
Fernando Namora: Ficção e Não-Ficção nas Narrativas
sobre a Saúde / Suzie Marra ; orientadora Fabiana
Buitor Carelli. - São Paulo, 2020.
153 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área
de concentração: Estudos Comparados de Literaturas de
Língua Portuguesa.

1. Literatura. 2. Alteridade. 3. Narrativas de
ficção e não-ficção. 4. Fernando Namora. 5. Medicina.
I. Carelli, Fabiana Buitor , orient. II. Título.

MARRA, S. **A literatura em face da alteridade na obra de Fernando Namora: ficção e não-ficção nas narrativas sobre a saúde.** Tese de doutoramento apresentado à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas como requisito para obtenção do título de Doutora em Letras. Área de concentração: Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTO

"Ao CNPq, pela concessão de bolsa ao projeto nº 168378/ 2017-5, que resultaram nesta tese. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do autor não necessariamente refletem a visão do CNPq."

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Fabiana Buitor Carelli, pelo acolhimento, carinho e por ter trilhado junto o percurso de meus estudos.

À Maria de Jesus Cabral, pela orientação de estágio em terras de Portugal a partir da FLUL – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Grata pela atenção, colaboração e disponibilidade da professora Vera Bastazin do Programa de Pós-Graduação de Literatura e Crítica literária da PUC-SP desde o exame de Qualificação.

Ao apoio intelectual e afetivo de Maria Isabel Fernandes, que lidera o Projeto Humanidades Médicas na Universidade de Lisboa; Maria do Rosário Lupi Bello, da Universidade Aberta de Lisboa; e Maria Emília da Silva André (Emilinha).

À disponibilidade e amabilidade de Isabel de Freitas, da Casa Museu Fernando Namora; e à atenção e generosidade dos professores Antônio Pedro Pita, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; e do estimado amigo professor José Manuel Mendes.

Grata pelo apoio à pesquisa de Natalia Moura Matos e Fátima Lopes, da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), e à Margarida Namora, pela gentileza e liberação da reserva do espólio de Fernando Namora (por mim consultado).

Muito importante, também, é agradecer a todos os meus colegas do GENAM e ao grupo de orientados da professora Fabiana Carelli, que seguiram comigo nessa caminhada; e do apoio mútuo que tanto nos anima nas fases mais difíceis da trajetória acadêmica. São eles: Adilma Secundo Alencar, Andrea Funchal, Ariadne Catarine, Carla Kinzo, Fabiana Prando, Hélio Plapler, Henrique Moura Pereira, Milena Narchi, Paula Fábrio, Rosely de Fátima Silva, Tatiana Piccardi, Vera Zaher. Entre eles, o professor e coordenador do GENAM Carlos Eduardo Pompilio, e José Ricardo de Mesquita Ayres, da FMUSP.

Sou particularmente grata ao Leonardo Rodriguez, pela amizade

sincera, apoio e disponibilidade incondicional para as conversas sobre literatura e crítica literária.

Ao CNPq e à Fundação Jaime Cortesão, pelo auxílio material e Institucional.

E, meu agradecimento especialíssimo, ao Odair Fernando Garms, por acreditar e investir em mim (como um mecenas), tornando possível adentrar e percorrer a carreira acadêmica (que tanto desejava) por meio da disposição de recursos financeiros necessários durante toda a trajetória – sem os quais eu não teria conseguido começar e muito menos chegar até aqui.

Com amor, agradeço a minha mãe, Elza A. de Freitas que, aos 90 anos, participou ativamente na trajetória final da escrita, rezando por mim em convocatória a sua equipe de Santos.

Duas inspirações:

O trabalho criativo e investigativo
da historiadora inglesa Ruth Richardson

O trabalho jornalístico de pesquisa e reconstituição histórica do
brasileiro (carioca) Ruy Castro – que nunca conheci, mas tive a
oportunidade de vê-lo e trocar duas palavras, em certa ocasião, na
Universidade Federal do Ceará.

RESUMO

MARRA, S. **A literatura em face da alteridade na obra de Fernando Namora: ficção e não-ficção nas narrativas sobre a saúde.** Tese (Doutoramento). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2020.

Esta pesquisa se articula em caráter interdisciplinar entre a literatura e a medicina na medida da perspectiva das relações e inter-relações do recorte proposto. O conceito de alteridade – segundo a concepção de ética da alteridade, onde se vê explícita a questão da responsabilidade individual, defendida pelo filósofo contemporâneo Emmanuel Lévinas (1906-1995) – é a chave interpretativa para investigação que transcorre nas linhas da escrita ficcional e não-ficcional do médico e escritor português Fernando Namora. Centrada nas narrativas literárias da sua obra referencial intitulada *Retalhos da vida de um médico* e em publicações factuais que constam de o *Jornal do Médico*. O objetivo da presente pesquisa é pensar nas narrativas jornalísticas sobre a saúde humana a partir do *corpus* das obras referidas, tomados por base os estudos da teoria literária (em limite da crítica e gêneros literários) como princípios de análise, partindo do pressuposto de que as relações éticas, mediante as questões de alteridade, se sustentam de maneira efetiva no face-a-face (ou em face) com o outro.

Palavras-chave: Literatura. Alteridade. Narrativas de ficção e não-ficção. Fernando Namora. Medicina.

ABSTRACT

MARRA, S. **Literature in the face of otherness in Fernando Namora's work: fiction and non-fiction in health narratives.** Thesis (PhD). Faculty of Philosophy, Letters and Human Sciences. University of São Paulo, 2020.

This research is articulated in an interdisciplinary character between literature and medicine in the measure of the perspective of the relationships and interrelations of the proposed framework. The concept of otherness - according to the concept of otherness ethics, where the issue of individual responsibility, defended by the contemporary philosopher Emmanuel Lévinas (1906-1995) - is the interpretive key for investigation that takes place along the lines of fictional writing and not -fiction by the Portuguese doctor and writer Fernando Namora. Focused on the literary narratives of his referential work entitled *Retails of the life of a doctor* and on factual publications that appear in the *Jornal do Médico*. The objective of this research is to think of the journalistic narratives about human health from the corpus of the referred works, based on the studies of literary theory (at the limit of criticism and literary genres) as principles of analysis, assuming that Ethical relationships, by means of otherness issues, are effectively sustained face-to-face (or face-to-face) with the other.

Keywords: Literature. Alterity. Fiction and non-fiction narratives. Fernando Namora. Medicine.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	10
	PRIMEIRA PARTE.....	15
1	A LITERATURA DE FERNANDO NAMORA EM FACE DA ALTERIDADE.....	16
1.1	Prólogo.....	16
1.2	Retalhos da vida de um médico.....	23
1.3	Em linha de análise.....	27
2	DA FICÇÃO À NÃO-FICÇÃO NA ESCRITA NAMORIANA: TENDO EM VISTA A CONFIGURAÇÃO DO OUTRO.....	58
2.1	Prólogo.....	58
2.2	Jornal do médico.....	61
2.3	Em linha de análise.....	63
	SEGUNDA PARTE.....	86
3	AS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS E A SUBJETIVIDADE AUTORAL EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES DE ÉTICA (DA ALTERIDADE).....	87
3.1	No contexto do jornalismo narrativo; a analítica teórico literária.....	87
3.2	Limites e fronteiras entre o ficcional e o factual.....	100
3.3	Das narrativas jornalísticas.....	102
4	À LUZ DA LITERATURA: NARRATIVAS SOBRE A SAÚDE EM FACE DA ALTERIDADE.....	109
4.1	À luz da literatura.....	111
4.2	Narrativas sobre a saúde.....	121
4.3	Em face da alteridade.....	123
	REFERÊNCIAS.....	126

INTRODUÇÃO

Antes de introduzir os aspectos, dar a conhecer a perspectiva e esclarecer os elementos constituintes que deverão guiar esta tese, é devido colocar como a pesquisa, ou investigação desenvolvida, criou seus contornos. Reafirmo o que Ítalo Calvino, por exemplo, observou; uma obra está em relação dialógica com outras anteriores. E com esta pesquisa não é diferente. Ela é o resultado da formação, de leituras, interesses e inquietações particulares.

Mas, quando o assunto é a proximidade com escritores e a sua escrita, ao contrário de Todorov (2015) – quando se diz propenso, em grande parte, ao diálogo com autores de cujas ideias se sintam mais distanciados – a escolha pela obra literária de Fernando Namora se fez pelo critério de afinidade. Houve o gosto pela escrita de estilo autoral de Namora, e nela em especial: a poética e a observação paciente que caracteriza seus textos; o uso das palavras certas no lugar certo; a perspectiva cética com que descreve o homem; a abordagem realista na sua escrita literária, no sentido de que não há julgamento porque não oferece respostas fechadas, nem excessos de sentimentalismo. Uma escolha, aliás, que se mostrou favorável para realização deste trabalho, pois foi esse critério da aproximação com a literalidade do escritor Fernando Namora que permitiu uma melhor compreensão do *corpus* recortado para leitura – e apreendida, sobretudo, a perspectiva da alteridade neles abrigados –, facilitando, dessa maneira, o diálogo com a obra e o autor, bem como os comentários produzidos.

A questão da responsabilidade individual observada por intermédio do conceito de alteridade que é perspectivado fundamentalmente neste estudo, e que envolve o sujeito da ação e suas relações com outrem (dada a noção de ética da alteridade formulada pelo filósofo Emmanuel Lévinas), é o que se terá em vista a miúdo nas narrativas de *Retalhos da vida de um médico* e nas críticas ensaísticas de o *Jornal do Médico*. O exame desses textos irá iluminar a discussão entre o ficcional e o factual

no jornalismo narrativo e a conclusão ou a resposta a respeito do pressuposto ético formulado – de que a responsabilidade pelo outro se faz ancorada no face-a-face com o outro. Sobretudo, porque a questão do outro diz respeito à saúde humana do indivíduo em particular e à sociedade em geral.

Assim, as obras de Fernando Namora escolhidas têm o papel de referenciar o diálogo interdisciplinar entre a literatura e a medicina tendo em vista as narrativas jornalísticas que importam para pensar as notícias sobre a saúde, à luz da literatura.

Em meio a essa proposta segue algumas notas distintivas ao mesmo que pontuais: 1. Não existe a intenção de se ater sobre o assunto do gênero ficcional da autobiografia ou até mesmo mergulhar fundo nas instâncias que se firmam a partir dele; 2. O trabalho de análise desta tese, embora contemple obviamente pontos da crítica e teoria literária, está baseado, fundamentalmente, em uma analítica no campo de reflexão da filosofia (devido à opção pela temática da alteridade vista sob o princípio conceitual de Emmanuel Lévinas); 3. O corpo conceitual sobre a noção de ética da alteridade defendido por Lévinas, está sendo trabalhado aqui nos termos do seu pensamento filosófico, ou seja, pelo viés da produção filosófica e dos elementos conceituais, evitando tendências apropriativas¹. De acordo com a reivindicação do próprio filósofo que fazia questão de distinguir e alertar para a diferença entre a sua produção filosófica e as noções “teológicas” de seu pensamento, ao afirmar que “protesto [...] quando se [...] ousa fazer aproximações entre conceitos baseados unicamente sobre a tradição e os textos religiosos sem dar-se

¹ No sentido de que atento para a frequência com que são feitas observações descontextualizadas do seu pensamento autoral, como, aliás, acontece com outros tantos pensadores. No Brasil, é comum encontrar relações entre as ideias de Emmanuel Lévinas e Enrique Dussel. Por isso transcrevo o próprio Lévinas a contar os fatos: “Conheci Dussel, que, em outros tempos, me citava muito, e que, agora, está muito mais próximo do pensamento político, até geopolítico. Além disso, conheci um grupo sul-americano muito simpático que elabora uma ‘filosofia da libertação’ – Scannone em particular. Tivemos, aqui [na França], uma reunião, com Bernhard Casper, meu amigo professor de Teologia em Friburgo, e com filósofos católicos da América do Sul” (LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Pivatto. Rio de Janeiro/Petrópolis: Editora Vozes, 2009, p. 162).

ao trabalho de passar pela crítica filosófica [...]”; enfatizando ainda que uma “verdade filosófica não pode se basear na autoridade do versículo. É preciso que o versículo seja fenomenologicamente justificado”. Contudo, “o versículo pode permitir a busca de uma razão. [...] por vezes eu procuro pela sabedoria antiga e ilustro por esse versículo, sim, mas eu não provo pelo versículo” (LÉVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 102-103). Lévinas tem, como é sabido, uma formação de base nos livros de tradição judaica e conhecimentos da Bíblia, tendo feito também estudos aprofundados da hermenêutica talmúdica, aos quais foi introduzido com as aulas do Mr. Chouchani - por quem manteve apreço e admiração pelo conhecimento, conforme demonstra em seu comentário sobre ele:

A enormidade desse homem residia, a princípio, no seu conhecimento dos textos judaicos [...], conhecia de cor toda a tradição oral à qual essas Escrituras dão lugar; conhecia de cor o *Talmud*” (LÉVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 119). [...] “O que me restou desse contato feito de inquietude, deslumbramento e de insônias? Um novo acesso à sabedoria rabínica e à sua significação para o humano ‘em suma’. O judaísmo não é a Bíblia, é a Bíblia vista através do *Talmud*, através [...] da indagação e da vida religiosa rabínicas. Esta ciência tem dois modos. Há em primeiro lugar os textos que concernem aos deveres e à vida jurídica, aqueles que desenvolvem, para falar, propriamente, a Lei. Chamam isso de *Halakhá*, que prescreve, se preferir, a conduta cotidiana: religiosa, política, social. Ao mesmo tempo, comporta uma parte que se chama hagádica; *Hagadá* [...], narração legendária. Essas são as variações da tradição, variações muito antigas, muito veneráveis, provavelmente nascidas ou ao menos retomadas nos primeiros séculos da tradição cristã” (LÉVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 121-122).

Por isso aceitar, visto que Lévinas reuniu um conhecimento consistente do universo judaico-cristão, a existência de uma (cor)relação distintiva entre a sua filosofia e a religião, ainda que se considere que a noção ética de embasamento filosófico de Lévinas tenha uma inspiração em seu pensamento religioso².

² Tema da minha Dissertação de mestrado intitulada “**Ética e Filosofia da Religião no pensamento de Emmanuel Lévinas**”.

A tese, em termos de **estrutura**, foi desenvolvida em **duas partes**, distribuídas em quatro capítulos. **A parte I**, compreende os **capítulos 1 e 2**, e tem como função iluminar esta pesquisa que se faz com vista ao exercício de pensar sobre as notícias (em saúde) em relação à questão ética da alteridade.

O capítulo 1 vai apresentar em seu prólogo – lido como a um estado da arte – o autor e o percurso da obra do médico e escritor Fernando Namora, seguido pela análise de algumas narrativas da obra central do autor, intitulada *Retalhos da vida de um médico*, e o caráter de alteridade que nelas se inscreve.

No **capítulo 2**, o prólogo apresentará a publicação *Jornal do Médico* e na sequência, como no capítulo 1, serão analisados alguns editoriais escritos por Fernando Namora para esse periódico, lidos a partir da perspectiva de alteridade que neles é configurado. Desse modo, as relações textuais de ambas as obras de Namora, assinaladas pela coligação que se abrem nesses textos literários às questões que envolvem o tratamento do outrem e a relação entre eles é que vão dar o tom e mesmo nortear a primeira parte – que enfeixa a base para se pensar, a partir da literatura, as narrativas sobre a saúde.

A **parte II**, que compreende os **capítulos 3 e 4**, vai apresentar – tendo em mente o caráter de alteridade compreendido em meio ao *corpus* literário das obras selecionadas de Fernando Namora, e vistos no capítulo um e dois – um quadro teórico das narrativas jornalísticas com definições e abordagens. A intenção é pontuar e situar a respeito da consequente relação desse modelo de narrativa, com a ética jornalística – que implica a responsabilidade individual dos geradores de informação para mídia – e a sua pertinência com a ética da alteridade do conceito levinasiano.

O capítulo 3 tem, portanto, a função de problematizar o fazer autoral do gerador de informações para mídia que se impõe nas narrativas jornalísticas, a partir de abordagens diversas com pesquisadores e teóricos franceses ou da cultura de língua francófona (cujo critério de escolha também foi o de afinidade). Marie Vanoost, por exemplo, vai

colocar questões acerca da ética jornalística a partir da narratologia que vão assinalar observações feitas sob análises importantes que estabelecem tanto do ponto de vista da verdade dos fatos quanto do respeito pelo outro, como: a atitude de interpretação que o jornalista faz através das suas escolhas de escrita é inseparável da sua concepção de leitor, portanto, da questão do respeito por ele (VANOOST, 2013). A discussão entre os limites do ficcional e do factual, é feita por Françoise Lavocat em *Fait et Fiction; pour une frontière* que vai reafirmar tanto a existência quanto a necessidade das fronteiras entre a factualidade e a ficcionalidade com o olhar voltado para o mundo contemporâneo para tratar do assunto, sob aspectos diferentes como o da cultura, o pragmático ou do conhecimento. Em todos os casos, os teóricos convidados a participar do debate que enreda este capítulo da pesquisa fazem o papel de arguidores sobre as relações da prática jornalística com a ética (da alteridade), e facilitadores para esclarecer e apontar as reflexões acerca do pressuposto de que as relações de alteridade são feitas efetivamente diante da face do outrem – que será comentado no quarto capítulo.

E, por último, o **capítulo 4**, que vai amarrar em conclusão o que foi visto na primeira e segunda parte da tese.

Dessa forma, o texto que segue tenta aliar ciência a uma escrita livre, com o cuidado de proporcionar ao leitor clareza e o prazer em ler, e ao mesmo tempo, oferecer uma compreensão da linguagem do outro por meio da invenção de uma linguagem própria; a escuta de um sentido comunicado e a criação de relações inesperadas com o presente (STAROBINSKI, 2018).

Boa leitura!

PRIMEIRA PARTE

1 A LITERATURA DE FERNANDO NAMORA EM FACE DA ALTERIDADE

1.1 Prólogo

Em 2019 começaram as comemorações do centenário de nascimento do médico e escritor português Fernando Namora (1919-1989). Na ocasião, como era de se esperar, pela importância e reconhecimento do autor e obra para a literatura portuguesa, ocorreu um congresso internacional – sediado no recém criado Museu PO.RO.S em Condeixa (terra natal do homenageado), em parceria com a Casa Museu Fernando Namora –, a publicação da revista cultural *Algar* e uma exposição promovida pelo Museu do Neorrealismo de Portugal, em Lisboa, em homenagem ao autor, incluindo um catálogo³ especial sob o título de “Eu não sei se o mundo nasceu: Fernando Namora 100 anos”. A par dessas comemorações, outras iniciativas estão previstas até abril de 2020, entre as quais, as reedições de mais títulos da obra de Namora, sendo um deles *Deuses e demônios da medicina*, prefaciado por Manuel Sobrinho Simões⁴ – médico eleito (em 2015) o patologista mais influente do mundo pela revista científica britânica *The Pathologist*.

A partir de 2016, depois de um longo período distante das livrarias, o escritor Fernando Namora volta a público com o lançamento do livro *Retratos ficcionais de um país real*, de Fernando Teixeira Batista – originalmente sua tese de doutorado. Publicação que apresenta o conjunto da obra de Fernando Namora por meio de uma análise da trajetória literária do autor. E tem o mérito de recuperar para o público em geral a produção de um dos mais importantes escritores portugueses do século

³ Que inclui um texto meu, intitulado “A alteridade na arte-literária de Fernando Namora” In: PITA, Antônio Pedro (Org.) **“Eu não sei se o mundo nasceu”**: Fernando Namora 100 anos. Museu do Neorrealismo: Catálogo, 2019, p. 81.

⁴ Fundador do Instituto de patologia e imunologia molecular da Universidade do Porto (IPATIMUP), e professor na Universidade de Medicina do Porto (FMUP). Personalidade que tive a oportunidade de entrevistar por fazer parte, como jornalista convidada, do projeto *Virtual Autopsy*, coordenado pelo Prof. Paulo Saldiva, diretor do departamento de patologia da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP).

XX – que estava limitada (desde a sua morte) a estudos ou artigos acadêmicos⁵. Outro aspecto importante dessa publicação que se deve mencionar é que traz o comentário de importantes críticos literários do universo intelectual e cultural português, como os de Mario Sacramento, Pierrette e Gérard Chalendar, Urbano Tavares Rodrigues, Álvaro Salema, Vitorino Nemésio e Eduardo Lourenço, só para citar alguns nomes dentre outros⁶ que se ocuparam da literatura de Fernando Namora.

As reedições também começaram a sair em 2016 pela editora Caminho (do Grupo Editorial Leya), e a primeira obra a vir a público, em nova edição, não por acaso, foi *Retalhos da vida de um médico*. Os exemplares impressos se esgotaram rapidamente, vindo a reafirmar o êxito do passado. Logo, um sucesso de leitura que não se deve tratar, exatamente, como surpreendente. Publicada originalmente em duas séries nos anos de 1949 e 1963 (condensada em um único volume nessa nova edição), a obra *Retalhos da vida de um médico* conta as histórias de um doutor – de caráter semelhante ao do personagem João Semana⁷ enredado na sua lida com o exercício da medicina no interior e na capital portuguesa de Lisboa, sob a forma de crônicas narrativas. *Retalhos* foi traduzida para várias línguas – sendo a primeira para o espanhol com prefácio de Gregório Marañón – feito que valeu ao autor (e à obra) o mérito de contribuir para elevação da literatura portuguesa a um patamar de reconhecimento mundial, a exemplo do que disse José Manuel Mendes, diretor da Associação Portuguesa de Escritores: “Fernando Namora foi um dos escritores portugueses mais traduzidos, antes de José Saramago⁸”.

⁵ Ana Carla Pacheco Lourenço Ferri; Armino Pires Nunes (cuja tese foi publicada em 2019 com o título **O humanismo de Fernando Namora**); Elêusis Camocardi, Margarida Losa, Nelly Novaes Coelho, Roxana Eminescu, Paula Morão, Paulo Marques da Silva, Yana Andreeva.

⁶ Carlos Reis, Jacinto do Prado Coelho, Mario Dionísio, Rui Jacinto, Taborda de Vasconcelos e mais.

⁷ Médico de aldeia símbolo de generosidade e altruísmo, que se destaca pelo caráter bondoso ou atencioso para com as pessoas, e cuja preocupação com seus pacientes e doentes em geral excede os limites do atendimento em consulta de *As pupilas do Senhor Heitor* (1867), do escritor Júlio Dinis.

⁸ Cf. Novo Atlas da língua portuguesa (2016, p. 212). Uma matéria no jornal “O público” quando do lançamento do Atlas, foi reproduzida a informação que dele consta sobre os dez autores de língua portuguesa mais traduzidos entre 1979-2015. Disponível em:

Na sequência, em dezembro do mesmo ano, teve lugar a reedição de *Domingo à tarde* – obra publicada em 1960, que narra a história do médico Jorge em meio aos pacientes de câncer no hospital onde trabalha. Ao contrário dos “João Semana” de *Retalhos*, que eram modelos de médicos com condutas exemplares (símbolo de abnegação), o personagem de Jorge assume uma postura exclusivamente científica, isto é, arredia às interlocuções ou conversas (praticadas por seus colegas de trabalho) que possam dar alento ao sofrimento humano, atitude que opera como resposta ao seu próprio sofrer diante da impotência ou ineficácia em combater a doença frente à inevitabilidade da morte. Trata-se de uma obra em que Namora antecipa a atualmente tão discutida postura médica diante do doente. Ele a coloca à prova ou evidencia o valor dessa relação para ambos quando, por exemplo, o personagem do médico Jorge acaba se apaixonando por uma paciente – contrariando assim a ética médica (dada a relação médico-paciente) e apresentando questões deontológicas, levadas a discussão por meio do argumento do envolvimento emocional do médico com sua paciente (Clarisse), o que, paradoxalmente, acaba por torná-lo mais sensível à vulnerabilidade humana provocada pelo sofrimento e a doença.

Outra obra que coloca no centro das atenções a prática médica e a relevância do profissional de medicina é *O homem disfarçado* (1957). Ainda sem previsão de relançamento, esse é mais um livro que problematiza o exercício da medicina tendo em vista a figura do médico. À época, essa publicação alterou os ânimos daqueles que viram na obra crítica, um afronto profissional. Dito por Namora: “o fato de ter denunciado, como ficcionista, certos aspectos corruptos da profissão” (NAMORA, 1981, p. 19) fez com que parte do meio médico tenha recebido *O homem disfarçado* com fúria. Feito que chateou, mas não intimidou Namora⁹.

<https://www.publico.pt/2016/11/15/culturaipsilon/noticia/paulo-coelho-e-saramago-sao-os-mais-traduzidos-1751172> Acesso em: 14 set. 2017.

⁹ Que em resposta afirmaria “um homem só é vencido quando ele próprio o deseja. Estou a pensar mais uma vez naquele meu tio melómano. Semanas antes de morrer, vi-o

Em 2017 saiu a reedição de *O rio triste* – o mais ambiciosamente polifônico dos romances de Fernando Namora, segundo David Mourão-Ferreira, que assina o prefácio. E em 2018 a mesma Caminho (chancelada pela Leya) cumpre a tarefa de dar a lume novas reedições, desta vez com a publicação do romance *Minas de San Francisco* (1946), livro recebido como emblemático do alinhamento estético de Fernando Namora com o movimento neorrealista literário e artístico português à época. De natureza estética semelhante, dada a preocupação com os conflitos e aflições sociais, há outras obras de Namora que ainda estão sem previsão para serem reeditadas, como os romances *Casa de Malta*¹⁰ e *O trigo e o joio* (prefaciado por Jorge Amado¹¹).

Fernando Gonçalves Namora, ou simplesmente Fernando Namora, tem como terra pátria Portugal. A princípio manteve uma vida artística devotada à pintura, mas o gosto pela literatura sempre esteve presente. Com menos de vinte anos tornou-se diretor do jornal acadêmico *Alvorada* e, em 1937, lançou uma antologia de contos e poesia intitulada *Cabeças de barro*, junto com Carlos de Oliveira e Artur Varela – nomes que também se ligariam (de uma forma ou outra) ao neorrealismo português que se prefigurava à época.

Mas foi em 1938, com a publicação do livro de poesia *Relevos* e com o seu primeiro romance *As sete partidas do mundo* – que obteve o prêmio Almeida Garrett – que a carreira de Fernando Namora começou a se impor em maior abrangência. Em 1939, o autor assumiu a codireção da revista *Altitude*, em parceria com João José Cochofel, Joaquim Namorado e Coriolano Pereira, e passa a colaborar também em outras publicações. Dois anos depois publica o poema *Terra*, que deu início à revista *Novo*

sentado à lareira [...]. Severo, lúcido e tranquilo. Conciliado consigo mesmo. Frequentemente, revejo o seu itinerário e há nesse destino seja o que for que me atrai, seja o que for que eu sinto como exemplar. Nenhuma ambição o dominou, nenhum constrangimento o submeteu” (NAMORA, 1981, p. 19).

¹⁰ Obra publicada em 1945 e prefaciada pelo próprio Fernando Namora que esclarece as questões acerca do movimento neorrealista literário português a que seu nome esteve ligado.

¹¹ Os escritores eram amigos. Na Casa Museu Fernando Namora e em algumas publicações comemorativas da obra do autor existem fotos deles juntos.

Cancioneiro, impressa em dez volumes entre 1941 e 1942, e classificada como a “certidão de nascimento do neorrealismo português, como coleção” (SACRAMENTO, [19--], p. 31). Essa revista feita coleção em dez volumes é considerada uma publicação que condensa, sob a forma de expressão poética, uma nova consciência intelectual sobre a realidade portuguesa. A ligação de Fernando Namora com o *Novo Cancioneiro* torna emblemática sua relação com o movimento neorrealista literário português nesse momento, dado o reconhecimento dele como participante da chamada geração dos 40 (no século XX), na medida em que:

Ele é o artífice da coleção [*Novo Cancioneiro*]; depois, pelos versos de *Terra*, é o poeta da sua identidade estética; finalmente, o responsável pelo prolongamento do ímpeto que a animara em outras expressões (SANTOS, 2002, p. 8).

Da mesma maneira, fica a cargo de Namora colaborar com um texto de sua autoria no volume inaugural da coleção *Novos Prosadores* – versão que reúne textos em prosa em relação aos poemas reunidos em o *Novo Cancioneiro* –, desta feita com o romance *Fogo na noite escura* (1942). Segundo Antônio Pedro Pita, o “processo por que Fernando Namora chega ao ‘neo-realismo’, em cuja configuração literária originária, como vemos, participa, é, se assim posso me exprimir, estritamente literária” (PITA, 2004, p. 41), afirmativa que se confirma, dada a evidência de que Fernando Namora avança fiel à sua característica ímpar de escrita literária, quer a visão crítica que lhe é peculiar o aproxime de uma literariedade eminentemente neorrealista, quer, sob outro aspecto, de uma mais acentuadamente existencialista¹². Se, por um lado, como diz Namora, ‘meus livros traçam com fidelidade a jornada do homem’, tem sentido a sua observação complementar de que “novos temas fazem apelo a uma nova linguagem que lhes seja adequada, o modo de narrar também evolui” (NAMORA, 1981 p. 29). Assim, a trajetória criativa de

¹² A observação feita por Mario Sacramento de que o existencialismo chegou a Portugal por meio da leitura de Sartre e Camus (que tiveram como tradutor e impulsor do existencialismo, em terras portuguesas, o escritor Vergílio Ferreira) foi retomada na tese de doutorado de Ferri (2016).

cunho particularmente autoral de Namora segue o seu percurso. Atualizando-se como escritor, experimenta sempre uma forma diferente, porém, sempre “advinda de um veio elementar: a escrita como pulsão do real”, como afirma Mendes (1988).

Existe uma atualidade nas obras de Fernando Namora que se pode traduzir como a da capacidade para uma observação aguda da condição humana, apreendida por uma visão cética do homem em contínuo diálogo com o momento presente. Asserção que vai ao encontro do que o próprio Namora tinha em conta, isto é, de que são necessárias outras ou novas soluções estéticas para novos e diferentes problemas. Dessa forma a escrita namoriana, em tempo, assume um papel autoral de múltiplas narrativas e gêneros literários. Namora chega a afirmar que qualquer que seja o contexto ou a “linguagem que lhe esteja adequada, o que está em causa é sempre o homem, a tal fusão entre o instante e o eterno” (NAMORA, 1981 p. 110). Motivo preponderante pelo qual a sua literatura permanece até hoje dialogando ou interessando, pois, os homens (visados) ou os personagens que lhes dão vida no papel, “experimentam, com uma sensibilidade de esfolados vivos, a sua inegável fragilidade” (LOURENÇO apud NAMORA, 2016, p. 10). Ele mesmo, Fernando Namora, era, de acordo com Eduardo Lourenço, um homem cujo coração vibrava “em uníssonos com as dores do mundo” (LOURENÇO apud NAMORA, 2016, p. 18).

Dentre outros aspectos relevantes do percurso da vida e obra do autor, é devido destacar ainda a relação de Fernando Namora com o Brasil. Que teve como elo de ligação o interesse pela literatura do chamado regionalismo literário brasileiro, e foi (a par da literatura norte-americana de preocupação social e do realismo socialista soviético) uma das fontes primárias de inspiração da corrente literária do neorrealismo português – acontecido de maneira mais acentuada na década de 30 até o final dos anos 50 do século XX. Especificamente, no caso de Namora,

ganhou a sua admiração a escrita e a pessoa de Jorge Amado, de quem se tornou próximo¹³.

Em 1981, Fernando Namora foi indicado ao Nobel de Literatura, vencido pelo escritor búlgaro de nacionalidade britânica, Elias Canetti. José Saramago ganhou o prêmio em 1998. Por ocasião do 10º aniversário da atribuição do prêmio Nobel concedido a Saramago (10/dezembro de 2008), a Fundação com o nome deste escritor ofereceu uma homenagem à literatura portuguesa por meio da leitura de autores conterrâneos de destacada notoriedade. A fala de abertura, proferida pelo próprio Saramago, foi intitulada "Saramago lê Fernando Namora"¹⁴. E a referência a Fernando Namora se explica por ser ele um dos escritores portugueses que, por meio da sua obra, deu visibilidade internacional para a literatura portuguesa.

Finalmente, sob o título "Morte do escritor português Fernando Namora", o jornal francês *Le Monde* anunciou a morte do escritor, em 1989: "O escritor Fernando Namora faleceu em 31 de janeiro em Lisboa, devido a um câncer. Ao final do ano de 1988 ele havia recebido a visita do presidente da República de Portugal, Mario Soares"¹⁵

A repercussão da sua morte nos jornais de Portugal traz o adeus pela escrita de literatos e intelectuais. Nas palavras de José Saramago:

¹³ Fernando Namora esteve algumas vezes no Brasil como participante das Conferências Luso-Brasileiras de Medicina e do Congresso de Crítica Literária, tendo sido também homenageado pela Academia de Letras do Rio de Janeiro. Há fotos dele com o escritor Jorge Amado no Museu Fernando Namora, bem como vários registros de menções à obra do escritor brasileiro, bem como de Amado a Namora. Sobre o neorrealismo português, conferir o site do Museu do Neorrealismo:

<<http://www.museudoneorealismo.pt/pages/1120>>. Acesso em: 31 out. 2019.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.josesaramago.org/cronobiografia/>>. Acesso em 31 out. 2019.

¹⁵ "Mort de l'écrivain portugais Fernando Namora" o jornal francês *Le Monde* publicaria a seguinte chamada frisada em subtítulo: "L'écrivain Fernando Namora est mort, mardi 31 janvier à Lisbonne, des suites d'un cancer. A la fin de l'année 1988, il avait reçu la visite du président de la République portugaise, M. Mario Soares" (Les Archives de Le Monde - 2 de fevereiro de 1989). Disponível em:

<https://www.lemonde.fr/archives/article/1989/02/02/mort-de-l-ecrivain-portugais-fernando-namora_4118538_1819218.html>. Acesso em: 31 out. 2019. (Tradução livre).

Abriu-nos o caminho

A morte de Fernando Namora surge em momento que a cultura portuguesa, em particular na sua expressão literária, é reconhecida internacionalmente como das mais interessantes e originais do mundo actual. Por isso mesmo, deve ser agora recordado aquele tempo, dez ou vinte anos atrás, em que a obra romanesca de Namora foi, praticamente, o único mensageiro, fora das fronteiras, das capacidades criadoras dos portugueses no campo da literatura. De algum modo se pode dizer que Fernando Namora nos abriu o caminho. Pelo valor próprio da sua obra, Namora já entrou para a história da cultura portuguesa, mas também a sua bondade e generosidade permanecerão na nossa lembrança como lição de luminosa humanidade¹⁶.

Na atualidade, desde 1989, quando foi entregue pela primeira vez, é concedido anualmente, para uma obra de ficção de um autor português, o Prêmio Literário Fernando Namora, criado em homenagem ao escritor.

1.2 Retalhos da vida de um médico

A frase do poeta e correspondente de guerra russo Konstantin Simonov¹⁷, “A vida do escritor é sempre, no fim de contas, a primeira fonte da sua obra”, lembrada (em prefácio) por José Manuel Mendes – responsável pela curadoria das obras de Fernando Namora e eleito dignitário pelo próprio Namora – vem a propósito. *Retalhos da vida de um médico*, obra central do escritor F. Namora e memorial de múltiplas ocorrências de seu exercício da medicina, remontam às suas lembranças de casos, sensações, paisagens e pessoas. Fez-se da convivência mútua de vida e obra e, dessa simbiose, o liame que forjou a literariedade namoriana. Distante de considerar as narrativas que constam de *Retalhos* uma escrita de gênese puramente biográfica, Namora dá a conhecer – em parte, por intermédio de uma série de entrevistas concedidas a jornalistas portugueses e de várias outras nacionalidades, enfeixadas em um único

¹⁶ Publicado no JL – **Jornal letras, artes e ideias**. 6 a 13 de fevereiro de 1989. Ano VIII. Número 344, p. 8 (Espólio Fernando Namora – BNP Esp.E63 Cx.74. Última consulta: outubro/ 2019).

¹⁷ Nascido em 1915, viveu até 1979, seu legado como escritor inclui o famoso poema de guerra *Wait for Me* (1941), destaque da literatura russa.

livro intitulado *Encontros* – que se trata de episódios retirados de personagens ou cenas efêmeras e, por vezes, de alguma lembrança emocional. Mas confessa que, dado o seu ofício de médico, ele foi sendo experimentado “pela vida crua, polifacetada e desmistificadora” com que se fundia. E acrescenta; “o convívio medular com o povo (não os das demagogias, mas o genuíno), [...] repercutiu fundo na minha personalidade e, conseqüentemente, nos meus livros” (NAMORA, 1981, p. 18). Nas palavras do autor, seus escritos partiram quase sempre de uma “personagem fugaz, de uma cena breve, às vezes de uma frase, de uma emoção, enfim, que depois se diluiu na história pelo escritor elaborada. Nem por isso, julgo, eles serão menos verdadeiros” (NAMORA, 1981, p. 149).

As obras e seus autores, cada um a seu modo, têm as suas histórias (de vida) e seus elementos contingenciais que as tornam peculiares tanto ao escritor quanto ao livro ou aos livros de seus criadores. De imediato, vem à mente a aula inaugural realizada por Martin Heidegger, em 1919, como assistente da cátedra do fenomenólogo e, então, professor em Friburgo, Edmund Husserl. Tinha 29 anos e dava seu “primeiro seminário como filósofo acadêmico [...]. Exatos dez anos mais tarde, Heidegger vai afirmar, no mesmo lugar, que toda a sua filosofia gira em torno do sentido da palavra ‘ser’ [*Sein*]” (EILENBERGER, 2019, p. 66). Foi o conteúdo desse seminário ministrado por Heidegger na Universidade de Friburgo que deu origem à filosofia do *Dasein*, e exposta em sua obra mais famosa, *Ser e Tempo* – que seria publicada em 1927.

Retalhos da vida de um médico não é diferente quanto ao seu surgimento, isto é, também remete a uma história anterior à sua publicação e não sem deixar à mostra um certo caráter marcante da obra que vem a ser posteriormente publicada. Era década de 40 e Fernando Namora já era reconhecido como escritor por suas publicações. Vivia naquele momento seus dias como tal, entre as paisagens dos pequenos municípios do interior de Portugal e o exercício da medicina junto ao povo daqueles vilarejos, quando chegou a carta de um editor da cidade.

Surpresa. O convite era para que colaborasse com um “magazine de qualidade” intitulado “Ver e Crer”¹⁸. A proposta pareceu interessante a Namora, em especial porque os editores “dirigiam com mão conhecedora do ofício”. De bom grado, a colaboração começou a acontecer, a princípio com o envio esporádico de algumas páginas. Em vista do sucesso dessa estreia, o escritor foi instado a colaborar com mais constância na publicação. Assiduidade que obrigaria F. Namora a pensar em novos escritos. Foi então que ele teve a ideia de escrever relatos do seu dia a dia como médico das pessoas da comunidade de que se ocupava. “E assim, sem programa, sem um objectivo a longo prazo, surgiram as primeiras páginas de *Retalhos da vida de um médico*” (NAMORA, 1981, p. 54). Respondendo aos que lhe perguntavam se essas eram páginas acontecidas ou imaginadas, Namora pede desculpas àqueles que poderiam se surpreender, e diz que foram imaginadas. Mas “tão imbuídas de uma realidade crua, insuspeitada, que era inevitável perderem o jeito da ficção” (NAMORA, 1981, p. 54).

Contudo, entre os escritos e a publicação existiria ainda um caminho a se trilhar. Eles passam por alguns editores até cair nas mãos de Eduardo Salgueiro, diretor da Editorial Inquérito, que segundo Namora era um importante difusor da cultura em Portugal à época, e que teria vaticinado: “Este será o livro da sua vida” (NAMORA, 1981, p. 55). Dito e feito. As tiragens foram sucessivas até que *Retalhos da vida de um médico* teve sua primeira tradução para o espanhol. E por ter esgotada a primeira edição, houve o impulso a muitas outras traduções para diversas outras línguas estrangeiras. Namora conta sobre a versão para o inglês, que ganhou o título de *Mountain Doctor* (William Kimber, Londres), cujo editor se interessou em conhecer o cenário ou os lugares onde as histórias do livro ganham vida. “Um homenzarrão loiro, que fazia dois dobros de mim [...]. Apetecera-lhe deslocar-se a Portugal [...]. Existiria verdadeiramente

¹⁸ Encontrei a cópia de um texto com o título de “Médicos que conheci”, publicado nessa **Revista “Ver e Crer”** por Fernando Namora, que poderia facilmente se transformar em ou dar vida a um livro. Faz parte do Espólio do autor. Disponível em: E63 Cx. 74. Número 53, novembro de 1949, p. 31- 39. Última consulta: outubro de 2019.

esse [...] mundo das minhas narrativas? Existe. Ele percorreu-o minuciosamente” (NAMORA, 1981, p. 57).

“*Retalhos da vida de um médico* está entre as obras que anteciparam ou demarcaram e até exploraram veias criativas para livros que seriam escritos posteriormente” (NAMORA, 1981, p. 45). Sendo que dentre as obras que vieram a partir de *Retalhos* e realizadas com enredo e/ou argumentação mergulhadas no universo comum da medicina, destaca-se *Domingo à tarde* (1960) e *O homem disfarçado* (1957). O mundo da medicina está posto em algumas obras do autor – algumas mais e outras menos relacionadas – seja pela temática, seja na intenção de problematização de tema específico, personagens, abordagens críticas, metáforas ou até mesmo o uso de analogias médicas:

O médico, pela natureza da sua missão, tenta desvendar os mecanismos que perturbam a nossa estrutura [...] e zela-lhe o equilíbrio contra as ameaças, tomando ao mesmo tempo consciência de que a saúde de cada um é indissociável da saúde pública em geral e, portanto, dos fatores sociais e econômicos que a influenciam. Daí esse zelo inscrever-se numa perspectiva global que tem em conta a inextricável interdependência dos problemas individuais com o largo e profundo contexto que lhes dilata as ressonâncias (NAMORA, 1981, p. 62-63).

Seria de estranhar caso a formação não tivesse reflexos na vida das pessoas. Pois o que se vê é que ela acaba, em grande medida, por absorver os indivíduos como a uma segunda pele, influenciando sobremaneira no ponto de vista e na visão do mundo. Essa noção pode ser complementada com o comentário, feito por Namora, de que aquela verdade emergente do que é fabulado, colocada “na singular coerência que a literatura exige, espelha a vida tal como ela vai nos impregnando” (NAMORA, 1981, p. 149).

Retalhos foi um livro decisivo para Fernando Namora como escritor de vulto. Obra publicada em duas partes, com uma distância de alguns anos: uma em 1949, a primeira série, que corresponde aos escritos do autor desde quando iniciou a sua carreira de médico no interior de

Portugal. E a segunda, publicada em 1963, que reúne escritos de contrastes mais urbanos criados a partir de 1950, quando aceitou o convite para trabalhar no Instituto Português de Oncologia, em Lisboa.

No conjunto da obra de Fernando Namora, são vários os mundos e a galeria dos tipos humanos que habita os seus livros. Tantas quantas foram as experiências (imaginativas ou não) do escritor. Talvez, como Namora advertiu, as pessoas vejam nos livros algo que foi uma revelação para o escritor. Agradava-o pensar que os livros são para o autor “terras virgens à espera de quem as desvende” (NAMORA, 1981, p.30). E que seria para ele estimulante que acontecesse desse modo com a maioria dos livros que escreveu, reafirmando ainda ver de bom grado que os seus livros fossem lidos de maneira diferente de leitor para leitor.

Vejamos.

1.3 Em linha de análise

Tavares (1988) disse certa vez que o escritor Fernando Namora se aproximava do mais profundo do ser humano, e não do homem abstrato, não a sempre projeção do *eu*. A asserção ecoa em *Retalhos da vida de um médico*, fazendo-se sentir pelo tom de alteridade imposto ou guiado pela ação (e ao tempo) do narrador na relação com os personagens por ele enredados. O espaço é o da saúde humana. E é na voz narrativa dos médicos, os personagens centrais ou protagonistas das tramas apresentadas, que se dá a conhecer o eco da não projeção ou suspensão do eu pela predileção do outro. Nesta obra em particular, mais do que em outras do escritor, o outro se mostra com distintiva relevância, isto é, em forma e conteúdo, ao modo do narrador e de suas reflexões.

Em “História de um parto” (NAMORA, 2016, p. 21-29), a primeira narrativa da referida obra de F. Namora, o narrador é um médico recém-formado que assume o lugar de “médico avançado” em uma pequena província no interior de Portugal. Tem que lidar, a princípio, com a resistência dos moradores da comunidade como pacientes que

simpatizavam com o médico que o precedia e que ganhara credibilidade pelo longo período em que ele lá estivera. Além da diferença de idade: o recém-formado assumia-se com 24 anos, o que não era exatamente uma vantagem para quem tinha de se impor diante daquele “povo soturno, endurecido a subir e descer abismos, frutificando uma terra alheia” (2016, p. 23), a pressentir o perigo da inexperiência. Posto que a aceitação deveria se dar em algum momento, a prova de fogo chegou com a necessidade de fazer um parto. “O parto sempre representou aos olhos do povo uma hora solene: nele se apostam duas vidas e também as qualidades de arrojo, calma e o saber de um profissional” (2016, p. 23-24). Se o parto significativamente “aos olhos do povo” prevalece em relevância devido a sua “aura” de vida, referenciada pela usual expressão “dar à luz” – em que o sofrimento e a dor chegam a ser mitigados porque, ao final, há vida –, na realidade, o parto (co)existe com a condição humana. Vida e morte.

Na história da medicina, a preocupação com o momento do parto sempre existiu. Desde a Grécia antiga, a febre pós-parto assombrou o conhecimento médico. Em *A peste dos médicos*, escrito por Sherwin B. Nuland, lê-se sobre a febre puerperal, surto epidêmico infeccioso causado por bactérias que custou a vida de milhares de parturientes na Europa do século XIX. Nuland cria uma ficção para narrar, em detalhes, a luta do médico Ignác Semmelweis (1818-65) para provar – por meio de pesquisa meticulosa – que a febre puerperal poderia ser evitada com o cuidado especial de higienização das mãos dos médicos. Sobretudo após a realização da autópsia nas pacientes acometidas pelo mal.

No período histórico (década de 30) em que é narrada a “história de um parto” de Fernando Namora, havia ainda a sombra do “imberbe João Semana” – médico de aldeia, de caráter irrepreensível e honrado, retratado por Júlio Dinis em *As pupilas do senhor Reitor*. A expressão “ser como um João Semana” simboliza, em meio à classe médica e para mais, um espírito generoso e altruísta – e a preocupação com curandeiros e parteiras (as chamadas comadres) que animavam as superstições de

grande parte da população. Conforme relata o narrador dessa história – o médico que personifica a ciência, configurando-se antagonicamente quanto às superstições populares –, apesar da presença eminente dos curandeiros, vez por outra eles até poderiam ser insultados “na[s] sua[s] banca[s] de fígaro” (2016, p. 24). Mas a comadre parteira, “a velha suja talhada em pedra enrugada” (2016, p.24), vestida de preto, tinha “fama e pão certos até os fins dos tempos” (2016, p.24). Tal era o clima reinante. O embate entre o conhecimento e a ignorância, na primeira metade do século XX, estão presentes em várias das histórias narradas em *Retalhos*, assim como ecoam na reflexão estética literária de autores clássicos de outros países da Europa, como a Itália entre outros, assinalando, dessa maneira, um certo momento da história. São personagens que, à semelhança dos de Namora, encontram-se enredados em certas regiões pobres e distanciados dos hábitos e costumes dos grandes centros europeus.

Logo, torna-se evidente por que esse antagonismo (aqui provocado pelo embate ou choque com a ciência médica) ganhou destaque na literatura pelas mãos de Namora e de outros escritores, que como ele, sensibilizaram-se com os aspectos socioeconômicos e culturais que acabam por revelar. Trata-se de uma sensibilidade que caracterizou o chamado movimento neorrealista da época, que se fez sentir não só na literatura. Na Itália, por exemplo, onde o movimento nasceu a partir do cinema, nas palavras de Cesare Zavattini, essa corrente artística de verve neorrealista é sobretudo “uma nova atitude perante a realidade” (ZAVATTINI apud BELLO, 2018). Em meio à literatura ou extensivo a ela, o italiano Carlo Levi, também escritor formado em medicina, e contemporâneo de Namora (viveu entre 1902 e 1975), apresentou, em seu romance mais conhecido, *Cristo si è fermato a Eboli* [Cristo parou em Éboli], publicado em 1945 – dez anos depois de o ter escrito –, uma proximidade peculiar com as personagens antagonizadas da comadre e dos curandeiros (ou mágicos, como os chama) de Namora. Nele, Levi conta uma história em que a narrativa mistura realidade e imaginação

segundo a memória de um médico (o próprio narrador) que não se dedicava mais à clínica médica e passa a fazê-lo, em dado momento, para ajudar a população de uma pequena cidade ou aldeia da região da Sicília – em que o autor viveu, de fato, como exilado político do fascismo. E, assim, vê-se que vida e obra convergem nesse romance, à semelhança das experiências médicas vividas pelos dois autores, Carlo Levi e Fernando Namora, ainda que de maneiras singulares e distintas.

O momento decisivo de a “História de um parto” é quando o médico assume a operação na parturiente, e a sua narração parece suspender a ação enquanto o personagem insiste e persiste nas reflexões que configurarão exemplarmente, aqui, a preocupação, que ultrapassa os ditames da ciência médica. Isto é, “de memória, eu ia revendo precipitadamente as ilustrações dos tratados, as técnicas” e receando “amachucar o ser que viria para a vida pelas minhas mãos” (2016, p.27). E, a “par dos tratados, também mentalmente estava ali comigo o velho, na sua imagem de dor humilde e silenciosa [...] nós ambos e a sua filha” (2016, p. 27). Como médico há, é certo, o conhecimento profissional “dos tratados”. Porém, surge para além do fazer técnico uma questão de alteridade que é apreendida por ele: “duas vidas estavam à mercê daqueles minutos próximos” (2016, p. 27). Vidas estão em jogo, não existe exclusivamente um *eu* médico, e as consequências de suas ações diante de um possível fracasso são levadas em consideração. O médico pensa nos pesares dos familiares da parturiente: “estava ali comigo o velho, na sua imagem de dor humilde e silenciosa [...] nós ambos e a sua filha”. Jaspers (1998)¹⁹ afirmou que a antiga tradição médica está fundada na soma da ciência e da humanidade e que esta é a arte médica. Ao final, a arte médica ultrapassa toda a ciência porque se encontram homens com homens. Lévinas (2013, p. 82)²⁰, por sua vez, esmiuçaria a sua própria

¹⁹ (1883- 1969) Estudou medicina e lecionou filosofia na Universidade da Basileia. Foi influenciado pelo pensamento do filósofo e crítico social dinamarquês Soren Kierkegaard (Cf. JASPER, 1998).

²⁰ Filósofo contemporâneo nascido em 1905 (-1995) reconhecido pela noção de ética da alteridade que implica a responsabilidade individual do ser humano para com o outrem.

ideia de alteridade explicando que o “Eu é sujeito porque é-para-o-outro homem”, um sujeito que é ético porque responsável. Para Lévinas (2013, p. 84), esse sujeito (ético) trata de “afirmar a própria identidade do eu humano a partir da responsabilidade, isto é, a partir da posição ou da deposição do eu soberano”.

Gemidos, silêncio, o morno das respirações [...], e depois de muitos esforços dos meus pulsos e dos meus nervos [...], mas também todo aquele ventre dorido, a cabeça do recém-nascido rompeu para o mundo (2013, p. 28).

Caberia, aqui, o médico posar de herói, porém, não o fez: “lavei-a com carinho, feliz, alvoroçado. Amava-a como se me pertencesse” (2013, p. 28). O orgulho do médico, que poderia se colocar em bom lugar nesse momento, cede ao bom senso de apenas observar que “os corvos e dentre eles, o mais sinistro: a comadre”, ergueu as mãos e gritou, milagre! “E ficámos amigos” (2013, p. 28). Ao final, “esperava-me uma noite afogueada de outono” (2013, p. 28) e o velho [pai da parturiente] engolindo a saliva, estava “mudo de emoção”. Como numa posição de sentido, tirou o chapéu e, muito tempo depois, “conseguiu rouquejar: — Obrigado, senhor doutor! Obrigado. Viva! para sempre” (2013, p. 28).

A fé ou a religiosidade e a ciência se encontram e se unem (“E ficámos amigos”), dado o “milagre” da vida. No âmbito religioso, oriundo da tradição judaico-cristã, o milagre é a criação, ou seja, a vida. Em um entendimento fora da compreensão teológica, a vida secular se alinha com o universo dos sistemas orgânicos e funcionais ou biológicos dos seres humanos a partir de explicações vindas do campo de estudos científicos. Contudo, sem uma explicação definitiva, a vida permanece surpreendente (um espanto) em sua concepção. Isso aparece configurado de forma estratégica e estilisticamente poética no desfecho dessa narrativa: “Viva!”

Mas, nem todo final contempla a vida. Diferente da primeira história contada, a “Outra história de um parto” (NAMORA, 2016, p.181-193) não tem um final feliz. E, mais do que narrar visando a uma perspectiva do

outro, existe nessa narrativa a visada da experiência da morte que forçosamente faz o homem ter que aceitar o fator contingencial da vida como irrefutável, ao mesmo em que expõe a fragilidade humana.

De início, o narrador situa a geografia dos lugares. Depois, descreve as paragens que faziam divisa e o que constituía as paisagens e o clima da estação vigente: "Partimos antes de o sol chegar às herdades" (NAMORA, 2016, p. 183). Como o lugar aonde o médico deveria chegar era muito distante e de difícil acesso, tinha o marido da parturiente que o havia requerido, a guiá-lo pelos caminhos. O caso era que pela "segunda vez a sua mulher tinha um parto retardio; deste havia quatro noites que gemia sem mais adiantamento" (2016, p. 183-184). Chamar o doutor foi a última alternativa. E eis que entra em cena mais uma vez a figura da comadre "escura", causa de preterir (postergando) os serviços de atendimento médico para fazer o parto. Uma vez vencidas as veredas e os obstáculos da travessia daqueles locais de passagem, chegaram o marido e o médico. "Encontrei-a agachada sobre o chão, os braços amparados por três ou quatro vizinhas, enquanto a comadre a assistia" (2016, p. 183) com os "dedos sujos, manobrando às cegas, o avental escuro e ensanguentado" (2016, p. 183). O narrador alerta para os preceitos que mereciam fé, numa clara alusão às crenças (perigosas) nas comadres como conhecedoras das ciências (da saúde e do bem-estar). Mostra-se indignado com o tratamento dado à parturiente, sobretudo, à falta de higiene no trato com a paciente com que se deparou à sua chegada. O médico ordenou que trocassem os lençóis e a colocassem em cima da cama com as roupas limpas. Dessa maneira, a criança pôde chegar às mãos do médico "libertada" e "pouco depois, chorou o choro de triunfo e de mágoa de quem se abre para a vida" (2016, p. 186). Aliviada da dor mais contundente, a mulher indagou ao médico se a criança tinha algum defeito. Estranhando a interrogação, pois, "pela primeira vez uma camponesa" lhe fazia tal pergunta, o médico respondeu que, pelo contrário, era uma bela menina. "E era: robusta, as carnes redondas, perfeita" (2016, p. 187). Incrédula, disse que queria ver a criança

novamente e voltou a perguntar se tinha defeito. Porém, não podia se levantar, precisava de repouso absoluto, uma vez que a hemorragia persistia. “A senhora parece não acreditar em mim. [...] bem vê que lhe mostrei! Receava alguma coisa?” (2016, p. 188). Já tinha, segundo ela, uma filha “desgraçada” por ter o lábio leporino, dada a descrição que fez. E o médico retrucou que tinha como deixá-la, sem defeito algum, como as outras, com uma operação nada complicada. “Sei lá, senhor doutor. Há quem diga que são pragas, que alguém passou um anel pela minha barriga” (2016, p. 188). A voz do narrador segue pela via da crítica às superstições, salientando quanto sofrimento essas crenças podem causar nas pessoas. E o que se revela ao leitor é que, do ponto de vista do narrador, importa menos a crítica de contexto social do que o sofrimento que está em causa.

A narrativa faz conhecer o modo como vivem: “A sala de entrada (ao mesmo tempo cozinha, copa, sala de mesa e de recepção de todo o pobre)” (2016, p. 185), evidenciando que o que mais importa é retratar as consequências da pobreza para o cotidiano das pessoas, que se torna insustentável e no mais das vezes um caso de doença *versus* a saúde ou vida *versus* a morte. O timbre, que se faz sentir a quem se deixa envolver pela leitura ou simplesmente se deixa levar pelas histórias, é o da alteridade. Assim, não se trata a narrativa como a uma escrita cujo objetivo único seja a construção de um discurso crítico-social. Cresce o ponto de vista do narrador, que se concentra sobre o que sentem os outros ou como se dão as relações e inter-relações que, na pele dos personagens, trazem à tona as experiências humanas e o universo que as cerca. O foco narrativo percorre as agruras existenciais do ser humano.

Depois de saber que o real motivo da aflição da parturiente em saber se a criança que acabava de gerar era ou não perfeita tinha por motivo o lábio leporino da sua primeira filha, o médico tenta acalmá-la e pede para que descansa, enquanto ele, por sua vez, sai para tomar um ar fresco do lado de fora da casa. Ali encontrou o camponês, marido da parturiente, que procurava dinheiro para pagá-lo levando “a mão à

algibeira funda” (2016, p. 189). Imediatamente, “com o sapato, raspei a areia esgueirada entre as pedras. Para mim e para os meus camponeses aquele era um momento delicado” (2016, p. 189). De maneira que “nunca me libertarei da opressão de estar aqui, entre eles, como um negociante das suas tragédias” (2016, p. 189). O médico sabia que valia muito para os seus pacientes, mas, ao mesmo, sentia que seu préstimo “era tão solidário, as nossas vidas tão juntas, que a remuneração aviltava [...] (2016, p. 189). Quantas vezes tenho odiado o que obriga a minha profissão a alimentar-se das desgraças alheias!” (2016, p. 189). O drama dos personagens está posto, mas a trama ainda não terminou. Após provocar desvio de conversa para adiar o momento de receber o pagamento do camponês – que percebeu o seu embaraço e iniciou “a sua manha de campônio” (2016, p. 190), tirando partido das suas “hesitações” – encontrou a filha mais velha do casal. “A mãe descrevera bem a anomalia: era um dos casos mais impressionantes que eu tinha observado” (2016, p. 190). Dado o encontro imprevisto, a menina, envergonhada, rapidamente entrou para dentro da casa e foi ter com a irmã. “Vi-a abrir caminho entre as mulheres e ajoelhar sobre a recém-nascida. Investigou com frenesi todo aquele corpo tenro; e beijou-a, beijou-a com carinho e violência, [...] desfazendo-se num choro repousado” (2016, p. 191). Nesse instante, “branca e hirta” apareceu a mãe e, apoiada na parede, quase desfalecendo, deixou “um rastro de sangue entre os pés” (2016, p. 191). Disse que ouviu um choro e se lamentou dizendo saber que a enganavam ao lhe terem asseverado que a criança era saudável. Quanto ao médico:

Eu nada podia fazer antes que a mulher devorasse a recém-nascida em cada milímetro da pele, antes que as suas mãos lhe corressem todos os ossos e articulações; mas encarei de súbito com a mancha de sangue, crescendo e abrindo braços nos regos da pedra, alastrando como um polvo. E peguei lhe à força pela cintura, gritei desorientado. Era muito tarde. Ou tinha sido tarde desde o princípio. Ela morreria dois dias depois, serena, certa de ter oferecido ao mundo um ser perfeito (2016, p. 191).

A alteridade para a qual se aponta e é observada em trechos das narrativas de Fernando Namora apresenta de forma eminente a perspectiva do outro. Segundo o professor Antônio Pedro Pita, da universidade de Coimbra, essa característica pode ser considerada a pedra fundante da escrita de cunho neorrealista de que se considera ser o autor um representante. É contemporânea do chamado neorrealismo namoriano a produção literária em verso e prosa do início da década de 40 e, em caráter menos intenso, aquela escrita em anos imediatamente posteriores à época da chamada "geração de 40". Há que se levar em consideração que a crítica social elaborada por Namora, nunca foi exatamente ideológica. E, não tendo prevalecido a ideologia (por isso, o autor foi muitas vezes condenado ou criticado), o que se vê na sua literatura é o contexto socioeconômico e cultural em que se encaixam os personagens. É da condição humana e suas respostas aos desafios e da intercambiável relação com o outro de que Namora fala. "Cada época literária seleciona os materiais que a caracterizam [...] seja qual for o contexto e seja qual for a linguagem que lhe esteja adequada, o que está em causa é sempre o homem" (NAMORA, 1981, p. 110).

Entretanto, é de se ressaltar que em Namora não há uma "sacralização do homem" (NAMORA, 1981) ou uma dignificação do homem em virtude da classe social à qual pertence. Isso vale para o conjunto da obra de Namora. Um exemplo, tirado desta narrativa em especial, é o detalhamento da "manha" ou encenação do camponês, ao perceber o embaraço do médico em ter que cobrar pelo atendimento.

Da combinação ou sistema de forças entre a observação, a reflexão e o encadeamento das ações praticadas (pelo personagem central do médico como narrador) nasce e se desenvolve a dinâmica do modelo de alteridade que enxerga o outro como outro. A estética literária de Namora revela uma perspectiva voltada para a alteridade. O outro se estabelece como foco da narração, porque é caracterizado em detalhes. O personagem central que está afigurado ao médico projeta o outro para fora do âmbito do seu eu, de forma que este outro ou estes outros que

compõem os personagens que com ele se relacionam se amplifiquem aos olhos dos leitores. A trama narrativa de *Retalhos* varia, alicerçada na relação entre o eu (não voltado para si mesmo) e o outro, que é reconhecido pelo primeiro como tal – que é formalmente vivificada pelo enredo e o encadeamento das ações mediante as reflexões do personagem central: “A par dos tratados, também mentalmente estava ali comigo o velho, na sua imagem de dor humilde e silenciosa” (NAMORA, 2016, p. 27). Entretanto, o outro não se faz evidente como um elemento temático em *Retalhos da vida de um médico* ou mesmo em outras obras de Fernando Namora, tal como foi para Tzvetan Todorov, por exemplo, que em *A conquista da América* (1982) abordou a questão do outro e compartilha dessa intenção, esclarecendo ter sido o tema da alteridade o centro de sua atenção (TODOROV, 2016). Nessa obra, o autor partiu da história para chegar nas configurações das relações entre os homens e daquele que se considera o outro: “Mas, como falar disso? No tempo de Sócrates, o orador costumava perguntar ao auditório qual o seu modo de expressão, ou gênero preferido: o mito, isto é, a narração ou a argumentação lógica?”. E conclui: “Na época do livro, a decisão não pôde ser tomada pelo público. A escolha teve de ser feita para que o livro existisse” (2016, p. 4). Assim, Todorov decidiu contar uma história verdadeira, e seu interesse particular prevaleceu sobre o do historiador, no sentido de que quis refletir sobre como se comportar, no presente, em relação a outrem. As narrativas de *Retalhos da vida de um médico* não se materializaram a partir de um ato intencional do autor cujo objetivo fosse falar das relações com o outro. A face da alteridade que se alega estar na escrita de Namora tem como fonte a própria “visão do rosto do outro” (vista nas relações entre os personagens a partir dos médicos que protagonizam as narrativas), não como um objeto, mas como um outro homem, que não é só um aspecto físico: “E mais ainda uma vez tomei a iniciativa de escolher o trajeto, pela vereda que nos levaria ao muro e aos baldios. O meu companheiro, então, ergueu os olhos – uns olhos claros e pela primeira vez macios de emoção” (NAMORA, 2016, p. 60). A

alteridade, assim reconhecida, “não se reduz ao fato de que nós diferimos por nosso corpo ou pela cor de nossos cabelos ou pelo lugar que ocupamos no espaço” (LÉVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 87).

Saltámos juntos o muro, como dois camaradas. Debaixo das árvores, estendida num molho de feno, os pómulos febris, a mãe dele esperava-nos. Dilatava as narinas, ofegante, e quis levantar-se quando me viu – mas o marido, de joelho em terra, segurou-lhe a intenção. Ele tinha o rosto moreno, seco, faminto.

A mulher era mais um caso grave de gripe em que a pneumonia progredira como lume sobre estopa, nada havendo nesse organismo gasto de misérias que estorvasse a devastação. Receei o pior. Fui com o garoto ao hospital pedir que transportassem para lá a doente. Pelo caminho, conversámos (NAMORA, 2016, p. 60).

As relações e inter-relações dos médicos de *Retalhos* com os personagens que com eles interagem na trama são o fio condutor central das histórias narradas. E o modo como elas se dão está igualmente presente no texto, de forma recorrente, demonstrando que as relações humanas são díspares ou assimétricas. Impossível, portanto, – de acordo com Lévinas e com as narrativas namorianas vistas – agir com responsabilidade para com o outro, se houver a espera de uma reciprocidade. Sobretudo porque a realidade demonstra que na maioria dos casos a recíproca não é verdadeira no trato entre os homens:

Na madrugada que se seguiu à morte da mulher fomos encontrar a nossa cabana incendiada. [...]

Ainda hoje medito no sentido desse fogo. Talvez o garoto quisesse vingar a morte da mãe. Talvez nos quisesse dizer que eles, uns bichos, não precisavam de uma casa para nada. Nem para morrer (NAMORA, 2016, p. 61).

A perspectiva narrativa que apresenta o médico como responsável pelo outro, como se vê no texto (exemplificada nesta narrativa, mas não só nela) não corresponde, apenas, àquela responsabilidade médica ou profissional. É mais abrangente porque é da ordem de uma solidariedade humana – que independe de recíproca. Lévinas entende que o

conhecimento é uma adequação entre o pensamento e o que ele pensa, portanto, não se chega ao outro pela via do conhecimento, porque pela via da ciência não se consegue sair de si (para ir ao encontro de outrem). A ciência, na prática, para que funcione, tem que tratar do outro única e exclusivamente como a um objeto. Mas, para ir ao encontro do outro de um modo eticamente responsável (ética da alteridade), não se pode objetivá-lo. E, para não objetivá-lo, é preciso depor o eu (ou sair de si), e essa ação pode ser feita pela via da "socialidade", isto é, pela solidariedade como alternativa para a verdadeira comunhão com o outro homem (LÉVINAS, 2013). Quanto a ser responsável pelo outro sem esperar por uma reciprocidade, nisso consiste o conceito de assimetria defendida por Lévinas (2013, p. 84): "Eu sou responsável por outrem sem esperar a recíproca [...]. A recíproca é com ele. O eu sempre tem uma responsabilidade a mais que todos os outros". É nesse sentido que Lévinas cita Dostoievsky: "Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros" (DOSTOIEVSKY apud LÉVINAS, 2013, p. 84).

A crônica narrativa "Os sapatos" (NAMORA, 2016, p. 255-297) começa assim:

Embora o título o não dê a perceber, o herói do que se segue é um automóvel; e, para completar a advertência direi também, desde já, que o seu dono é um médico; e, enfim, para nada guardar na manga do casaco, que o médico sou eu (2016, p. 257).

E para mais, que "outras personagens entram nessa narrativa, visto que [...] um médico faz parte da vida de uma porção de pessoas" (2016, p. 257). E o inverso também é verdadeiro. Em suma, acrescenta: "um médico pertence a meio mundo [...], quando ele tem manias de gente, menos a si próprio" (2016, p. 257). Posto que, como se sabe, um médico dedicado e responsável acaba por não ter uma vida privada como aqueles que exercem outro tipo de profissão. A história a se contar faz referência a "apenas um dia, ao acaso" (2016, p. 257) na vida de um médico e dos

seus pacientes, além das “pessoas que necessitam do médico, ou o utilizam (há uma certa distinção), a família (que as vezes se enxerta nas *pessoas[sic]*), os sapatos que figuram no título e mais” (2016, p. 257). O que dá o tom dessa história é o exercício da medicina e seu caráter de peculiar dedicação aos pacientes, detalhadamente circunstanciados e descritos em suas qualidades e defeitos, em contraste com a vontade de um médico visto como uma pessoa qualquer fora do âmbito profissional (que faz gosto em ter um dia de lazer com a família).

A literariedade da prosa é dosada com humor e poética e caracterizada pela perspicácia no emprego das palavras. A narrativa pondera com atenção o dia de um médico na lida diária, em contraparte ao seu desejo de algumas horas de divertimento como qualquer outro ou como era “a obsessão dos meus familiares, como o era de todo o burgo” por participar da Feira de S. João em Évora, festa popular tradicional que se realiza há mais de 500 anos²¹ na região ao final do mês de junho e que “é sempre um acontecimento extraordinário” (2016, p. 258).

O automóvel que o médico acaba de adquirir, menos com o intuito de fazer passeios (salvo exceções) e mais por pensar na utilidade de um veículo para percorrer distâncias e agilizar o atendimento aos pacientes, é um “velho automóvel, tão asmático como a pileca do almocreve meu vizinho”, e “seria esta a primeira grande viagem que lhe confiava” (2016, p.258). De analogias em analogias médicas “a viatura em questão, já o dei a perceber, [...] à espera de uma reforma que tardava, [...] e na velhice, dizia-me a prática profissional, todas as experiências novas são de relear” (2016, p. 258). Avança o protagonista a contar os “preparativos da jornada” (2016, p.258), e cedo ainda “o meu rapaz fez-se esquecido da escola [...]; e a minha garota, [...] evocou-me as maravilhas de um circo [...]. Todos falávamos da merenda no campo, mais pitoresca e mais econômica (mas, era no pitoresco que insistíamos)” (2016, p. 259). Tinha também as expectativas das compras nas barracas

²¹ Disponível em: <https://www.visitevora.net/feira-sao-joao-festa-popular/> Acesso em: 19 out. 2019.

“(a única perspectiva que não me entusiasmava)” (2016, p. 260). e “da viagem temerária (o risco era o automóvel – mas foi aí que nos enganámos)” (2016, p. 260).

Contudo, é a partir do inesperado, uma chamada de urgência – “(Abro aqui um parêntesis para esclarecer o leitor não só de que um médico nunca pode afiançar um projeto, [...], mas também de que, nas aldeias, todas as chamadas são urgentes)” (2016, p.260) – que se abre a descrição em perspectiva acurada das personagens que são seus pacientes e o caráter de cada um que se ergue ou manifesta em tão íntima relação como a do médico/paciente. Com a precisão da experiência médica o narrador comunica que a doença, em especial em “lugares onde a vida é murcha, sacode o torpor como lufada agreste mas estimuladora, e ninguém está pelos ajustes de desperdiçar o acontecimento” (2016, p. 260), só porque o “médico se lembra de usufruir, *como qualquer mortal* [grifo meu], uma hora de sono ou de distração” (2016, p. 260). O grifo quer chamar a atenção para a reflexão ou reflexões que atravessam as histórias contadas em *Retalhos*. São pensamentos que colocam em perspectiva o “eu” diferente do outro. As reflexões, ou autorreflexão, do médico são narradas em voz alta, mas é na ação resultante da inter-relação com os outros (personagens) que é revelada a perspectiva do olhar para o outro com base em uma responsabilidade (que não se cumpre unicamente pela via da ciência médica).

Disso resulta que os impasses que se impõem entre o dever (médico) e a responsabilidade particular do indivíduo, assumida pelas reflexões desse personagem central, são verossímeis, isto é, semelhantes às intrigas vividas no mundo real. O ponto de vista é cético. É a partir dessa visão que a frágil e ambígua natureza humana é especulada. O ceticismo, pelo viés comportamental, revela as intenções e esclarece hábitos e costumes dos personagens – por meio das observações do narrador em reflexão –, constituindo a linguagem de base das histórias que se leem em *Retalhos*.

Montaigne (2010, p. 204), que também teve sua obra associada a um espírito crítico de ordem cética, escreveu sobre a inconstância das ações humanas: “Nosso modo habitual é seguir as inclinações de nosso desejo, para a esquerda, para a direita, para cima, para baixo, conforme nos leva o vento das ocasiões. Isto é, “conosco [...] são tantas ações quanto juízos particulares” (2010, p. 205). Com a desconfiança de um pensador cético, Montaigne (que sofreu de várias doenças, dentre elas as dores de cálculos renais) teve bastante contato com médicos e os enxergava como a qualquer outro ser humano: “A diversidade dos argumentos e opiniões médicas abrange formas de todo o tipo” (2010, p. 542) – nada que Namora não tivesse também levado em conta e posto em discussão em sua obra, que assinala tipos variados de comportamento médico, afora os amáveis doutores do universo narrativo de *Retalhos da vida de um médico*. Em comum o ceticismo de ambos assinala que a “despeito de qualquer medicina estamos fadados a envelhecer, enfraquecer, cair doentes” (2010 p. 544).

O cronista de *Retalhos* sabe da “farsa humana”, e o olhar aguçado do narrador vai desvelando um a um dos personagens. “Tratava-se da senhora Joana, uma das clientes mais [...] melosas do meu rol de empalamados crônicos. [...] Às vezes, faz-me anunciar as suas crises enviando-me à casa sóbria fatia do muito que me deve” (NAMORA, 2016, p. 260), e costuma exagerar o seu sofrimento “com manifesta vocação histriónica” (2016, p. 260), nos conta o médico colocando tudo às claras em linguagem direta e simples. Direta porque é mais concreta do que abstrata, e simples porque existe técnica com rigor literário, mas, sem pretensão de impressionar. As palavras estão no lugar certo (nada é gratuito no texto), e o aspecto formal comporta construções preciosas que resulta (no encadeamento das ações) em harmonia.

No mais, continua o médico, a senhora Joana faz “evidenciar dramaticamente que a minha desinteressada ajuda se impõe e que o momento não é apropriado para se lembrarem contas em atraso” (2016, p. 260). Ele comenta que o marido dela raramente está presente nessas

ocasiões e que a sua presença seria “embaraçosa para todos”, porque teria que falar sobre a dívida, com desculpas convenientes, já que “ver-se-ia obrigado a acompanhar-me à saída” (2016, p. 260) após o atendimento à sua senhora. Nessa visita, porém, para além da habitual vizinhança, o médico encontrou a senhora Joana sendo assistida pela filha que vive na cidade e se veste “com pretensões”. “Saio, por fim, magicando se as melhoras provisórias da senhora Joana foram da injeção apaziguadora ou do ensejo de exhibir a filha a mim e à vizinhança” – no intuito de dissipar dúvidas quanto à sua “ascensão social” (2016, p. 261-263). Uma vez resolvido o caso da Dona Joana, restava ao médico ir até o consultório para atender os pacientes que o aguardavam, antes de levar seus familiares à feira com seu novo (velho) veículo de passeio. “Antes, porém, não resisti a fazer uma visita amorosa ao meu automóvel, uma vez que não me tinha sido fácil conseguir uma garagem para o defender das borrascas:

Todas as casas com portões estavam ocupadas [...] e, por outro lado, tornava-se aconselhável, se não imperioso, que a minha pesquisa visasse em particular um palheiro situado numa rua com um desnível mais ou menos acentuado. Seria esse o único expediente para vencer a lesmice do motor, que só pegava depois de muito embalo numa descida. [...]. Acabara, enfim, por descobrir-lhe um belo telhado, numa rua longa e íngreme, [...].

Acenei a um garoto que me fosse buscar a chave do portão e logo apareceu também o Elias, meu ajudante de motorista, um desses desocupados prestáveis que nunca falham no elenco dos pequenos burgos. São moços de recados de toda a gente, censurados pelos senhores de respeito que gostam de ver as pessoas com uma tarefa definida, embora esses galdérios trabalhem, afinal, tanto como os outros, apenas com a diferença de não serem retribuídos ou de ficarem sempre na posição de quem recebeu uma esmola. [...] tratara-o [Elias] de várias moléstias secretas, registrando metodicamente as consultas, conquanto soubesse que seria bem melhor esquecer esses serviços; e agora eis uma bela ocasião para fazermos um intercâmbio de préstimos sem complicações de contabilidade.

Enchi o depósito de água, reparando, pela primeira vez, que o tampão, mordido de ferrugem, estava preso por um fio. E na minha inexperiência de noviço, e com a anuência do

Elias, que era bem mais entendido em bestas do que em motores, achei o objeto inútil e deitei-o fora. [...] Verifiquei os pneus, tão ressequidos como a pele da Ti Aninhas, a gasolina, e marquei ao Elias a hora da partida. Reparei que ele ostentava envaidecido uma das minhas gravatas. Bem a merecia (2016, p. 262-263).

O humor fino, quase uma ironia, ou que com ela flerta está presente como força expressiva de linguagem de maneira eminente nesta narrativa. Mas isso não significa que o mesmo argumento linguístico esteja ausente em outras. De outro modo, coexistem, pelo vigor narrativo da reflexão, vários aspectos da vida dos personagens e o protagonismo crítico que pensa sobre o mundo e sobre o que é humano (TODOROV, 2013). Volta à tona nesta trama narrativa a questão da assimetria de que são feitas, por vezes, as relações ou interações com o outro – do modo como é pensada por Lévinas, para quem ela consiste em não esperar do outro uma retribuição ou reciprocidade pelas ações práticas²² – como neste trecho:

A senhora Marta, que nos vigiava serenamente a conversa, fazia-me laboriosos sinais de precaução. Ela sabe quanto eu sou vulnerável a certa espécie de tragédias ou de artimanhas; que nem sempre tenho sido afortunado em confiar nos outros. Quando o doente me percebe a abrir a carteira para lhe calar as vicissitudes tão chorosamente desnudadas, amos, eu e ela, o vemos de rosto todo avivado de honradez, ambos o ouvimos asseverar, num fervor que nos humilha, de que serei reembolsado em oito dias; acontece, porém, que esses propósitos se esgueiram, se esfarelam, logo que a doença parece bem encaminhada, e uma semana depois já ele passa de largo, nariz abespinhado, fazendo um rodeio para evitar o encontro. Por fim, sei que tenho ali um inimigo. Não há senão que não me descubram. Até o de explorador. Mas, apesar das prevenções da minha ajudante, joguei uma vez mais na pieguice. *Deixe, senhora Marta, alguém teria de o fazer. – Faça quem pode* (NAMORA, 2016, p. 268).

²² “Eu sou responsável por outrem sem esperar a recíproca [...]. A recíproca é com ele. É precisamente na medida em que a relação entre outrem e eu não é recíproca que eu sou sujeição a outrem” (LÉVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 39).

E a história continua. Ao contrário do que previa o doutor, devido à expectativa do povo com o dia da festa de São João, encontra “a sala de espera do consultório cheia como uma dorna em dia de vindima” (2016, p. 263). O médico entrou “à pressa no gabinete” (2016, p. 263) para as consultas. A dona Palmira era uma senhora amável, mas “o seu braço lento, esquecido, previne-me de que há ali um coração exausto, a pedir que não lhe prolonguem a tarefa” (2016, p. 265). Assim como muitas das pacientes do doutor, ela não gosta de médicos, porém,

no meu caso, descobriu atenuantes que me legitimam a profissão: não só porque, há tempos, numa crise que a abalou muito, [...] lhe dei algum conforto, mas sobretudo porque nos identificamos na mesma devoção pelas flores (2016, p. 265).

Lembro, por esse gesto de aproximação ao outro, que na análise de parte da história de *A conquista da América*, Todorov se detém na inabilidade da comunicação como um dos maiores obstáculos nas relações entre índios e Colombo, por exemplo. Tanto Montezuma como Colombo eram hábeis em coletar informações sobre tudo, mas falharam “na comunicação com os homens” (TODOROV, 2016, p. 104). Assim, a (falta de) comunicação foi um fator determinante das desventuras ocorridas nos acontecimentos históricos em questão, segundo Todorov. E “só pode ser explicad[a] por uma incapacidade em perceber a identidade humana dos outros, isto é, admiti-los, ao mesmo tempo como iguais e como diferentes” (2016, p. 105).

À espera de serem consultados estão, ainda, muitos pacientes, e entre eles as crianças que regularmente requeriam os cuidados médicos. “Enterite. Choram um choro que tem o desespero ou a raiva dos adultos” (NAMORA, 2016 p. 265). Em seus rostos estão as marcas da doença; o tom amarelado e os olhos esbugalhados. A pele fica sem viço e o “ventre se empina”. Essas crianças da aldeia são vítimas “da sabcença das comadres, da miséria e do desleixo” (2016, p. 266). E só aparecem para ser consultadas com um médico “quando os seus olhos doces e tristes

começam a turvar-se [...]. A nossa mágoa [dos médicos] é tão grande como a revolta; tão grande que a revolta fica quase sempre emudecida” (2016, p. 266). Uma das mães teve a criança na cadeia e a trouxe para ser consultada. Criança entregue às mãos do médico para ser salva. “Salva de quê?” (2016, p. 266). Dentre outros pacientes a serem atendidos estão os do modo de vida extravagante, como os sinistrados, “uma malta esfarrapada, com uns trapos enrolados nos pés, o rosto curtido de sóis e relento” (2016, p. 266), e uma mulher de vida excêntrica, chamada comumente pelo povo de “a Espanhola”. Ela segue o “rastros de um outro maltês, cabouqueiro, que há dias desaguou na vila” (2016, p. 267). Tem três filhos. E para um deles “de olhos verdes esquivos” (2016, p. 267), o médico guarda sempre um mimo. Ela é “o caso mais impressionante de sífilis que até hoje chegou às minhas mãos” (2016, p. 267), e o tratamento é demorado. A dona Marta, assistente do médico, o alerta de que o companheiro da “Espanhola” não tem um tostão e o custo do tratamento é caro, porque “sabe quanto eu sou vulnerável a certa espécie de tragédias ou de artimanhas; que nem sempre tenho sido afortunado em confiar nos outros” (2016, p. 268). O alerta se deve ao fato de que o médico costuma “abrir a sua carteira para [...] calar as vicissitudes tão chorosamente desnudadas” (2016, p. 268), mas, que as promessas de futuro pagamento jamais são cumpridas. Assim, “logo que a doença parece bem encaminhada” (2016, p. 268), desviam o caminho para não o encontrar, “nariz abespinhado, fazendo um rodeio para evitar o encontro” (2016, p. 268).

O médico atende também no consultório a duas pacientes “do campo, como por aqui se diz. Vieram dos limites da freguesia, dum povo encravado entre quatro concelhos e dois distritos” (2016, p. 269). São aproximadamente duas mil “almas” que vivem nesse povoado, “que é um agregado humano com uma personalidade de tribo” (2016, p. 269). São um povo que raramente vai à cidade e se caracteriza por ser uma “gente grave e espantadiça” (2016, p. 269). Por isso são tão difíceis de tratar, acreditam nas receitas de feiticeiros que ficam “entre a botânica e o

mistério” (2016, p. 270), mas quando a doença persiste têm que procurar um médico, no qual não confiam. E quando eles se:

veem forçados a arriscar-se às violências da medicina, gemem, clamam pelos parentes, rezam em coro e, depois ficam muito pasmados de ter suportado, por exemplo, a picada de uma injeção (2016, p. 270).

Isso tudo para dizer o quanto é difícil para um médico tratar a gente do campo.

Outro doente é o Hipólito, chamado mestre por ter sido cordoeiro, agora idoso. Aparece no consultório uma vez por ano. “Vive solitário numa cabana, entre dois palmos de vinha e hortejos” (2016, p. 271). O dinheiro do mestre Hipólito está destinado para “uma amásia sabida que já sugou alguns pés-de-meia do concelho” (2016, p. 271), para desgraça dos herdeiros que reclamam em vão. Pois, o velho “acha que a voz de sangue não vale a companhia ao serão da mulher que lhe prepara os torresmos e lhe acena ainda, embora por troça, com umas brejeirices” (2016, p. 271). Quanto aos honorários médicos, era de seu costume pagar com desdém “deixando cair sobre a mesa reles moedas [...] e conta-as depois duas vezes antes de arrumarmos assunto. Desta feita, ainda pergunta se eu me terei enganado na conta” (2016, p. 271).

Os doentes que estavam no consultório foram atendidos. Restava, ainda, ao médico, antes de gozar da festa de S. João com a família, algumas visitas a doentes. A primeira a ser visitada é Felismina, “mulheraça apática, corpo balofo que dir-se-ia arrastar gorduras que não lhe pertencem. Tem glândulas a precisar de conserto” (2016, p. 273). E, a ela, dá apenas as advertências necessárias até vê-la novamente.

A seguir, visitou uma garota que chegou ao consultório “desenganada” por outros médicos. O diagnóstico era o de maleita e já haviam falado em uma pleurisia. “Os pais trouxeram-me então a rapariga, como sempre para que eu a curasse em dois dias” (2016, p. 274). Mas não acontece assim e ao persistir da doença houve o receio de que

consultariam outro médico, pois “cá por estas bandas (ou em toda parte...), o médico não presta se não reduz todos os achaques a um incidente breve e concreto” (2016, p. 274). Argumentando que o caso clínico era de interesse, e que havia uma suspeita de que poderia não se tratar de maleita, “servi-me do recurso mais ao alcance de um médico de aldeia: radiografá-la” (2016, p. 274). Depois de realizada, e mesmo tendo sido localizados “os males da doença”, houve um descrédito por parte dos pais da garota, que voltaram a insistir que o mais certo era o diagnóstico anterior. “Sabia que me levariam, que não voltaria a tê-la comigo – e tudo passava dentro de mim como se ela fosse minha e não deles e me quisessem extorquir” (2016, p. 274). Com persistência o médico insistia em “decifrar-lhe o sofrimento nas páginas sumptuosas e desumanas dos livros de estudos” (2016, p. 275). O diagnóstico, tendo em vista a experiência, era tanto temido quanto terrível, mas, como por um capricho do destino em que “a morte troça dos vivos, a garota melhorou inesperadamente, ganhando cores” (2016, p. 275). Até que, meses depois, houve novamente uma piora do seu quadro de saúde e, “ao prosseguirem na via-sacra de consultórios, repetiu-se o meu diagnóstico” (2016, p. 275). E foi, não os pais da garota, mas uma senhora da família que, “com um conceito de dedicação de outros tempos” (2016, p. 275), exigiu a volta dos cuidados do médico que, segundo ela, “disse tudo certo e ninguém o ouviu” (2016, p. 275). Perderam, no entanto, um tempo precioso que, como se provou, não poderiam perder. Por isso, de maneira assertiva, a avó da menina ordenou que seria nas mãos dele que ela se salvaria ou morreria. “Cá a tenho de novo, [...] e desta vez bravia e chorona – sem a docilidade e o fervor na cura que lhe conheci” (2016, p. 275). Os detalhes não são aleatórios. E em torno deles se articula o foco narrativo. É justamente a ação reflexiva e a multiplicidade dos traços particulares dos personagens com a lógica das suas motivações, que transmitem a “aparência” de realidade, e que acabam revelando também a “intenção ficcional”. A intencionalidade (ou função) narrativa, que, no texto, “se mantém humildemente nas rubricas (nelas que se localiza o

foco)” (CANDIDO, 2007, p. 21) é, em *Retalhos*, o olhar para o outro homem. Ou seja, o narrador que se vê identificado com ele mesmo (o personagem central do médico) coloca o seu foco fora de si. Mesmo quando o personagem faz suas reflexões, ele reflete em relação ao outro. Diferente de personagens como o shakespeariano Hamlet, por exemplo, que se volta para si mesmo em constante reflexão sobre o seu lugar no mundo e o que esse mundo lhe impõe; [nosso tempo está desnorteado. Maldita a sina / Que me fez nascer um dia pra consertá-lo!] (SHAKESPEARE apud GIRARDI, 2011, p. 180, tradução livre)²³. O embate de oposição entre os juízos internos e externos também existe nos personagens de Namora e se resolvem na ação, a diferença está em a quem é dada a voz para que se escute, a si mesmo ou ao outro.

Existe, nesse sentido, um aspecto formal importante: os médicos das histórias de *Retalhos* não são nomeados. Atendem por uma característica comum que é serem “João Semana”, um referente ficcional para médico altruísta, dedicado e plenamente responsável pelos seus doentes. De caráter amável, os médicos de *Retalhos* vão além dos cuidados estritamente profissionais com os pacientes, emprestando-lhes dinheiro se necessário ou aconselhando e até desenvolvendo uma relação de amizade. Em contrapartida, de forma significativa, os personagens que com eles “contracenam” são nomeados; seja com nomes próprios ou indicativos. E os médicos que aparecem nomeados, em algumas dessas histórias, que não o narrador, são na verdade personagens (como os outros) como é o caso do Dr. Valença, em “Cardos, Cardos na Floresta”, ou o Dr. Passos, que está doente e ao final da vida é tratado pelo médico de *Retalhos* em uma das narrativas.

Retrato de uma época e da cultura de um povo que a habita e nela convive, “Curandeiros” (NAMORA, 2016, p. 135-140) é uma história crucial para se entender parte de outras histórias contadas em *Retalhos*. Nela se encontra toda uma gama de personagens que antagonizam com

²³ No original: “the time is out of joint: O cursed spite, that ever I was born to set it right!”

as bases da ciência médica, mas também se expõem crenças e costumes que revelam, entre os sentimentos ou expectativas das pessoas, como se faziam resolver as questões da vida mediadas pelas da saúde. O título de “Curandeiros” é na verdade um subtítulo, porque faz parte de um conjunto de narrativas enfeitadas em “Meia dúzia de histórias pitorescas”, que consta da primeira série de *Retalhos da vida de um médico*, publicada em 1949.

Tal crônica é narrada pelo personagem central da trama e, dessa forma, do ponto de vista do médico que nela se enreda, e conta, a partir do personagem Ernesto ou Senhor Ernesto, algumas vicissitudes e dificuldades do exercício da medicina em regiões provincianas na segunda metade da década de quarenta, época em que abundavam os “virtuosos”, como eram chamados os curandeiros na região Sul do país. No Norte, o “curandeirismo estava associado ao mister de barbeiro²⁴” (NAMORA, 2016, p. 135), e seus praticantes recebiam a ciência de herança, conforme relata o médico: “Vim encontrar, mais tarde, no Alentejo, bem definido, este tipo de curandeiro. Lá para cima, ele é um antigo servente de hospital, um enfermeiro astucioso”. O Sr. Ernesto “era um ramo decadente duma família de curandeiros” (2016, p. 136), e herdou o ofício em uma época em que os médicos “já faziam sombra a esse monopólio” (2016, p. 136). Mesmo assim, “morreu no seu posto – numa valeta da estrada, anestesiado pelo álcool, de volta do seu giro diário pela clientela das aldeias” (2016, p. 136). Mas o fato era que “nenhum doente entregava a receita na farmácia sem a aprovação do senhor Ernesto”. Os médicos sabiam, toleravam e até admitiam que ele passasse por toda a parte corrigindo “preceitos médicos, receitando, consolando – e sempre bebendo”. Isso porque, ponderavam os médicos, “a medicina, sendo para

²⁴ Sobre eles, Fernando Namora escreve **Ambroise Paré**: de barbeiro a primeiro cirurgião do mundo, história que trata exatamente do personagem e de sua trajetória, escrita a princípio em uma separata da revista clínica contemporânea (Tomo V, n. 8, de outubro de 1951). Disponível na BNP (Biblioteca Nacional de Portugal), esse texto fará mais tarde parte da primeira versão de **Deuses e demônio da medicina** – obra escrita por Namora em dois volumes –, intitulada a princípio ou provisoriamente **Vidas de grandes médicos** e no prelo, na ocasião em que essa história foi publicada.

o povo uma ciência de iluminados, devia ser praticada por quem não tivesse aprendido em livros”. Espantava, porém, “vir alguém da ignorância e mergulhar nos mistérios do corpo humano. O médico era, por assim dizer, o profissional sem vocação; merecia mais confiança o que nascera predestinado” (2016, p. 136). Os mais velhos entendiam que os curandeiros eram pessoas entre “bruxos ou santos” que profetizavam acontecimentos e que podiam prescrever medicamentos a partir dos dez anos de idade. Essa era a crença popular. Entretanto, o Sr. Ernesto era um tipo de curandeiro “mais miserável” do que aqueles que moravam na cidade – embora tenha sido, apesar do vício que já o dominava, “o senhor da clínica do conelho” (2016, p. 137) tempos atrás. O curandeiro da cidade é descrito como “um burguês, joga na roleta, dá injeções impecavelmente e é especialista de doenças venéreas; tem consultório, [...] vizinho dalgum médico que o tolera, o seu porte sugere asseios e prosperidade” (2016, p. 136).

Um dia uma doente confessou ao médico que o senhor Ernesto a tinha curado e que parecia obra de feitiçaria. Contou que quando morava em um moinho, na ribeira, sofria com uma bronquite asmática e que ele apontou para o rio e disse: “ >Tens aqui a tua cova, mulher. Muda-te para a serra e estás curada<, e eu mudei e curei-me, senhor doutor” (2016, p. 136). As questões são complexas, pensa o médico:

O doente vai ao curandeiro e este aconselha ou faz uma previsão sibilina. A doença seguirá o seu rumo, que é, em regra, a cura espontânea: o curandeiro goza mais uma vitória. (A fama – já é lugar-comum dizê-lo – conta-se por êxitos e nunca por malogros; ao médico apenas se registram os casos infelizes.) O doente pelo contrário, recebe do seu médico um diagnóstico pomenorizado, é-lhe apresentada uma solução circunstanciada – o médico elucida, abre as portas do mistério, banaliza-se (2016, p. 137).

Indistintas a época ou a região em que se passa a história narrada, o leitor atento percebe, em meio à sutileza narrativa, a atualidade que os acontecimentos descritos comportam, ainda que, hoje, mudem-se os

agentes envolvidos, isto é, não mais curandeiros ou comadres nos termos de antigamente, mas as informações encontradas na internet, publicadas ou postadas pelos mais variados tipos de pessoas e com os mais diversos propósitos, sendo muitas delas sem formação médica. A relação da medicina com o doente passa necessariamente por obstáculos (como sempre passou, e nada indica que isso irá mudar), tanto em termos da estrutura técnico-profissional (instrumentos e equipamentos para diagnóstico ou tratamento) quanto particular (no sentido de que cada paciente têm uma reação ou resposta própria às suas doenças, e muitos acabam por não seguir, como deveriam, as indicações médicas, para citar apenas uma das dificuldades que se pode enfrentar). E é essa natureza de obstáculos que a história narrada, em suma, põe a descoberto quando aborda o homem e a sua resposta comportamental frente ao que a vida lhe apresenta. É a tensão na relação entre a prática da medicina e a reação do paciente ao que lhe é apresentado pelo médico que está posta, sobretudo no trecho ressaltado, colocado como um desabafo.

O senhor Ernesto esteve por duas vezes em “colaboração” com o médico no tratamento de doentes, que foi engenhosamente tramada, pois o senhor Ernesto “conhecia o horário de todos os clínicos da vila” (2016, p. 137) e disso se aproveitava, seja para forçar um embate a medir forças, ou para aparecer de improviso, livre da ameaça médica. Da primeira vez, foi um caso de febre tifoide, e “ele teve a honradez de confessar que não tinha opinião sobre tratamentos com soros e guanidinas” (2016, p. 137). E disse que “eu como médico moço, trazia modas que ele não podia sopesar” (2016, p. 137). A segunda foi um caso sério de gangrena. Alarmado, o médico aconselhou “uma operação de urgência” (2016, p. 137). Mas a família, orientada pelo curandeiro, insistia em adiar, dizendo que o Sr. Ernesto afirmara a cura imediata se “lhe arrancasse as unhas dos pés” (2016, p. 138). E foi feito. Sem melhoras, o médico interferiu a fim de que fosse operado sem demora para não morrer. “E se um de nós [médicos], cercados de curandeiros nesta província onde eles rebentam como as ervas, pensar em chamar a

atenção da lei, o povo dirá que receamos a concorrência” (2016, p. 138). Também é fato que “a lei exigirá testemunhas que repentinamente se escondem e juram o seu desconhecimento dos fatos” (2016, p. 138) e que a justiça “limita-se a umas decisões convencionais, e o curandeiro volta para a clínica mais apoiado do que nunca, enaltecido pela sua coroa de espinhos” (2016, p. 139). Ao médico resta o policiamento dessas figuras que não são mais que um perigo para o povo. E os “fiscais que espreitam os camponeses, [...] às vezes melhor protegeriam a sociedade que lhes paga, se rondassem as bancas dos barbeiros ou os montes onde vivem como profetas iluminados” (2016, p. 139).

“Apenas uma Laranja” (2016, p. 469-475) é a história que encerra as narrativas contidas em *Retalhos da vida de um médico* e aquela em que a linguagem poética é mais presente.

Ainda hoje, quando volto ao cimo daquele monstruoso penhasco, onde o homem desafiou as leis que o limitam para construir um ninho de águias e dele abranger o céu, a distância, a ambição e as vertigens – ainda hoje prolongo meu olhar pela planície e recordo as tardes em que a percorri [...], ao apelo de camponeses bisonhos para quem a doença é acontecimento de solenidades e misérias. [...] Conseguireis distinguir as pobres casas daquela monotonia de terra parda, de xisto, de árvores que um outono infundável condenou a uma nudez também perpétua? Serão casas? perguntareis. Dizem que sim. Pelo menos, vivem lá homens. E anseios e desilusões e doenças – e sobretudo uma tenacidade que já não tem mérito porque se tornou um hábito ou talvez uma condenação (2016 p. 471).

As palavras do narrador, que vivificam o ambiente estão alicerçadas em uma força poética própria, que se encaixa na máxima observada por Starobinski (2018, p. 15) de que pelas mãos talentosas de um autor a “crônica pode virar pequeno poema em prosa”. E é essa linguagem poética que transporta o leitor para dentro da narrativa (lembrando que, como disse Todorov, não há pensamento poético que não esteja coligado a uma textualidade formal ou enveredado em um saber das realidades formais do texto). O clima, que desde o início conquista pela descrição

(simples, dramático e emocionante), grande parte construído por figuras de linguagem, se desencadeia em ritmo harmonicamente enredado, mas com uma escrita pungente. Em muito se reconhece refletir sobre a existência. “Serão casas? perguntareis. Dizem que sim. Pelo menos, vivem lá homens. E anseios e desilusões e doenças – e sobretudo uma tenacidade que já não tem mérito porque se tornou um hábito ou talvez uma condenação” (NAMORA, 2016, p. 471). Existência, e não existencialismo (porque esse movimento acaba por gerar múltiplas correntes de pensamento). Camus e Karl Jaspers, por exemplo, não se reconheciam como existencialistas, porque o existencialismo como tal lhes parecia ser muito abstrato, e eles se consideravam mais próximos da reflexão sobre as experiências concretas do homem e sua condição no mundo.

Lévinas decerto foi um bom aluno, pois entendeu o apelo existencialista embrionado na fenomenologia de Husserl (intencionalidade) e de Heidegger (ontologia) em *Ser e Tempo*. Demonstraria seu conhecimento desses filósofos em *En découvrant l’existence avec Husserl et Heidegger* (1949). Mas, antes, em 1947, um escrito intitulado *De l’existence à l’existant* (Da existência ao existente), já revelaria a inspiração inicial de seus mestres ao expor seu pensamento sobre o *Il y a* ou *Há*, que exprime na sua concepção o ser impessoal. O *Há* levinasiano se iguala a um “chove” ou “é de noite” (LÉVINAS, 2013, p. 34), ao contrário do *Il y a* escrito por Apollinaire, que se aproxima da abundância e da alegria do que existe – e que, por sua vez, está próximo do *es gibt* de Heidegger, que evoca a generosidade (um dos sentidos do verbo *geben* em alemão é “dar”). O *Há* pensado por Lévinas (2013) evoca uma impossibilidade total de sair desse estado. E essa experiência que não tem saída, nem culpados, nem o que fazer, porque simplesmente *há*, toma conta do médico quando ele se vê impotente diante do tifo que “insinuara-se na terra, no vento, nas árvores” e devasta comunidades inteiras: “Que podia eu fazer de verdadeiramente útil [...]? Donde viera a doença? [...] Quem a alimentava? [...] Que frágeis éramos todos!”. Mais do que a

angústia de não suportar a presença dos camponeses, por sentir-se inútil diante da doença iminente, da dor e da morte, o que o narrador demonstra experimentar é a consciência “despersonalizada” provocada por um *Há*. Para Lévinas (2013), a única saída para o Há seria pela via da relação social que visa o outro homem. Atento a esse movimento de “deposição da soberania do eu” por uma atitude “des-inter-essada” (como faz questão de grafar o filósofo) de si mesmo, diz o médico de *Apenas uma laranja*: “Eles [os camponeses] eram frágeis e não o ocultavam. [...] Eu era aquele de quem se esperava a palavra prodigiosa. Se me negasse a ludibriá-los [no sentido de dar esperanças] o desamparo deles acabaria por ser definitivo” (NAMORA, 2016, p. 472-473).

E quando, enfim, os entorpecí com as esperanças, os conselhos, a solidariedade que nada lhes valia, uma velhinha suja tirou do abismo das suas saias uma laranja e ofereceu-me. Era a única coisa que eles possuíam para me traduzirem o seu reconhecimento. Apenas uma laranja – e tinha a significação de um tesouro. Um tesouro para compensar uma mentira (2016, p. 473).

O médico se sente como um mentiroso por causa da sua incapacidade de eliminar a doença e estancar o conseqüente círculo da morte, dado o seu conhecimento científico por formação. Mas é evidente a tensão do protagonista ao reconhecer-se impotente e não poder confessá-lo ao povo – sob pena de os deixar totalmente “desamparados”. Trata-se de uma narrativa com dois planos de efeito. Os dois se fazem presentes no desenrolar da ação reflexiva, porém existe uma imagem de leitura que contempla uma linguagem religiosa. No texto bíblico, há uma passagem do profeta Isaías que diz “Consolem, consolem o meu povo” (Is 40, 1). Em várias outras passagens bíblicas, a esperança é tida como a força motriz da incapacidade humana de superar por si só o sofrimento.

Em todo o caso, visto sob a perspectiva da alteridade, se o protagonista de “Apenas uma laranja” fosse um personagem preocupado exclusivamente com o exercício de sua função médica, ele teria se alienado da responsabilidade pelo outro no sentido mais amplo de que fala

Lévinas. Porque a responsabilidade estritamente profissional está ancorada na razão científica, que não o deixaria iludir com esperanças as pessoas da comunidade (que ainda restavam). Não sem o embate entre essas duas razões. Vence, ao final, a perspectiva protagonizada pelo médico, que vê o outro homem mais do que apenas um rosto físico. O homem não se reduz à sua aparência física ou a um rosto. Tampouco reduz o outro a um personagem num contexto, isto é, nesta narrativa, aos camponeses: “[...] vivem lá homens. E anseios e desilusões e doenças” (NAMORA, 2016 p. 471). O rosto do outro é o primeiro que nos aparece e, de cara, ele está sem defesa, exposto a mim, salienta Lévinas. A linguagem e as atitudes acabam por “mascarar” a fragilidade do ser humano que se apresenta, de imediato, pelo seu rosto. Para o filósofo, esse olhar para além do rosto é ético. Ético porque o rosto do outro me incumbe de dar uma resposta a ele (seja ela qual for). Relatos de guerra dão conta de registrar que é difícil matar alguém olhando-o nos olhos, da mesma maneira que se observa que é mais fácil mandar matar. “O homicídio, é verdade, é um facto (*sic*) banal [...]. A proibição de matar não torna impossível o homicídio” (LÉVINAS, 2013, p. 70).

A saída do eu em direção ao outro, que caracteriza o protagonismo médico nas narrativas de *Retalhos*, e delas transborda para serem lidas na linha filosófica proposta por Lévinas, tem parentesco com o juízo crítico, que pode parecer inusitado à primeira vista, de Robert Eaglestone, professor de literatura e filosofia da *Royal University of London*. Reconhecer a importância do pensamento ético de Lévinas (que implica o conceito de alteridade radical) para uma crítica literária que deseje desempenhar uma reflexão ética é o que sugere Eaglestone. A intenção de Eaglestone em *Ethical Criticism* (1997) parece ter sido a de fazer uma advertência, mediante uma revisão das tendências e correntes da teoria e críticas literárias, de que elas não levaram em consideração uma abordagem humanista do fenômeno artístico (literário). Nesse livro ele escreve que Lévinas problematiza a questão da linguagem, da estética e da ética, o que não aconteceu em geral com a crítica literária

especializada. Eaglestone (1997) parte da pergunta central, “qual é a relação entre literatura e ética?”, abordando algumas das principais teorias críticas, como a formalista, o estruturalismo, o pós-estruturalismo até o desconstrucionismo de Jacques Derrida (incluído o pensamento de Lévinas sobre arte ou estética e linguagem que estão em *Autrement qu’être ou Au-delà de l’essence*, respondendo às críticas feitas por Derrida – mas que não cabe agora reproduzir), para chegar à pergunta subsequente, que é a seguinte: “como a crítica literária deveria trabalhar com o componente ético, depois dos caminhos percorridos pela teoria literária, até então?” (1997, p. 139). Questão chave para entender por que, segundo Eaglestone (1997), deveria se discutir a literatura tendo como referência a ética proposta por Lévinas, que “trata da representação da ética *em* e *através* da linguagem” (1997 p. 139, grifo meu). Conclusivamente, Eaglestone (1997) sublinha que a filosofia ética de Lévinas nos impele a ver *o indizível* na arte literária. E que esse modelo de crítica literária norteada pelas concepções filosóficas de Emmanuel Lévinas serviria, então, para cumprir a tarefa analítico-formal de verificar o lugar de uma “fratura” nos textos literários, como um elemento de virada para uma abordagem de domínio ético que “nos faz conscientes da força constante de nossas responsabilidades” (1997, p. 166, tradução livre). Nas narrativas de *Retalhos da vida de um médico* (e em outros escritos de F. Namora), identifica-se a “fratura”, indicada por Eaglestone (1997), justamente no ponto em que essa análise do texto namoriano demonstra que há nele um rompimento com a perspectiva do eu autocentrado e expandido a guiar o comportamento humano. Em termos de estrutura textual ou encadeamento das ações, o que acontece com o outro (personagem) ganha sempre mais importância em comparação ao médico que protagoniza e narra as histórias de *Retalhos*.

Diferente de Todorov – porém, não menos relevante, a discussão sobre alteridade que foi feita e suscita *A conquista da América* –, Namora não elabora uma obra específica ou parte da história (da América) para falar das relações entre os homens. Não existe uma intenção temática na

obra de Namora. Ele constrói suas narrativas alicerçado na observação do comportamento humano, dada a sua vivência e grande parte da experiência profissional que lhe foi particular. O outro é outro no ponto de vista narrativo de Fernando Namora (que o reveste e o ilumina humanamente por meio da sua literariedade), do mesmo modo que a alteridade é caracterizada pela noção do outro que é outro na concepção do filósofo Lévinas, que é “aquele que está sempre além e fora de mim” (LÉVINAS apud POIRIÉ, 2007, p. 22). Em suma, Namora ilumina o monólogo filosófico (levinasiano sobre a alteridade) nas suas narrativas de *Retalhos da vida de um médico*.

De ficção para ficção, existem muitos outros no que diz respeito ao fenômeno literário, mas, diferentes quanto ao referencial ou perspectiva namoriana – em que o outro se encontra fora dele mesmo ou não reconhecido através de si mesmo. O outro de Borges é outro dele mesmo como está escrito no conto “O outro” (*O livro de areia*). E o outro de Dostoievski é um duplo do mesmo, visto em obra homônima, *O Duplo*.

Entre tantos autores (de outros), Fernando Pessoa, assinando-se como ele mesmo e outros, dizia que “em prosa [contrapondo-se à poesia] é mais difícil de se outrar” (PESSOA; WILDE, 2016, p. 93).

2 DA FICÇÃO À NÃO-FICÇÃO NA ESCRITA NAMORIANA: TENDO EM VISTA A CONFIGURAÇÃO DO OUTRO

2.1 Prólogo

Por algumas décadas, Fernando Namora, autor de obras compostas por poemas e prosa, adaptadas a vários gêneros literários ou transpostas de diferentes modos para o plano da realização artística como já o disse Joaquim Namorado (1969), articulando-se entre os fatos e a ficção, exerceu a medicina em paralelo a uma vida de escritor, motivo pelo qual frequentemente foi interrogado sobre a relação entre a medicina e a literatura. A história da medicina pode exprimir essa relação, bem o sabe Namora, que é autor da biografia romanceada intitulada *Deuses e demônios da medicina*, obra em que traça a história da medicina por meio dos seus principais personagens. E para que ninguém se engane, trata-se de literatura. Publicada em dois volumes, esta obra que se justificou, a princípio, para constar da coleção "Vidas Célebres", traz personagens reais que de um modo ou outro influíram nos avanços da ciência. A própria escolha do autor dos nomes que fazem parte da obra – incluindo, por exemplo, Oswaldo Cruz – é um diferencial em relação a tantas outras biografias. E o que poderia ser apenas um livro de gênero literário com caráter enciclopédico, nas mãos de Fernando Namora destaca-se pelo valor estético. O que equivale a dizer, como foi observado, que a literariedade de F. Namora, tem o "poder de captar no embrechado das situações reais o que é na verdade significativo e determinante na construção da situação romanesca"²⁵ (NAMORADO, 1969 p. 412). Ler *Deuses e demônios da medicina* é descobrir, como escreve J. Lopez Ibor no prefácio à edição espanhola dessa obra, que "o verdadeiro escritor é

²⁵ A frase faz parte do texto da palestra "**Fernando Namora, escritor-ainda-vivo**" pronunciada por Joaquim Namorado no Pavilhão do Grémio de Editores e Livreiros na Feira do Livros em Lisboa em 1969, a convite das publicações Europa América. E consta da coleção do Museu do Neo-Realismo (MNRPP/1).

um criador de vida” (IBOR, 1979, p. 14, tradução livre)²⁶. Literalmente pode ser um paradoxo. Mas, ao fechar as páginas dessa obra de Namora, sente-se como se se tivesse terminado um romance lido “como uma maravilhosa aventura humana”, como escrito por Fernando Namora na dedicatória à filha Margarida, que dessa forma o leu. Por isso, muito provavelmente, pensa-se que as personalidades desse “panteão” de figuras históricas que compõem a tradição da medicina são “feitos com a mesma madeira que o homem; apesar disso, eles pareciam, aos olhos dos doentes, deuses ou demônios” (tradução livre)²⁷. Sigmund Freud, por exemplo, é mencionado no volume dois, e o texto tem na página inicial uma descrição articulada entre vida e obra de Freud:

Este homem, que desceu ao fundo dos abismos humanos, revelando-os sem peias à surpresa de uns e à repulsa de outros, que monopolizou as atenções de médicos e leigos, que foi uma das mais discutidas personagens do seu tempo, teve, afinal, uma vida sem peripécias nem marés, salvo a fuga aos bárbaros nazis: uma vida feita de dias sóbrios, disciplinados, monótonos. Residiu setenta anos na mesma cidade, Viena, na mesma rua Berggasse, na mesma casa, simultaneamente oficina, auditório, refúgio e lar.
[...] Aliás, os rumores do mundo, que ele excitou e alarmou com as sondagens às zonas proibidas da personalidade humana, não os deixaria encrespam-se à sua porta. (NAMORA, 1979, p. 247-249).

Entre aqueles que, como F. Namora, se debruçaram, também, de forma especial, sobre a história da medicina, está o escritor, médico (formado em psiquiatria) e crítico literário Jean Starobinski (1920-2019), que lecionou nas Universidades Johns Hopkins e de Genebra. Na comparação com o livro de Namora, entretanto, a *História da Medicina* de Starobinski se caracteriza mais como um tratado antigo de estudo médico-científico; e, como tal, em alguns casos, quando se tratava de um compendio de caráter didático, costumava abrigar várias ilustrações para apreciação técnica – além da apresentação do material impresso deste

²⁶ No original: “*El verdadero escritor es un creador de vida*”.

²⁷ No original: “*fabricados con la misma madera del hombre; apesar de lo cual, han parecido, a los ojos de los enfermos, como dioses o demonios*”.

não deixar dúvidas sobre a diferença de objetivos entre uma e outra obra. Enfim, são eles autores cuja dedicação à escrita literária se faz sob a dupla filiação profissional, médica e artística. Como escreveu Namora: “Parece, pois, indubitável, que em todas as épocas a medicina forneceu à literatura alguns dos seus maiores cultores, convergência essa também muito vincada na história cultural portuguesa”²⁸. Namora se refere à estatura dos escritores portugueses ligados à medicina, como Jaime Cortesão, Júlio Diniz, Miguel Torga, entre outros. Desde um tempo longínquo e em diversas das fases da “saga da medicina (e anote-se que a assistência ao enfermo era referida pela >arte< médica ou >arte< da cura)” (ESP/BN-APC-E-E63-CX28)²⁹, foi difícil estabelecer limites (bem definidos) entre essas duas ocupações. Talvez seja, como disse Namora, porque tanto a medicina quanto a literatura se encontrem em uma posição “singularíssima de desvendarem o homem nos seus recessos mais íntimos, e ambas, por tão aprofundada vivência, têm para com as contradições humanas uma atitude de invulgar compreensão”³⁰. Convenhamos, se não houvesse esse determinante espírito de complacência observado por Namora, fica claro que exercer a medicina ou a literatura seria apenas um ato tecnicista ancorado no conhecimento técnico do campo de estudos ao qual pertencem. Nas palavras de Torga (2011, p. 201), outro dignitário de profissão e arte:

— A medicina dá muitos escritores! Por que será?
 Pacientemente, dobro a receita, tiro os óculos, levanto-me e começo o sermão, que hoje me saiu um pouco sincopado:
 — Não é ela que os dá. Limita-se, simplesmente, a preservar esse dom aos que nasceram com ele, o que já não é pouco. Ao invés doutras profissões, que estrangulam no indivíduo o espírito de aceitação e compreensão do semelhante, esta faz o contrário. O médico, como tal, nem pode fechar as portas da alma, nem apagar a luz do entendimento. É todo o

²⁸ Texto de Fernando Namora sobre literatura e medicina que faz parte do Espólio e se encontra registrado na BNP – Biblioteca Nacional de Portugal (ESP/ BN-APC-E-E63-CX28). Consultado em outubro/2018.

²⁹ Espólio Fernando Namora. Disponível na BNP. Consultado em outubro/ 2018.

³⁰ (ESP/BN-APC-E-E63-CX28). BNP – Biblioteca nacional de Portugal. Consultado em outubro/2018.

humano que o solicita a todas as horas: o que sofre, o que simula, o que teme e o que desvaria. E só a graça de uma certa dimensão afectiva e mental permite corresponder eficientemente a tantos e tão diversos apelos. Ora, essa dimensão está implícita na condição do artista, o mais receptivo e perceptivo dos mortais. Por isso, quando o acaso sobrepõe a uma vocação criadora uma condenação clínica, não há dramas sangrentos. A caneta que escreve e a que prescreve revezam-se harmoniosamente na mesma mão.

2.2 Jornal do médico

“Um jornal, como uma obra literária, não é apenas reflexo dos eventos de um país; faz também parte do seu processo” (ESP/BN-APC-E-E63-CX28)³¹, afirmaria certa vez Fernando Namora. A partir de 1951, ele começa a escrever de maneira assídua como colaborador para o *Jornal do Médico*, publicação iniciada em dezembro de 1940 em que se lê, no editorial do primeiro número, assinado pelo diretor Mario Cardia, que esta é uma publicação do Porto, mas que, longe de ser “regionalista trata-se de um jornal que pretende contribuir para a dignificação da classe médica (portuguesa) e para a resolução, dentro dum plano de interesse nacional, dos problemas que interessam ou possam de algum modo apoiar aos médicos”³² na difícil tarefa de ajudar a população a superar ou pelo menos contornar as crises que afetam os indivíduos da sociedade no que tange à saúde e ao bem-estar. O *Jornal do Médico* nasce, assim, em um período difícil para a vida da população europeia e avança na esteira de um pós-guerra, munido de matérias informativas feitas por meio de editoriais, artigos ou ensaios assertivos com a contribuição de profissionais de medicina e outros comentadores ilustres ligados tanto à área médica quanto à literatura. A proposta da direção do jornal era atender, por meio desses articuladores, às exigências especificamente culturais dos profissionais da saúde que compunham a sua massa de leitores. Proposta essa que se pode supor ter tido boa receptividade por parte da classe

³¹ BNP – Biblioteca nacional de Portugal. Consultado em outubro/ 2018.

³² Trecho do editorial do **Jornal do Médico** número 1 – data de 1 de dezembro de 1940 – com o Título “Tenhamos Fé”. Disponível nos arquivos da BNP – Biblioteca Nacional de Portugal.

médica leitora, considerando a carta dirigida à publicação:

Uma amante da boa literatura

Na minha opinião, os jornais médicos parecem esquecer-se de que os seus leitores ((se não a maioria, pelo menos muitos dêles gostariam de ver, a par com a literatura científica que os compõe, uma ou outra página inteiramente consagrada à literatura como manifestação de arte (Lisboa, 19 de setembro de 1941)).

Resposta do Jornal do Médico à carta recebida pela leitora que não se identificou:

“Só lamentamos que a amável colega seja tão excessivamente modesta. Porque encobre o seu nome, seguramente ilustre? Não empregamos a palavra ‘ilustre’ por mera cortesia, basta reparar na forma e nas idéias da carta recebida para que se verifique que não exageramos. ‘*Jornal do Médico*’ deseja fazer a crítica das obras, literárias e científicas que receba; e mais: pretende publicar trabalhos sôbre assuntos de arte e de literatura, especialmente de médicos, e também de autores estrangeiros à classe médica, sobretudo quando os assuntos interessarem, de modo especial, os seus mais numerosos leitores – os médicos”.

Nesse primeiro número³³, de médico para médicos, são os assuntos em questão à época (dentre outros, o excesso de diplomados com o curso de medicina, por exemplo) debatidos e submetidos à crítica, dados os títulos que dão mote às matérias. De “A tática sanitária derivada dos ensinamentos da grande guerra: terá necessidade de ser revista?” ou “A vida médica (nacional e estrangeira – Ordem dos médicos em França)” até a prestação de serviços com chamadas para: acidentes de trabalho, atualidades clínicas, organismos de assistência e previdência até o mais geral, que discute os “Seguros sociais na Inglaterra”, permanece o mesmo tom crítico, de debate sobre o campo da medicina (atualidades clínicas) e a preocupação com a prestação de serviços, que se mantêm no *corpus* jornalístico (incluído o espaço para a literatura como dado cultural) até 1992, seu último número.

³³ **Jornal do Médico.** Diretor Mario Cardia. Editorial “Tenhamos fé!” Assinado M.C. Número1, Ano 1, 1 de dezembro de 1940. Disponível na BNP – Biblioteca Nacional de Portugal. Última consulta; outubro/ 2019.

Pensadores importantes escreveram para essa publicação, ancorados no ofício que os legitimava como intelectuais públicos ou pensadores, como é o caso de Merleau-Ponty, que assina o texto “Soro da verdade” – uma crítica a processos (políticos) sensacionalistas julgados no Leste Europeu com base no uso do *pentothal*, feita a partir de explicações sobre suas aplicações terapêuticas, seus efeitos, origens e pesquisas científicas para mostrar, “ > mediante esse confronto, que o “soro da verdade” não existe < ”³⁴. Assim, Merleau-Ponty e outros mais exerceram a função de intelectuais públicos porque faziam uma crítica amparada em uma visão ampla dos fatos, isentos de partidarismos, posição essa defendida por Derrida quando os debates na França envolviam o bem público (DURAND, 2019). E Fernando Namora trilha o mesmo caminho, no sentido de que se insere no contexto da cultura em meio ao debate público como articulador da arte literária (e médica) que o caracteriza, uma vez que, à época, ele já gozava de reconhecida importância nacional e internacional por ter sua obra mais famosa, *Retalhos da vida de um médico*, traduzida para outras línguas, além de outras publicações, traduções e adaptações de sua escrita-literária para o cinema e a televisão, que vieram na sequência.

2.3 Em linha de análise

A colaboração com publicações periódicas duplamente articulada (entre a medicina e a literatura) de Fernando Namora junto ao *Jornal do Médico* se faz a princípio em 1946, anterior, portanto, ao início de sua colaboração assídua – que data de 1951, como se viu – por meio de crônicas narrativas, como as que estão enfeixadas na obra *Retalhos da vida de um médico*; e até mesmo algumas que nele se encontram como *Curandeiros*, *Mais Curandeiros* e *Reputação*. Considerando que essas narrativas fazem parte da 1ª série de *Retalhos* publicada em 1949,

³⁴ **Jornal do Médico**, ano X, n.40, vol. XVI p. 486-487. Disponível nos arquivos da BNP – Biblioteca Nacional de Portugal. Consultado em 2018.

observa-se que foram veiculadas em primeira mão em magazines, isto é, revistas ou periódicos, como acontece com o *Jornal do Médico*. Esse é o caso da publicação “Médicos que conheci”, escrita por Namora para a revista *Ver e Crer*, em que o narrador avisa logo de início que “um médico a falar da sua experiência é tentado a falar de colegas”, para em seguida começar a contar a saga do Dr. Cardoso em uma vila de aldeia e a sua lida junto à comunidade, a trajetória de trinta anos sem férias, a convivência com os médicos recém-formados que chegavam para dividir a carga de serviço e as avenças:

Os médicos antigos não perdiam terreno e eu e o outro colega novato íamos perdendo as esperanças. O dr. Cardoso, se nos via disponíveis, parava o seu carro e, bruscamente, convidava-nos:

— Venham daí fazer companhia a um velhote!

Tinha ele, o Dr. Cardoso, relata o narrador, a serenidade e a confiança necessária que o fazia se preocupar com um doente em perigo e que, “por outro lado, era duma calma, às vezes irritante, para os casos em que estava certo que o alarme era injustificado”. São essas, enfim, páginas de uma novela com história de lembranças que, de alguma forma, sobretudo à semelhança do enredo, estão presentes nas narrativas de *Retalhos*. Nelas se vê também delineado o perfil dos médicos (João Semana) que habitariam as histórias e protagonizariam essas mesmas narrativas de *Retalhos da vida de um médico*.

Encerrada a fase preliminar, e já em período de colaboração ativa para o *Jornal*, Namora passa a escrever as páginas do Editorial. Mantendo-se alinhado a um discurso de cunho crítico, não abandona a literariedade que caracteriza os seus textos. Então, configurados a partir de elementos concretos, isto é, do factual, Namora parte de fatos (assumidamente) concretos, ora vivenciados, ora observados para compor uma escrita eminentemente crítica em seus editoriais. Porém, sempre a partir da configuração desses elementos em tom de prosa narrativa.

Em 2007, a professora de literatura francesa Marie-Ève Thérénty discutiu a relação de mão dupla entre a escrita literária e em periódicos na sua obra *Literatura no cotidiano. Poética jornalística no século XIX* (tradução livre)³⁵. O livro compreende o estudo desses dois tipos de escrita, suas funções e articulações dado um processo evolutivo a partir do final do século XIX – período de ascensão da imprensa – na França. Serve em alguns pontos para se pensar o caráter da escrita (de Fernando Namora) na intersecção entre o literário e a “escrita do cotidiano” que ele assume como editorialista no *Jornal do Médico*. Periódico nascido, como já mencionado, em 1940, época em que eram reproduzidos com maior vigor os modelos das ações praticadas por intelectuais e escritores franceses, em outros países da Europa. Diferente do que se poderia imaginar, a avaliação da pesquisadora Thérénty revela que a literatura foi fonte e inspiração para a escrita jornalística que tomava impulso no período (1832-1920). Foi, segundo Thérénty, a matriz literária que estabeleceu e nutriu os parâmetros das crônicas e ensaios publicados nos jornais. E Namora foi um dos expoentes dessa arte em Portugal.

No artigo que comenta o livro *La littérature au quotidien* de Thérénty, Catherine Gravet destaca alguns itens interessantes da obra, como: “A matriz literária da imprensa, ficção, ironia, conversa, escrita íntima” (p. 121-206, tradução livre)³⁶; e na conclusão, que o ritmo da escrita e da leitura passa a ser outro – a partir daí o tempo, progressivamente, é alterado de modo irremediável como o que se vislumbra atualmente. Vale salientar ainda, do comentário feito por Gravet, que a ficção passa a “se estender à crônica, ao item noticioso, à entrevista, o que contribui para uma melhor legibilidade, para mais prazer para o leitor e, portanto, para melhores vendas” (GRAVET, 2012, tradução livre)³⁷.

³⁵ No original: *La littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIXe siècle*.

³⁶ No original: *La Matrice littéraire de la presse* » – fiction, ironie, conversation, écriture intime.

³⁷ No original: *La fiction s'étend à la chronique, au fait divers, à l'interview, ce qui contribue à une meilleure lisibilité, à plus de plaisir pour le lecteur et donc à de meilleures ventes*.

Mas o ponto de vista da linguagem comunicativa de Fernando Namora como editorialista do periódico *Jornal do Médico* persiste (antes) na perspectiva do outro. Toda sua crítica carrega na visada da alteridade, que se diferencia de uma simples crítica social a partir do momento em que acentua, em sua articulação textual e contextual, o particular ou o indivíduo dentro da comunidade. A comunidade é feita de muitos singulares. O outro homem. E é a preocupação com o outrem que se vê articulada nos textos redigidos para o referido jornal - editoriais que não podem ser enquadrados invariavelmente como crônica ou ensaio: se crônica, por extrair do cotidiano imediato os assuntos, embora nem sempre o faça; se ensaio, por manter uma proximidade com os artigos para jornais feitos a partir de textos de temática mais aberta (não técnicos). De uma forma ou outra, são escritos que permitem tratar de assuntos variados seguindo a antiga tradição britânica de publicar em jornais temas relevantes e discuti-los com o rigor de quem conhece o assunto – ancorados na sua faculdade de julgar e observar – (Eduardo Wolf), porém expressos com uma linguagem simples e acessível para fazer com que as questões colocadas sejam compreendidas junto ao universo de um público mais amplo (do que somente o de literatos). Essa complementariedade ou intercâmbio de gêneros (literários) que envolve os textos que Namora escreve para os Editoriais tem em comum problematizar determinados assuntos e expor sua crítica. Distante da característica estritamente opinativa que se vê em muitos discursos de gênero ensaístico, por exemplo, os textos em prosa livre de Namora expõem todo o seu poder de observação de modo a unir o objetivo e o subjetivo em uma só voz, estabelecendo entre elas, uma relação indissolúvel (STAROBINSKI, 2018).

Seja na literatura de *Retalhos* ou nos escritos (médico-literários) dos editoriais de o *Jornal do Médico*, está presente o caráter narrativo. O texto de base factual escrito por Namora contém histórias. São crônicas narrativas pensadas a partir de uma sólida cultura médica que discute

fatos ou acontecimentos reais, na forma de um exame crítico ou de uma advertência. Assim, as fronteiras entre a ficção e o factual perfazem ou enfrentam o (jogo do) limite em definição. Entretanto, não há dúvida de que quem escreve é o literato. E a sua perspectiva, alinhada com qualquer que seja o aspecto formal do texto, permanece para fora do eu, isto é, no outro.

No editorial “Memórias da vida clínica” (NAMORA, 1952), muito é dito a respeito do exercício da medicina desde a formação universitária, a vocação e o sentido da vida dedicada aos outros, até a relação entre a medicina e a literatura, sob o argumento das memórias de um médico:

[...], acerca destas memórias [...], nelas se desenrola o fremente espetáculo, sempre repetido e nunca esgotado, do mundo e do homem que a doença despede disfarces; e, paralelamente, que nelas se salienta quanto a vida de um médico, tão cheia e cálida, desborda as fronteiras do caso pessoal para ser um testemunho de todos (1952)

O ponto de partida do texto se apoia na questão da formação dos jovens na universidade, mas não pela via da discussão do papel e o lugar da universidade, como o fez Derrida (2003) em *A universidade sem condição*. Trata do drama individual dos jovens formandos e da sua posterior existência como indivíduos realizados ou não, e do quanto essa realização é decisiva para a coletividade, isto é, para os outros. A princípio, traça um perfil do jovem que, majoritariamente, “decide-se, um tanto ao acaso”, para assinalar que quando não existe um fervor íntimo ou uma chama vocacional, falta-lhes a sensibilidade que permite “uma interferência mais lúcida e edificante na saga colectiva”. E, no caso da formação médica, salvaguardando a vocação, que “não se deixa desbotar pelo cotidiano corrosivo”, para decorrer em uma “ambiência individualizada”, deixando-se envolver pela prática médica impregnada da tragédia, “tão crua quanto maravilhosa, das realidades”. Esse jovem diplomado será, então, solicitado por uma atitude particularmente humana ou solidária cuja experiência “vai além do sofrimento físico, além

da doença para emergir nas circunstâncias que o rodeiam” (NAMORA, 1952) E são essas circunstâncias, nas palavras de Namora, que representam o essencial da profissão. Ponderando a partir daí sobre o homem-literato que divide a sua vida entre a arte médica e a da escrita, Namora avalia que um dia o médico “veste uma personalidade feita de adesões que não são premeditadas e de uma perspicácia solidária” e, talvez por isso, tenda a apelar para arte como um modo de expressão: “Será este um estímulo áspero mas fecundo, para a necessidade de mensagem, de diálogo, de participação o mais larga possível no mundo dos outros, que é sempre também o nosso mundo”. Starobinski (2009) que, logo depois de formado em Letras, optou por seguir o caminho da família e cursou medicina, mantendo-se na função de crítico literário, afirmaria, em entrevista para o periódico espanhol *Minerva*, que “a medicina não parecia estar em desacordo com uma carreira literária” (STAROBINSKI, 2009, tradução livre)³⁸. E, assim, tal como a medicina, “a arte recolhe, seleciona, diagnostica, [...] revelando conexões que desconhecíamos ou aclarando as que nos pareciam indecifráveis, influenciando, por isso a nossa maneira de ver e agir” (NAMORA, 1981, p. 63), de modo a abranger, nessa clarificação, “tanto a particularidade como a globalidade da condição humana” (1981, p. 63).

F. Namora e Starobinski se encontram na linha de conexão entre as artes literárias e a medicina. E a espessura ou dimensão desse pensamento, que se conecta com o que é sensível ao homem, não é sentimentalista ou piegas. E tampouco há qualquer intenção moralizante. Ter a sensibilidade de olhar para outrem não como a um objeto significa reconhecer-se na poética e enfrentar-se na medicina com um conhecimento médico que apreende a fragilidade humana (ainda mais débil na doença) e o contexto que o enreda nessa trama. Decerto que um paciente precisa de um profissional capaz de lhe dar um diagnóstico preciso ou ler um exame laboratorial de forma a aplicar-lhe um tratamento eficaz, ao invés de, contrariamente, apenas ter no doutor um

³⁸ No original: “*la medicina no me parecia reñida con una carrera literaria*”.

ser gentil e compreensivo ou “humano”. Conforme advertiu Jaspers (1998, p. 88), é necessário um salto para outro “estádio, em vez de só restabelecer o corpo tecnicamente no indivíduo [...]. E em vez de o tratar como objeto, entra[r] em comunicação com ele”.

F. Namora alinha à ciência médica a sensibilidade de agir de maneira equilibrada ou adequada diante dos impasses ou situações que se apresentam extraordinárias (se não todas). Nesse ensaio, aponta para a importância da afinidade vocacional e a “entrega ao outro” do formando em medicina. O que o texto comenta é que se o foco está (sem reservas) no outro, fica mais fácil articula-se em uma justa medida. “Sei da existência do outro porque a objetividade não é a única forma de contato com o que existe além de mim” (LEOPOLDO E SILVA, 2012, p. 39).

O texto também expõe o fato de que os recém-formados têm menos flexibilidade para encontrar a medida certa para essa dupla habilidade que requer tanto conhecimento técnico quanto potencial ou entendimento para enxergar o outro homem (na sua condição de fragilidade humana). O que se torna muito mais difícil ou, na prática, impossível, para aqueles que não têm pela profissão médica “um fervor íntimo”. É disso que trata Namora nesse editorial “Memórias da vida clínica”. Nele, cumpre falar da responsabilidade pelo outro indivíduo e pelo outro coletivo, tendo como base o assunto da formação médica. Contada através da história de um profissional de medicina que atesta sua veia literária “forjada na oficina da vida e a cultura de quem, a par das lidas da clínica, nunca pôs de lado curiosidades a que sempre a medicina se afeiçoou, criando e zelando uma honrosa tradição” (NAMORA, 1952)

Em um “Badalo sem eco”, outro editorial, que data de 1952, lê-se:

Eis a aldeia a que me referi outras vezes, nesta mesma página, embora sem a nomear, pois as circunstâncias têm-se conjugado para fazer dela um exemplo do quanto a assistência médica rural, entre nós, agoniza sob problemas que se ainda há pouco estavam na cauda das urgências, são hoje dos mais instantes. Eis uma aldeia sede de partido médico, provavelmente um dos partidos médicos mais

populosos do país, incómodo, fatigante, isolado, deixando o João Semana a sós com as suas aflições [...].

Outro concurso, outros badalos, então já com apelos a alguns novatos que precisam de experiência e arrimo – e nem assim desaguou na Câmara uma única folha de papel selado.

[...]

Entretanto, [...] uns milhares de pessoas, longe dos sítios onde há assistência a granel, continuam sem médico. Um mês, outro mês, muitos meses. Podia-se nascer e morrer sem a medicina à cabeceira (NAMORA, 1952, p. 1001).

A crítica namoriana deriva do caráter de “auscultar” as diversas carências do indivíduo. É a incontestável atualidade da temática abordada nesse editorial que se salienta, ressalvadas algumas referências específicas da época. Lido o texto de Namora, o tempo parece extremamente lento quando se trata de alguns assuntos específicos, pelo menos em determinados lugares do mundo, para causar mudanças significativas no comportamento do homem ou em seus hábitos e costumes. Uma vez que é tão presente, passados anos, ainda hoje, em dias do século vinte e um, se discutir a questão da evasão de médicos no interior das capitais – tal como acontece na sociedade brasileira: “Em tom de desabafo, o cardiologista Sérgio Perini conta que desde abril de 2012 é o único médico em atividade na cidade de Santa Maria das Barreiras, no interior do Pará. O único para atender uma população carente de 18 mil habitantes”. E essa situação não é exclusividade de Santa Maria das Barreiras, uma vez que a “cidade divide o problema com milhares de municípios que, como ela, são pequenos e afastados de grandes centros urbanos”³⁹. Como observou Namora em seu editorial, “o que acontece aqui, acontece [...] de norte a sul: os médicos jovens, os que podem abraçar estes partidos que significam, a primeira raiz na vida, o primeiro e emocionante risco profissional preferem os baldões da cidade” (NAMORA,

³⁹ Cf. Texto do jornalista Luiz Fujita Jr., editor do Portal Draúzio Varella. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/saude-publica/o-problema-da-ma-distribuicao-dos-medicos-no-brasil/>. Acesso em: 19 out. 2019. Em 2018, esse Portal do médico e colunista Dr. Draúzio Varella foi o ganhador do “Prêmio Influency.me” na categoria Ciências e Curiosidades. Considerado o Oscar da influência digital, prêmio conferido pelo voto popular.

1952). Ou seja, preferem “os amigos, os ambientes agitados, os cinemas, o diálogo intelectual, a vida sem pasmos, a profissão servida pela técnica, o meio médico com laboratórios” (1952)

Obviamente que a empreitada médica fora das capitais de estados não apresenta condições estimulantes para se viver, incluído o aspecto profissional da falta ou necessidade de recursos técnicos para atender apropriadamente os doentes. Uma realidade em certas regiões onde há falta ou carência de estrutura de base para os cuidados da saúde da população⁴⁰. Fora dos grandes centros urbanos, diz Namora: “Vinha um médico, [...] de raro em raro, quando podia, fazendo crescer [...] as horas do dia e a sua resistência física; – e que clínica era essa, heróico colega, clínica de formigueiros de gente à roda do consultório”. E se o candidato a médico está casado, “o povo logo ensombra a expectativa ao ver o desagrado no rosto citadino da senhora”. Mas o que indignava o cronista, continua indignando porque ameaça a vida. Afinal “a saúde de cada um é indissociável da saúde pública, em geral” (NAMORA, 1981, p. 63).

Se ater ao fato de que: “os vários ou os muitos que mediram [suas decisões] pelos seus interesses pessoais [...] – cogitaram, que ao lado desses interesses, [...] há todo um mundo rural que, sem demora, espera que um plano” acabe por lhes garantir “serviços médicos em cada hora mais incertos?” é pensar sem vistas no imediatismo, como chama à atenção Namora, sobre a necessidade da responsabilidade individual de

⁴⁰ Desde 2014/2015 estão sendo desenvolvidas e ampliadas, no Brasil, algumas iniciativas que tentam reparar a falta de profissionais e os recursos de estrutura técnica em regiões distantes da capital. Cito o caso do Hospital Albert Einstein que trabalha em parceria com políticas públicas oferecendo ao médico local um monitoramento *online* com especialistas e acesso a exames laboratoriais dentre outros recursos – além de trabalhar em paralelo para driblar o problema da conexão com a internet nesses lugares.

Cf. https://www.youtube.com/watch?v=KmBexBj_aCQ Acesso em: 19 out. 2019.

E o projeto de autópsia verbal que atende (em caráter experimental) a médicos de municípios da região do Amazonas – coordenado pelo diretor do departamento de Patologia da FMUSP e prof. convidado da Universidade de Harvard, o médico Paulo Saldiva Projeto este que foi desenvolvido na esteira do trabalho de “Autópsia virtual” conhecida como procedimento de autópsia minimamente evasiva e sua aplicabilidade tanto na saúde pública em geral quanto para estudos de poluição atmosférica e seu impacto para saúde humana. Cf. <https://revistapesquisa.fapesp.br/2016/03/21/paulo-saldiva-por-uma-cidade-mais-saudavel/> Acesso em: 19 out. 2019.

médicos, estudantes ou agentes (nos mais variados níveis na escala organizacional) da saúde, porque suas atitudes particulares afetam a vida das pessoas e têm consequências no âmbito populacional. Com efeito, a preocupação de base do editorial “Um badalo sem eco” (que ainda reverbera, passadas décadas, como foi observado) apela à responsabilidade (de cada um individualmente) quando fala da assistência à saúde para as pessoas das comunidades que podiam ou podem “nascer ou morrer sem a medicina”. Nessa linha de pensamento, o filósofo Emmanuel Lévinas diria que dar prioridade ao outro faz com que a responsabilidade que assumo por ele, unicamente pelo fato da sua existência ou em “decorrência da sua simples presença, seja o critério mais relevante de conduta” (LEOPOLDO E SILVA, 2012, p. 32).

Com base em uma experiência pessoal – a morte iminente da sua mãe –, o filósofo britânico Scruton (2019) afirmou, em entrevista para o projeto cultural Fronteiras do Pensamento, que “o encontro com o outro é o que dá sentido à vida”. Além disso, nessa que seria uma de suas últimas falas em público antes da sua morte, em 2019, ele reforçou, por fim, que “uma vida se constrói sobretudo na relação com o outro” (2019). A reflexão levantada a partir de Namora e que dá margem à noção filosófica da responsabilidade por outrem, expressa por Lévinas (que já afirmara, como Scruton, estar no outro o sentido) está posta nos seguintes termos: se a certeza em relação à própria consciência “for o único ponto de partida, o sujeito corre o risco de permanecer encerrado nessa representação originária, absolutamente certo de si mesmo, mas também prisioneiro dessa certeza” (LEOPOLDO E SILVA, 2012, p. 23). E esse princípio solipsista ou “a proximidade imediata do sujeito a si mesmo acarreta a distância, talvez intransponível, entre ele e o outro” (2012, p. 23).

A voz ensaística de Namora persegue uma estética voltada para a reflexão sobre a alteridade, que se torna significativa, sobretudo, no caso dos escritos para o editorial do *Jornal do Médico*, quando são conectados com experiências externas. Os assuntos do cotidiano, que dizem respeito

às pessoas e à sociedade em geral, são essas ligações externas. Sem querer permanecer enredada nos estudos aprofundados sobre a flexibilidade na linguagem humana que Authier-Revuz (2020, p. 119) discute em seus artigos e livros, é interessante aproximar a intuição da autora em relação aos parâmetros pertinentes à “cartografia interior/exterior construída em um discurso” com a implicação que essa ideia invoca no contexto que aborda a alteridade nos editoriais namorianos, uma vez observada a correlação entre a reflexão (ou flexibilidade) autoral, o outro homem e as questões que extrapolam essa própria dualidade entre um e outro, ou mesmo que dela derivam. Conforme afirma Authier-Revuz, o itinerário desse discurso interior/exterior envolve: a importância da temática (para ela território) atribuída ao exterior; o grau de diversidade dos exteriores convocados – todas as entradas e saídas possíveis sobre o assunto que está sendo discutido no texto; especificação da “relação entre si e o outro” – incluída a problematização dessa relação, conflitos etc., e finalmente o “contato fronteiriço entre interior(es) e exterior(es) pelos quais é essencial, em particular, a questão do grau de marcação do outro, assegurando delimitações mais ou menos distintivas ou incertas dos territórios do um e do outro (AUTHIER-REVUZ, 2008, p. 119). Exemplos desses elementos apontados por Authier-Revuz estão presentes, inter cruzando-se, nos textos de Namora, como no pequeno trecho do editorial “Os mensageiros da fraternidade” (NAMORA, 1951) – que é escrito, como os outros (editoriais, ou as próprias narrativas de *Retalhos*), enredado em reflexões que vão do interno ao externo, no foco de uma alteridade que o justifica em forma e conteúdo:

Se, com ou sem deliberação, a interferência individual do médico no cortiço humano vai além do mero papel do técnico que investiga a doença e a domina, pois no contato com o enfermo todo um mundo de problemas se lhe abre e o solicita, também a interferência da medicina, como ciência e como profissão, no evoluir das sociedades, na luta contra as múltiplas formas de degradação, no empenho de construir um porvir melhor, é inevitável e tem sido das mais

honrosas. Isto é sabido, é reconhecido, e aí estão séculos de história para documentar. [...] Não admira, pois, que hoje como ontem, o médico permaneça singularmente receptivo a todas as amarguras, a todos os horrores que ainda não foram vencidos (e a doença mistura-se ou nutre-se com a maioria deles) e, por conseguinte, actue, em cumprimento do seu ofício e dos seus deveres de homem responsável [...]. Podem os canhões sondar-se ameaçadores, das duas margens de uma fronteira; podem certos povos rosar ódios, divergências ráticas, interesses em rixa, sistemas políticos inconciliáveis; a medicina salta as muralhas, atravessa os fossos [...] (NAMORA, 1952).

Sob o argumento de um Congresso médico mundial para discutir a repercussão das condições de vida na saúde física e mental dos povos, o editorial "A medicina e o tempo" (NAMORA, 1952), publicado em 12 de abril de 1952, oferece ao leitor um panorama das novas questões a serem enfrentadas pela medicina. E, através delas, a dimensão e o porquê dos problemas de saúde que assolavam a população de diversos países do mundo à época. A iniciativa partiu, conforme informa Namora, de alguns dos mais renomados médicos da primeira metade do século XX preocupados com a situação. Personalidades médicas de prestígio internacional, de acordo com Namora, como Professores renomados da Itália, França, Inglaterra, Suíça e, entre eles, Egas Moniz, de Portugal. Este último ganhou o prêmio Nobel de Medicina em 1949 no campo da fisiologia pela invenção de um procedimento neurocirúrgico, depois de ter sido indicado por três anos consecutivos (1928-29-30). Para se ter uma ideia dos feitos de Egas Moniz para a medicina, o seu esforço até o desenvolvimento da angiografia cerebral (em 1927) possibilitou o diagnóstico de tumores cerebrais e o tratamento dos aneurismas cerebrais. Mais recentemente, em 2010, Egas Moniz teve sua biografia escrita pelo neurocirurgião João Lobo Antunes (irmão do escritor Antônio Lobo Antunes), que, dentre vários ensaios e artigos científicos, é autor de livros que dialogam com as humanidades médicas, como *Ouvir com outros olhos* (2015) e *A nova medicina* (2012).

A partir de transformações significativas, em razão do movimento histórico dos povos, que aconteceram nos anos anteriores ao ano da

escrita, 1952, Namora vai apontar em seu editorial para o fato de que essas mudanças ecoam na ciência médica, e que ela foi “chamada a encarar problemas” que, por um lado, parecem naturais devido à própria característica do desenvolvimento, mas que, por outro, são o resultado de “abalos subitamente desencadeados”, para os quais “não havia a mínima possibilidade” de prevenção.

Doenças que dantes se consideravam raridades, talvez porque lhes desconhecíamos a pista ou por razões ainda pouco esclarecidas, dentro do mecanismo biofísico das sociedades, são presentemente de uma banal frequência; outras ultrapassam o alarme individual para representarem ameaças de terrível magnitude; outras ainda despertam subitamente da instabilidade e moral das populações (NAMORA, 1952).

A medicina era exatamente isso, escreveria Namora em *Deuses e demônios da medicina*, “penetrar na natureza humana, num cotidiano de luta sempre renovada” (NAMORA, 1981, p. 264). Ele segue o texto do editorial descrevendo quais são essas instabilidades que atravessam a vida das populações e por que a saúde das pessoas estavam em xeque: “Se os hábitos mudaram, se a alimentação se alterou, se o ritmo da vida perdeu aquela serena lentidão que nos poupava de um desgaste precoce” e se os nossos “tecidos estão hoje expostos a traumatismos tóxicos, irritativos, de vária ordem, que arrastam consigo as doenças degenerativas”, a medicina como já o fez de outras vezes tem que “retificar suas posições”. Porque problemas anteriores foram substituídos por outros. Existem os problemas que nasceram na sequência das guerras e se prolongaram no decorrer dos anos, “conflitos que na intensidade e no traumatismo físico e psicológico que provocam em quase nada se parecem com a experiência do passado”, afirma Namora (1952).

Na reunião preparatória do referido Congresso, os médicos japoneses trouxeram o seu bem documentado depoimento sobre a urgência que se pede à medicina na apreciação das inesperadas situações que os atritos sociais, ostensivos ou latentes, oferecem, como herança à ciência médica. Sobre o

caso particular do traumatismo atômico, por exemplo, que lhes doeu na própria carne, dizem eles que além do incêndio e da destruição, produzindo feridas, necrose e úlceras similares às causadas por gases venenosos, a experiência de Hiroshima e Nagasaki mostrou que, como consequência [...] tudo se passa como se existisse uma putrefação do organismo em vida (NAMORA, 1952).

Todorov escreveu em *Diante do extremo*, livro que discute a questão comportamental dentro dos campos de extermínio nazistas e soviéticos: “Levado por minhas leituras sobre as insurreições de Varsóvia, anunciei sem maiores precauções que [...] o próprio passado era o esclarecimento que ele lança sobre o nosso presente” (TODOROV, 2017, p. 430). As palavras de Todorov não estão distantes do que é apontado por Namora no seu editorial pelo que foi naqueles anos uma realidade imediata. Aquela realidade ou somatória de acontecimentos e suas consequências não ficaram no passado: não se pensadas em termos das doenças que ameaçam a saúde de populações inteiras, nem em termos de “inesperadas situações que os atritos sociais, ostensivos ou latentes” possam causar (hoje, a serem executadas, provavelmente, com maior intensidade por causa dos avanços no campo de armas químicas e biológicas). Namora (1952) expõe os fatos sobre a saúde humana e demonstra, com isso, a exigência de uma atenção da ciência médica. Mas encerra seu discurso com a “moral da história” que caracteriza seu ponto de vista sobre o modo como os entrelaçamentos das ações humanas têm consequências para a saúde e o bem-estar do outro (indivíduo) e do outro coletivo (a população): “A verdade é que a medicina se acha de novo enredada e revitalizada pelas viragens sociais e desta vez tão misturada nas angústias mais íntimas dos povos”, que é tempo de “a sua voz experimentada prevenir os homens dos perigos que os espreitam e influenciar as suas decisões”.

Os assuntos sobre a saúde noticiados pela imprensa de massa também ganharam a atenção do editorialista Fernando Namora. As questões que Namora levanta nos editoriais “A grande imprensa e a

medicina” e “Medicina e divulgação⁴¹” também dialogam como a realidade do século XXI porque são problemas que igualmente impactam na atualidade. Nesses editoriais, em suma, Namora observa o movimento perigoso da divulgação para o grande público; de pesquisas, novos medicamentos e outras informações e descobertas no campo das ciências médicas sem que estas tenham passado, antes (como acontecia em época anterior), pela plena anuência da classe médica. A ressaltar que são problemas que também enfrentamos hoje em dia. À distinção de que se conta com um número diversificado e diferenciado de suportes de comunicação como blogs, sites e jornais online, além de redes sociais, as tensões são basicamente da mesma ordem. Mas não é devido supor por isso que Namora tinha uma compreensão excepcional da história. A comunicação feita de forma inadequada está sendo pensada aqui em termos das consequências das informações veiculadas ao público pelos vários agentes difusores de notícias, quando elaboradas sob o apelo de interesses mercadológicos que se sobrepõem ao bem-estar da população e afeta a saúde das pessoas do particular ao coletivo. O que F. Namora demonstra, mais uma vez, agora na escrita de carácter factual, é a faculdade de compreender que (assim como as relações e inter-relações perspectivadas nas narrativas de *Retalhos da vida de um médico*) a relação com outro homem não se estabelece necessariamente a partir de seus interesses próprios. A comunicação com o propósito de informar deve seguir pelo mesmo caminho se quiser exercer a função de base, que é servir ao bem público.

Não se prestar “ao espetáculo ou ao reconhecimento do outro”, mas tornar-se “responsabilidade por ele” (LÉVINAS, 2007, p. 135). Os textos de Namora falam com propriedade, em linguagem direta, a partir dos assuntos que aborda nesses editoriais do *Jornal do Médico*, que ele não comunga, sobretudo quando o assunto é saúde humana, de uma comunicação feita exclusivamente para captar a atenção das pessoas. Ao

⁴¹ NAMORA, F. “A grande imprensa e a medicina”. **Jornal do Médico**, Ano XII. v. XIX, n. 490. 14 jun. 1952. Disponível na BNP- Biblioteca nacional de Portugal.

contrário, a sua escrita segue estruturada em um pensamento que parte da noção de alteridade, como se tem observado aqui. No editorial “A grande imprensa e a medicina”, datado de 1953, Namora começa assinalando como a ciência médica em tempos anteriores era hermética e inacessível ao grande público, reservando-se aos médicos, à exceção de alguns almanaques ou livros de utilidade no lar que auxiliavam as donas de casa a tratar de coisas simples, como uma indigestão: “O padre escancarava o missal perante os fiéis, [...] o homem de leis traduzia o código nas barbas do cliente – mas ao médico exigia-se que guardasse a sua sabedoria em tratados”. A tradição “evoluía mesmo no sentido de impedir que o clínico consultasse os seus livros à vista dos profanos”. E, seguindo essa ideia, os “novos fármacos que surgissem do laboratório do investigador ou das retortas da indústria química iam em primeira mão para os médicos”, sem a intromissão de “salteadores”, e sem que “os curiosos ousassem disputar essa primazia”. Assim, afirma Namora, o público em geral só tinha acesso às descobertas de remédios “quando seu emprego, de tão [...] verificado, acabasse, naturalmente, por romper as fronteiras da literatura médica”. No entanto, os pacientes não lembravam, ou exigiam do médico este ou aquele tratamento que estava disponível, apesar de já poderem contar com a apreciação prévia da classe médica, aponta Namora:

E hoje?!

A pergunta tem muito de terrível. Hoje, desde a embalagem da especialidade farmacêutica à literatura que a acompanha, à montra da farmácia, ao anúncio desmedido, aos milhares de livros de ciência engarrafada e terminando na clamorosa e progressiva divulgação da grande imprensa – hoje, todos se preocupam em *oferecer* ao doente elementos para que ele diagnostique, sem interferências [...]. A maioria dos jornais, e particularmente dos semanários, *introduziram nas suas páginas uma farta secção de medicina*, que julga orientar o público sobre tudo o que ele precisa para se defender da doença, que *lhe dá em primeira mão a novidade terapêutica* (NAMORA, 1953) (grifos meus).

“Oferecer” foi grifado porque a palavra carrega uma conotação-sinônimo de “oferta de mercado”. Vende-se saúde porque o mercado setorial descobre que existe uma demanda. Ontem e hoje. Mas a questão mercadológica é uma realidade, e o que está em discussão é a fragilidade humana ser usada para vender. Como assevera Namora, esse “negócio tem probabilidade de êxito”, porque “o doente desde sempre procurou prolongar o tempo que medeia entre o primeiro degrau do seu sofrimento e a consulta do médico, numa tentativa de ter o mal (e nesse mal confundem-se a doença e o médico)”. Atire a primeira pedra quem nunca postergou uma consulta. Responda-se sim ou não, o problema que Namora coloca é que o bem-estar da população não pode ser condicionado (ou subjugado habilmente) pelo apelo de mercado, sob pena de uma objetivação das pessoas. O caráter humano e suas fragilidades, mais expostas quando há doenças, não é levado em conta quando o intuito é *oferecer* matérias ou conteúdos jornalísticos “sensacionalistas”, como sublinhou Namora. “A maioria dos jornais [...] introduziram nas suas páginas uma farta secção de medicina que julga orientar o público sobre tudo o que ele precisa”. E acrescenta: “Muitos dos doentes que hoje procuram o médico parecem dispensar” a orientação e recomendações médicas. “É o doente a insinuar, quando não a impor, o diagnóstico, a análise, a droga da moda que ele acabou de ler”. Em algumas ocasiões acontece que o doente exhibe em dado momento da consulta “o recorte de jornal em que lhe põe em pratos limpos as dúvidas e conquistas da medicina”. Qualquer semelhança com o que acontece nos dias atuais não é mera coincidência!

O médico e professor de medicina da UNIFESP Valdir Reginato destacou em entrevista⁴² três aspectos desfavoráveis do impacto das informações geradas pela mídia, segundo a sua experiência com pacientes no consultório: 1. As notícias com informações generalizadas são

⁴² A mim concedida em razão da comunicação “Literatura, narrativa (jornalística) e saúde humana” apresentada no **VIII Congresso internacional** - *Rendez-vous de la critique* “Salut de part et d’autre? Santé et bien-être à l’épreuve de la littérature. Universidade do Porto: Portugal, 2016. (Disponível em gravação e vídeo 1:05).

impróprias porque o paciente não tem conhecimento médico e muitas vezes essas informações podem ser pautadas por interesses econômicos; 2. O efeito das notícias das manchetes feitas para chamar a atenção dos pacientes – uma vez que, de um modo geral, o conteúdo das matérias não é lido. E em muitos desses textos jornalísticos as informações importantes sobre restrições ou pesquisas que ainda não foram finalizadas, ficam para o final ou são resumidas a uma frase; 3. O resultado dos dois pontos anteriores é que as relações entre médico e paciente acabam sendo mediadas pelas notícias. Praticamente o mesmo desenlace conclusivo a que chegou Namora em “A grande imprensa e a medicina”, quando escreve: “Para onde vamos? Certamente que teremos que observar, [...] aqueles que se encharcaram em drogas inúteis, nocivas ou deslocadas nos seus padecimentos – mas talvez pior do que isso”, conclui, “é o abismo de desconfiança mútua, de descrédito, que dia a dia se aprofunda entre o doente e o médico”.

F. Namora também critica os meios de comunicação de massa em “Medicina e Divulgação”⁴³. “Não é a primeira vez, nestas páginas [seu editorial no *Jornal do Médico*], que considero o perigo que acompanha toda a espécie de divulgação médica”. Notadamente ao escrever os textos não ficcionais, F. Namora se ancora menos no papel desempenhado como intelectual e mais em sua experiência como homem da ciência. Em 1955 foi eleito membro da Academia das Ciências de Lisboa, e mais tarde seria convidado também para membro integrante da Academia Europeia de Ciências, Artes e Letras. Ao fazer parte da Academia de Ciências assume com o cargo a responsabilidade de contribuir para a sociedade na transmissão de informação – um dos principais pilares estatutários da Instituição. Função que já exercia sistematicamente, desde 1951, como articulista ou editorialista por meio do *Jornal do Médico*. Interessante saber que a Academia das ciências de Lisboa, fundada em 1779 e uma das instituições mais antigas de Portugal, tem como signo inspirador a

⁴³ NAMORA, F. “A medicina e a divulgação”. **Jornal do Médico**, Ano XIII, v. XVIII, n. 518, janeiro de 1953. Disponível na BNP- Biblioteca nacional de Portugal.

frase do Fedro de Platão: “Se não for útil aquilo que fazemos, a glória é vã” (tradução livre)⁴⁴, frase que curiosamente vai ao encontro da discussão que Namora empreende, em especial, nos dois editoriais citados, em que chama atenção para as notícias com títulos e textos especulativos. Em outras palavras, o papel do jornalista/jornalismo é informar, e isso quer dizer que a sua função é a prestação de serviços à população. Esse seria, por consenso (e por norma jornalística), o papel fundamental da função do gerador de informação para mídia. O Prof. Carlos Eduardo Lins do Rego escreveu, no prefácio ao livro *Jornalismo Científico: teoria e prática* (REGO, 2014), que “o sensacionalismo e a pressa sempre foram os principais inimigos da boa qualidade da divulgação científica” (2014, p. 14). O jornalismo e a ciência são duas atividades com algumas diferenças entre si que podem acabar interferindo na maneira ideal de informar ou comunicar. A maior delas está no tempo. No jornalismo tudo deve ser rápido, porque existe a necessidade de resultados “que pareçam definitivos o mais breve possível” (2014, p. 14), enquanto a ciência se faz de maneira oposta, ainda segundo Lins do Rego. E é aí que tem notabilidade, mais uma vez, a questão da relação de respeito pelo outro. A comunicação passível de aderir à estratégia de vender a notícia como meta prioritária ou aquela que é elaborada rapidamente acaba por desconsiderar a responsabilidade pelo indivíduo e a sociedade que deve ser informada da realidade dos fatos de maneira conscienciosa pelo jornalista, sem causar distorção das informações. Princípio este que, em termos atuais, se encontra no próprio código internacional de ética jornalística⁴⁵. O jornalista ou gerador de informação

⁴⁴ No original: “*Nisi utile est quod facimus stulta est gloria*”.

Numa das fábulas, acerca da proteção que os deuses concedem às árvores, conta Fedro que estes estavam divididos sobre o assunto: enquanto Júpiter escolhia o carvalho, Vênus preferia a murta, Fedro elogia o loureiro, Cibele gabava o pinheiro e Hércules exaltava o choupo. Como, entretanto, Minerva se admirava de só terem sido escolhidas árvores estéreis, a deusa inclinou-se antes para a oliveira, só porque esta dava frutos. Atalhando a questão e louvando a sabedoria de Minerva, disse Júpiter: “Se não for útil aquilo que fazemos, a glória é vã”. Fábulas III, 17, 12. Disponível em: <http://www.acad-ciencias.pt/academia/introducao>. Acesso em: 18 jan. 2020.

⁴⁵ A ética jornalística é um conjunto de normas que regem a atividade jornalística e o procedimento ético-profissional. E, embora essas normas se desdobrem em códigos de

para mídia é o braço de comunicação entre os fatos e a sociedade, e deve cumprir essa tarefa tendo em mente informar de forma clara e precisa, para que a notícia seja entendida pelos cidadãos.

“Porém, e por muito que essa divulgação seja cautelosa, e não o tem sido, há que se ter sempre presente que a todo o passo se corre o risco de deturpar conhecimentos que, reduzidos a uma linguagem simples”, conforme continua ponderando Namora (1953) em seu editorial “Medicina e divulgação”, “se apresentam, extraordinariamente fáceis de ser apreciados e utilizados” pelo público em geral. Aqui, Namora se refere de modo mais específico às notícias sobre saúde, uma vez que nem sempre os médicos são consultados para se manifestarem a respeito dos assuntos em pauta, considerando-se que a linguagem simples demais pode deturpar as informações “sem o parecer e vigilância do médico”. Mas não há dúvida de que a divulgação ou notícias sobre a saúde “[são] necessária[s], no sentido de prevenir o público das ameaças que o espreitam [...] e representa[m] o primeiro passo no esclarecimento que se deve ao público”. Namora fala, em suma, neste trecho, a respeito da necessidade de informar (sobre a saúde) como sendo a prestação desse serviço à sociedade um dever. E a responsabilidade de informar o mais fielmente possível os fatos é a tarefa dos geradores de informação para a mídia, chamando a atenção para a questão de como cumprir essa função e suas consequências. Hoje, Lins da Silva (2014) reafirma o que foi observado por Namora: “Apesar das oposições, no entanto, o jornalismo científico (ou a divulgação científica) é essencial para as sociedades humanas” (SILVA, 2014 apud MELO; RIBEIRO, 2014, p. 14). E a facilidade cada vez maior de disseminar informações via internet aumenta

ética que variam em cada país, existe o código internacional de ética jornalística aprovado pela UNESCO em 1983 – elaborado por associações de jornalistas de diversos países do mundo, cuja orientação central recai sobre o dever de servir a causa de direito à informação verdadeira para os cidadãos sob uma exposição responsável dos fatos, isto é, mediante uma exposição dos acontecimentos em sua devida contextualização dos fatos por parte do jornalista/ gerador de informações para a mídia.

ainda mais a responsabilidade da divulgação científica responsável” (MELO; RIBEIRO, 2014, p. 14).

Está implícita nessa discussão levantada pelo editorial de Namora e igualmente abordada por Lins da Silva, na atualidade, que o eixo da discussão gira em torno da responsabilidade individual – do gerador das informações para a mídia – que parte da questão de como comunicar a informação sem deturpá-la, e inclui pensar no impacto da sua matéria comunicativa para o público receptor.

A linguagem articula-se para comunicar e, nesse caso, é preciso lembrar que ela contém valores. Em *Autrement qu'être ou au-delà de l'essence* (1974), Emmanuel Lévinas trata da representação da ética (da alteridade) em e por meio da linguagem. Para Lévinas, a linguagem é o ato próprio de responder ao outro. A minha resposta, afirma Lévinas, qualquer que seja ela (incluídos o silêncio ou a indiferença, etc.) é de minha total responsabilidade (portanto individual e intransferível), e não cabe uma retribuição. Por isso, a sua noção de ética da alteridade implica responsabilidade. Antes mesmo de que eu seja questionado ou entenda o que se deve fazer frente ao outro, ele já exige de mim uma resposta: “Precisamente na medida em que entre outrem e eu a relação não é recíproca é que eu sou sujeição ao outrem; e sou >sujeito< essencialmente nesse sentido” (LÉVINAS, 2013, p. 82). Assim, para Lévinas, a linguagem é a relação com o outro homem. Portanto, ela ultrapassa o aspecto formal da escrita ou da fala que se configura na comunicação de ideias ou de informações para se transfigurar em um ato ético – porque de uma maneira ou outra, quer sim ou não, trata-se de responder ao outro. De acordo com o filósofo, “quando eu digo ‘bom dia’, [...] eu me ocupei com seus dias, eu entrei em sua vida além do simples conhecimento” (POIRIÉ, 2007, p. 83). Um simples bom dia “exprime: eu te desejo paz, eu te desejo um bom dia, a expressão de que se preocupa com o outro. Ela porta todo o resto da comunicação, ela carrega todo o discurso” (2007, p. 83). Esse discurso a que se refere Lévinas é o *discurso*

da alteridade, que fica entre o “dizer” e o “dito”⁴⁶. O Dito no pensamento levinasiano é tudo aquilo que se diz comumente, retórica ou resposta temática para o outro – conforme o exemplo citado de desejar “um bom dia”. Mas se esse “bom dia” for uma expressão do eu que se preocupa com outro, e assume sua responsabilidade pelo outro (ética da alteridade), então trata-se do Dizer. Fernando Namora quis *dizer* através dos editoriais do *Jornal do Médico* (como disse nas narrativas de *Retalhos da vida de um médico*) que “em suma, o ofício de escrever é indissociável do de viver, e [...] o que importa, mais do que os encantos ou os desencantos, é [...] se soubemos respeitar os outros” (NAMORA, 1981, p. 265).

Albert Camus, como Fernando Namora, mantinha uma vida de intelectual público ao mesmo que se dedicava à literatura, transitando entre a escrita literária e a crônica ensaística. Escreveu para a imprensa e chegou a editar o jornal *Combat*, experiência de coragem e responsabilidade na vida pública que ele emprestará, como indica Tony Judt em *O peso da responsabilidade*, ao Dr. Rieux, igualmente médico narrador e protagonista de *A peste*, à semelhança dos “João Semana” de *Retratos da vida de médico*. Camus entendia a ética segundo o princípio de responsabilidade, uma vez que, para ele, a resposta moral ao outro é agir de acordo com o seu *métier*, isto é, seus afazeres, experiência e/ou habilidade técnica. Porque é isso que o ser humano pode fazer existencialmente frente ao absurdo da vida – uma realidade que, segundo seu pensamento, o homem nunca vai vencer. Namora não tinha um apelo eminentemente filosófico, mas flertou com o existencialismo e com o peculiar da tragédia em sua obra.

Dessa maneira, a escrita literária e o papel de cronista/ensaísta se confundem e assumem uma perspectiva comum entre os dois autores, sobretudo ao observar as duas obras citadas, na medida em que há um

⁴⁶ Oswald Ducrot vai trabalhar também com a noção do dizer e o dito (tem um livro de mesmo título, que reúne vários seus escritos desde 1968), porém, com abordagens no campo da linguística e seus contornos – realizada a partir de estudos de base em Ferdinand Saussure.

reconhecimento de que “não há uma só das angústias dos seus concidadãos que ele não tenha compartilhado, uma só situação que não tenha também sido a sua”. De modo “que não havia um só dos seus sofrimentos que não fosse ao mesmo tempo o dos outros” (CAMUS, 2017, p. 280-281). E, assim,

esta crônica não podia ser a da vitória definitiva. Podia, apenas, ser o testemunho do que tinha sido necessário realizar e que, sem dúvida, deveriam realizar ainda [...] todos os homens que, não podendo ser santos e recusando-se a admitir os flagelos, se esforçam, no entanto, por ser médicos (CAMUS, 2017, p. 286).

E como em mim o que sente está escrevendo (parafrazeando o verso de Fernando Pessoa: >o que em mim sente está pensando<), é neste convívio a sós com as palavras, [...], que faço o meu exame de consciência. Escritor intimamente ligado à experiência de homem e de médico, são por vezes os percalços literários, ou das atividades de qualquer modo ligadas com a literatura, que me evidenciam com mais clareza as características dos ambientes e das pessoas que me cercam (NAMORA, 1952).

SEGUNDA PARTE

3 AS NARRATIVAS JORNALÍSTICAS E A SUBJETIVIDADE AUTORAL EM RELAÇÃO ÀS QUESTÕES DE ÉTICA (DA ALTERIDADE)

3.1 Texto e contexto do jornalismo narrativo pela analítica teórico-literária

As questões de transposições literário-jornalísticas, vistas a partir da experiência estética entre a escrita eminentemente ficcional e a factual (em o *Jornal do Médico*) realizada pelo escritor Fernando Namora, embora tenha sido conformada em uma obra de cunho particular, acompanhou a tendência de migração progressiva da literatura para outras formas textuais. Tal prática, iniciada no século XIX na Europa, viria a ser reproposta no século XX.

Marie-Ève Thérénty, professora de literatura francesa na universidade Paul-Valéry Montpellier 3, apresentou os resultados de sua pesquisa em um campo ainda novo: a relação entre literatura e redação jornalística. no século XIX. Os estudos atuais sobre jornalismo muitas vezes nos fazem esquecer que os jornalistas eram escritores de verdade (às vezes políticos); não faltam exemplos ilustres, de Stendhal a George Sand e Alexandre Dumas, que criaram nada menos que sete jornais e revistas, de 1848 a 1868). A partir de 1860, a multiplicação de títulos e a quase industrialização da imprensa talvez tenham diminuído o papel dos escritores, mas, na França, a tradição do cotidiano literário continua (GRAVET, 2012, tradução livre)⁴⁷.

⁴⁷ No original: Marie-Ève Thérénty, professeur de littérature française à l'université Paul-Valéry Montpellier 3, expose le résultat de ses recherches dans un domaine encore neuf: les rapports entre littérature et écriture journalistique au XIX^e siècle. Les actuelles études de journalisme font trop souvent oublier que les journalistes étaient alors de véritables écrivains (parfois des hommes politiques), les exemples illustres ne manquent pas, de Stendhal à George Sand en passant par Alexandre Dumas qui ne crée pas moins de sept journaux et revues, de 1848 à 1868. A partir de 1860, la multiplication des rubriques et la quasi-industrialisation de la presse diminuent peut-être le rôle des écrivains mais, en France, la tradition du quotidien littéraire perdure. (GRAVET, Catherine; THÉRENTY, Marie-Ève. **La littérature au quotidien**. Poétiques journalistiques au XIX^e siècle. Questions de communication [En ligne], 14 | 2008, mis en ligne le 23 janvier 2012. Disponível em: <https://journals.openedition.org/questionsdecommunication/1570>. Acesso em: 14 jan 2020.

Em que foi adquirindo novos contornos e incorporando a intenção de obter maior proximidade com os leitores e de despertar ou provocar uma disposição crescente para a leitura – sobretudo no caso das publicações periódicas, em que o ato de comunicar passou a ganhar uma dimensão funcional estratégica.

Dessa maneira, o modelo de narratividade da literatura alcançou legitimidade e se estendeu, como já observado, “à crônica, ao item noticioso, à entrevista, o que contribui para uma melhor legibilidade, para mais prazer para o leitor e, portanto, para melhores vendas” (GRAVET, 2012, tradução livre)⁴⁸. Sem dúvida, essa dinâmica da expressividade é percebida por Namora (1981, p. 264) como prova uma entrevista concedida pelo autor ao jornal lisboeta *Diário Popular* (em fevereiro de 1978): “Há muitos anos que vários ficcionistas portugueses se mostram arredados da ficção, [...] e não devemos considerar um drama desde que compensado por outras formas literárias de comunicação”.

Desse modo, com o passar do tempo, diante de desafios diferentes, se vê surgir (e é natural que seja desse modo) novos questionamentos sobre a intervenção da ficcionalização na escrita factual que caracteriza as narrativas jornalísticas.

A definição de narrativas jornalísticas, em sentido amplo, aponta para um estilo que importa a técnica da escrita-literária (ou parte dela) para o gênero jornalístico. Praticado na esteira do chamado jornalismo literário, cunhado por Gay Talese e consagrado pelo norte-americano Tom Wolfe, tem nas suas crônicas o texto que marca a estética do New Journalism⁴⁹ (título da antologia de matérias publicadas e editada em

⁴⁸ No original: “*La fiction s’étend à la chronique, au fait divers, à l’interview, ce qui contribue à une meilleure lisibilité, à plus de plaisir pour le lecteur et donc à de meilleures ventes*”.

⁴⁹ Gênero pouco cultivado/adotado à época, no Brasil, se considerado em termos estritos de rigor e método, a exceção da Revista Realidade (1966-1976) – segundo o comentário de Fernando Barros e Silva para o prefácio da publicação “O Piauí é aqui” (**Tempos instáveis**: O mundo, o Brasil e o jornalismo em 21 reportagens da Piauí. São Paulo: Companhia das letras, 2016). Além dessa publicação, classificada consensualmente como um marco do *Novo jornalismo* na categoria de periódicos, citaria dentro da gênese do Jornalismo literário brasileiro, obras singulares como: **Esqueleto na lagoa verde** (1953) de Antônio Callado – publicado em 2010 pela Companhia das letras com prefácio

1973, redigida sob os auspícios da técnica). Nascido nas redações americanas, em que se configurou na segunda metade do século XX, o New Journalism empregava a ficção em reportagens que passaram a ser cuidadosamente investigadas ou aprofundadas, a seu tempo – o que permitia acrescentar mais elementos aos fatos – e, por isso mesmo, escritas com mais intensidade, resultando em um envolvimento maior do leitor, fruto da harmonia entre a literatura e a informação jornalística.

Esse estilo, de caráter dual entre a objetividade factual e os recursos das narrativas literárias aplicadas à escrita, teve como gênero fundador o “romance de não ficção”, termo criado por Truman Capote para definir a sua obra clássica *A sangue frio* (1966). Tratando-se de um relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas consequências, conforme está impresso no subtítulo da obra, sabe-se que Capote levantou o histórico da família, o espaço socioambiental em que viviam seus membros, e fez entrevistas com os condenados prisionais no “Corredor da Morte”, além de ter presenciado as execuções. A partir do caráter documental que o seu testemunho imprimiu, o autor “escreveu um relato do crime e das consequências em que fatos minuciosamente investigados integram-se a uma narrativa cativante que, em termos de estilo e estrutura, é idêntica a um romance” (LODGE, 2010 p. 209).

No romance de não ficção ou novo jornalismo – qualquer que seja o nome –, a técnica gera uma exaltação, uma intensidade e um poder emotivo a que a reportagem tradicional e a historiografia não aspiram, enquanto para o leitor a garantia de que a história é “verídica” confere a esta uma urgência que nenhum tipo de ficção consegue reproduzir. Ainda que hoje seja bastante popular, essa forma narrativa já existe há algum tempo sob os mais variados disfarces. O próprio romance, como forma literária, é uma evolução do jornalismo incipiente – panfletos, “confissões” de criminosos, relatos de desastres, batalhas e acontecimentos extraordinários que circulavam entre leitores ávidos e crédulos como sendo histórias reais, ainda que

quase sempre incorporassem elementos inventados⁵⁰ (LOGDE, 2010, p. 210).

A narrativa jornalística, identificada como um estilo de escrita que mistura as técnicas da literatura e do jornalismo, uma vez reconhecida como um gênero narrativo, é pensada, basicamente, pelo meio acadêmico, por estudiosos tanto da área da teoria literária, especialmente a partir da narratologia, quanto por teóricos do campo prático do jornalismo, e tem ganhado, há algum tempo, novos contornos. Por isso, vem despertando a atenção de pesquisadores que direcionam seus artigos e estudos para questionamentos éticos que envolvem essas produções midiáticas.

Uma vez que “essas práticas afirmam ser narrativas, a narratologia parece constituir uma porta particularmente relevante para abordar esse fenômeno (VANOOST, 2013, p. 140, tradução livre)⁵¹. “A afirmação é de Marie Vanoost, pesquisadora que, entre outros, desenvolve esse trabalho a partir de países de língua francesa e, embora esse “modelo de jornalismo faça parte da tradição de grandes reportagens francesas, seus praticantes também afirmam ser jornalismo narrativo americano” (2013), p. 140, tradução livre)⁵². Vanoost se refere à “filiação” dessas narrativas, elaboradas entre o ficcional e o factual, com matérias jornalísticas tipicamente francesas, mas que muitas vezes incorporam características do tipo americano da escrita de jornalismo narrativo – que remonta, como se viu, ao New Journalism, denominação geral que hoje abarca uma gama

⁵⁰ “Daniel Defoe lançou-se na carreira de romancista imitando essas narrativas pretensamente documentais em obras como [...] **Um diário do ano da peste**. Antes do método histórico-científico desenvolver-se, no fim do século XIX, o romance e a historiografia foram campos férteis em suas colaborações mútuas: Scott considerava-se muito mais um historiador do que um romancista, e em **História da Revolução Francesa**, Carlyle escreveu mais como um romancista do que como um historiador” (LOGDE, 2010, p. 210-211). (grifos nossos).

⁵¹ No original: “Puisque ces pratiques se revendiquent du récit, la narratologie paraît constituer une porte d’entrée particulièrement pertinente pour approcher ce phénomène”.

⁵² No original: “Bien que celui-ci s’inscrit dans la tradition du grand reportage à la française, ses praticiens se réclament également du narrative journalism américain”.

maior de práticas análogas, como o Novo Jornalismo, a narrativa criativa ou a não-ficção literária, além do jornalismo literário.

Entretanto, os estudos empreendidos por Vanoost, e os demais pesquisadores, servem de modelo para se pensar sobre o fenômeno das narrativas jornalísticas ou jornalismo narrativo de maneira abrangente, porque são feitos analiticamente, baseados na tradição da discussão dos gêneros clássicos do campo da literatura e da teoria e prática do jornalismo, estabelecendo que, mesmo com as variações de nomenclatura, trata-se da mesma prática, compreendida como jornalismo (relativo a textos informativos publicados na mídia) feito de modo narrativo, ou seja, um gênero que utiliza as técnicas da ficção e as aplica à não-ficção. Vanoost (2013, p. 147, tradução livre) opta por adotar o termo “jornalismo narrativo”: “Jornalismo, porque o interesse é apenas em textos que afirmam ser informativos e são publicados na mídia. Narrativo, porque é o qualificador”⁵³.

“Além disso”, continua, “o termo jornalismo narrativo pode ser usado, mais facilmente do que outros, para se referir a textos escritos e outros tipos de produção jornalística, de reportagens em quadrinhos a documentários na web”, acrescentando que, no “atual contexto midiático e jornalístico da concorrência generalizada e de novas hibridizações, notadamente ligadas a novas tecnologias, essa possibilidade de extensão do termo parece significativa” (2013, p. 147, tradução livre)⁵⁴. Sendo assim,

a escolha de uma denominação direciona por si mesma para uma grade de leitura específica. Falando em jornalismo

⁵³ No original: “Nous avons décidé d’opter ici pour l’appellation de *journalisme narratif*. *Journalisme*, parce que notre intérêt se porte uniquement sur des textes qui revendiquent un caractère informatif et sont publiés dans des médias d’information. *Narratif*, d’une part, parce qu’il s’agit du qualificatif utilisé par les acteurs”.

⁵⁴ No original: “En outre, l’expression *journalisme narratif* peut être utilisée, plus facilement que d’autres, pour désigner autant des textes écrits que d’autres types de productions journalistiques, de la BD-reportage a webdocumentaire. Dans le contexte médiatique et journalistique actuel de concurrence généralisée et de nouvelles hybridations, notamment liées aux nouvelles technologies, cette possibilité d’extension du terme paraît non négligeable.

narrativo, necessariamente colocamos certa ênfase na ideia de narrativa. Essa preocupação com a narrativa aprofunda e, assim, transforma a fórmula básica do jornalismo: 'Quem' se torna personagem. 'O que' se torna enredo. 'Onde' se torna configuração. 'Quando' se torna cronologia. 'Por que' se torna motivo. E 'Como' se torna narrativo (2013, p. 148, tradução livre)⁵⁵.

É bom lembrar que esta afirmativa se coloca em relação às perguntas de praxe que direcionam a prática do jornalismo tradicional: Quem (o agente), O quê (ação), Onde (o lugar), Quando (o tempo), Por quê (o motivo), Como (o modo). Nesse sentido, como explicar essas mudanças na redação jornalística?

De acordo com Vanoost, a noção de narrativa é evidentemente central. Raphaël Baroni⁵⁶, por exemplo, defende os benefícios do trabalho de teorização das formas narrativas em um contexto midiático, e é, tal como Vanoost, mais um dos pesquisadores que entende a importância de uma ciência da narratologia para dar conta de pensar o fenômeno narrativo para além do núcleo constitutivo apenas da literatura, como faz Todorov em *A Gramática do Decameron* (1969), segundo a observação de Béatrice Fleury, que, por sua vez, admite: "A narratologia sem fronteiras? Uma quimera. Narratologia fechada dentro das fronteiras? Uma morte programada. Narratologia com passagens de fronteira? Renascimento garantido" (FLEURY; WALTER, 2017, p.195).

Um olhar que mantém o foco da análise teórica no caráter específico da função jornalística é o de Roselyne Ringoot, que trabalhou, em *Analyser le discours de press* (2014), de maneira didática. Voltada para os

⁵⁵ No original: "le choix d'une appellation oriente en lui-même vers une grille de lecture particulière. En parlant de journalisme *narratif*, on met nécessairement une certaine emphase sur l'idée de récit. Ce souci du récit approfondit, et par là même transforme, la formule de base du journalisme : « «Who» becomes character. «What» becomes plot. «Where» becomes setting. «When» becomes chronology. «Why» becomes motive. And "How" becomes narrative» (CLARK, 2000, p. 12)". Lembrando que está afirmativa se põe em relação às perguntas de práxis adotadas pelo jornalismo tradicional: Quem (o agente, O quê (ação), Onde (o lugar), Quando (o tempo), Por quê (o motivo), Como (o modo).

⁵⁶ Cf. link de um de seus artigos: BARONI R., MARTI M. (dirs). **De l'interactivité du récit au récit interactif, Cahiers de la narratologie**. Analyse et théorie narratives, 27 (2014). Disponível em: <http://narratologie.revues.org/7077>. Acesso em: 20 abr. 2020.

estudantes de jornalismo ou ciências humanas em geral, Ringoot analisa as formas discursivas da imprensa, como o próprio título da obra acusa. Nela, prevalece um exame das mudanças ou tendências dos discursos na imprensa francesa, mas muitos pontos por ela investigados valem no arranjo ou disposição geral, sobretudo por oferecer uma atualidade que merece atenção.

A autora, aplicando a análise de discurso à imprensa como objeto de pesquisa, permite uma aproximação ao campo com questões que podem colocar a ética jornalística em xeque, como a da responsabilidade individual dos geradores de informação para mídia. Ringoot faz, por exemplo, um questionamento importante sobre o discurso social, em função da separação do discurso do jornal e do profissional, baseando-se na metodologia desse campo de atuação, e aborda conceitos cuja equação é determinante no fazer jornalístico, como o valor de mercado e o imediatismo que pautam a prática do jornalismo, nos dias atuais, porque feito de maneira mais contundente e expressiva (especialmente nas plataformas *online*). Também aponta o caráter de orientação comum dos profissionais do jornalismo na prática concentrada e imersa no imediatismo, além de expor o (por vezes abusivo) uso de redes sociais ou *twitter*, dentre outros recursos, para apoiar informações e realçar o trabalho que empreendem.

Essas duas últimas colocações de Ringoot são as que mais podem preocupar, no sentido de que, na pressa, muitas das informações podem se perder ou deliberadamente deixar de ser relevadas (sem contar que o critério pode ser um dos elencados pela autora, como a convivência com o mercado ou fontes). Ao mesmo tempo, pensar numa intenção do jornalista de realçar o trabalho ou angariar aprovação pública ou do máximo possível de pessoas em causa própria, e não como função ou dever profissional nele investido, é assustador, no sentido de admitir que, nesses casos, não há a preocupação com o outro, considerando-se esse outro o público, o leitor, o cidadão ou a sociedade como o outro coletivo (e a correlação disso com a responsabilidade social).

Também atentos aos deveres e funções do jornalismo em relação ao caráter da sua escrita convencional, mediante uma análise feita a partir da teoria literária, N. Péliissier e A. Eyriès comentam, em um artigo intitulado *Fictions du réel: le journalisme narratif*, alguns pontos interessantes a destacar. Os autores chamam a atenção para o fato de que esse modelo de escrita reúne a voz individual e a voz narrativa, construídas entre o factual e o ficcional; mas que a escolha da forma narrativa não exime o jornalista de uma fase tradicional de coleta de dados, isto é, da matéria/ reportagem solidamente documentada, da pesquisa documental em bancos de dados, da investigação minuciosa realizada em uma extensa temporalidade, da imersão na história e nos fatos. Tal preocupação é partilhada por vários outros pesquisadores, como Alain Lallemand, que são unânimes na defesa de ser a precisão factual um bem inalienável das narrativas jornalística: “As primeiras definições americanas – tanto do jornalismo narrativo quanto de seus correlatos – devem ser lembradas, falam principalmente de reportagem e precisão factual”⁵⁷ (VANOOST, 2013, p. 152). E é a partir desse entendimento que se originam as indagações éticas que podem suscitar a elaboração das narrativas jornalísticas ou midiáticas – cujos componentes narrativos básicos são: ações, personagens, tempo e local. Diferenciam-se, dessa forma, das características próprias das narrativas jornalísticas por terem uma quantidade reduzida de texto (às vezes mínima), devido às restrições de espaço que limitam as suas possibilidades de desenvolvimento da escrita⁵⁸ (VANOOST, 2013).

⁵⁷ No original: “Les premières définitions américaines – aussi bien du *narrative journalism* que de ses proches parents – on s’en souvient, parlaient de démarches de reportage et de précision factuelle principalement”.

⁵⁸ “Le récit médiatique s’écrit généralement quasiment dans le même temps que l’événement – surtout à l’ère du direct télévisé et d’Internet –, accompagnant ainsi les rebondissements de celui-ci, souvent sans pouvoir les prévoir. Il se compose en agrégeant, en accumulant plusieurs fragments, qui peuvent être des récits particuliers – souvent « minimaux », comme on l’a dit –, mais qui peuvent aussi être des textes non narratif : éditoriaux, analyses, voire même billets d’humeur ou caricatures. Il se développe en passant d’un titre à l’autre, et même d’un support à l’autre, sans qu’aucun lecteur individuel ne puisse le « lire » en entier, et limitant fortement les chances que plusieurs lecteurs « lisent » exactement le même récit” (VANOOST, 2013, p. 153-154).

Marie Vanoost, em outro artigo, intitulado "*Éthique et expression de l'expérience subjective en journalisme narratif*", discute a experiência subjetiva inscrita nos textos produzidos pelos jornalistas que vão além do relato dos fatos, válidos, sobretudo, pelos questionamentos éticos que suscitam as narrativas jornalísticas, em que o jornalista usa, para expor os fatos, técnicas literárias, como a atribuição de pensamentos e sentidos aos personagens. Considerando-se que, na literatura, é uso corrente empregar verbos de expressão para pensamentos e sentimentos, o uso do discurso indireto livre ou mesmo do monólogo interior, a pergunta é: "O jornalista pode implementar essas técnicas quando seu papel é fundamentalmente diferente do narrador de ficção?" (VANOOST, 2013, p. 162, tradução livre).⁵⁹

Essa prática agora é difundida entre jornalistas narrativos e geralmente aceita, pois, faz parte do artesanal técnico que visa criar uma compreensão mais profunda do mundo ao nosso redor – existe, portanto, fundamentalmente um objetivo ético por trás do desejo de explicar a vida interior dos sujeitos. No entanto, especialistas insistem na necessidade de enquadrá-lo. (GUTKIND, 2008; KRAMER, 1995): "Essa técnica deve ser praticada com o máximo cuidado. Os editores sempre devem questionar os repórteres sobre as fontes de conhecimento sobre o que alguém estava pensando. Porque por definição o que se passa na cabeça é invisível" (CLARK, 2002) (VANOOST, 2013, p. 162, tradução livre)⁶⁰.

Tom Wolfe afirmou sobre o assunto que essa técnica pode ser implementada na matéria, desde que corresponda a reportagens feitas de maneira aprofundada por meio de entrevistas (VANOOST, 2013), mas, embora o procedimento defendido seja o ideal, nem sempre pode se

⁵⁹ No original: *Le journaliste peut-il mettre en œuvre ces techniques alors que son rôle est fondamentalement différent de celui du narrateur de fiction?*

⁶⁰ No original: *Cette pratique est aujourd'hui répandue parmi les journalistes narratifs et généralement acceptée, car elle fait partie de l'arsenal technique qui vise à créer une compréhension plus profonde du monde qui nous entoure — il y a donc, fondamentalement, une visée éthique derrière la volonté de rendre compte de la vie intérieure des sujets. Cependant, les experts insistent sur la nécessité de l'encadrer* (GUTKIND, 2008; KRAMER, 1995): «*This technique should be practiced with the greatest care. Editors should always question reporters on the sources of knowledge as to what someone was thinking. Because, by definition, what goes on in the head is invisible*» (CLARK, 2002).

afirmar que seja colocado em prática, principalmente em se tratando de narrativas midiáticas curtas, feitas para cobertura do jornalismo diário, na *internet* ou *blogs*, em que muitas vezes somente uma parte das técnicas literárias usadas nas narrativas longas são aplicadas. Então, como ter certeza de que a forma de relatar a experiência subjetiva dos "personagens", por exemplo, não esteja sendo usada pelo jornalista ou autor da matéria jornalística para manipular o público, criar um impacto sensacionalista ou em prol de opiniões ou crenças próprias? Além disso, como as referências éticas "acabam sendo vagas, a reflexão ética, para continuar progredindo, deve ser confrontada com as produções, com escolhas concretas de escrita" (VANOOST, 2013, p. 163, tradução livre)⁶¹.

Para enfrentar essa questão, Vanoost propõe a narratologia como ferramenta de análise para examinar o que essas escolhas implicam em termos de ética (jornalística) e como se colocam em meio à construção da narrativa. Justificando a preferência pelo uso dessa ferramenta de análise, Vanoost afirma que "a articulação entre narratologia e ética é recente, mas em pleno desenvolvimento" (VANOOST, 2013, p. 163, tradução livre).⁶²

A propósito de desenvolver essa articulação, Vanoost vai pensar a atribuição de pensamentos e sentimentos aos personagens, a partir da categoria de focalização vista no âmbito da teoria literária, optando por essa categoria em Genette – foco neutro ou zero, interno e externo – para empreender a sua investigação. Ela coloca que Genette, embora admita uma liberdade (a priori) entre voz e focalização – o que permite ver com mais flexibilidade as narrativas que não se restringem ao cânone literário –, acaba por reconhecer uma restrição à narração, para ele, o pré-foco: "O narrador homodiegético deve justificar ("Como você sabe?") as informações que ele fornece nas cenas em que "ele" estava ausente como personagem, nos pensamentos dos outros etc." (VANOOST, 2013, p. 164,

⁶¹ No original: *Les repères [...] s'avérant flous, la réflexion éthique, pour continuer à progresser, doit se confronter aux productions, aux choix concrets d'écriture.*

⁶² No original: *L'articulation entre narratologie et éthique est récente, mais en plein développement.*

tradução livre).⁶³ Isso determinaria, em análise, segundo Vanoost, o que as escolhas dos jornalistas implicam e como elas se colocam na construção da narrativa, não interessando, portanto, o “valor” de escrever escolhas em nível literário para a análise que se destina a uma reflexão sobre a ética jornalística (VANOOST, 2013).

Assim, de acordo com a abordagem sugerida por Vanoost, se examina um texto publicado dentre os editoriais escritos sob a forma de crônicas narrativas por Fernando Namora em o *Jornal do Médico*, intitulado “Uma Carta”:

[...] ao ler a carta amarga de um amigo isolado na província, pensei em glosá-la nesta dúzia de linhas de que quando em quando vos apresento [...].

A carta do amigo a que me referi é, repito, de um provinciano.

[...] Atendê-lo com desinteresse ou enfado, adiar-lhe uma satisfação, submergi-lo na volúvel vertigem dos dias que vivemos, é desconhecer as suscetibilidades do homem isolado. Não resisto a transcrever este período da carta: ‘Por cima de tudo, meu caro, escolhi o caminho danado de ocupar-me com coisas que exigem previamente uma qualidade de homem. E eu sou uma chatice qualquer a apodrecer ...X. A classificação fácil das minhas preocupações é que elas são ambiciosas. E é mentira. Luto apenas por descobrir um grão de certeza – e naturalmente vou deixando atrás o lixo da procura’.

Estas terríveis frases referiam-se ao facto de os cidadãos aconselharem esse meu amigo a importuná-los menos com as suas cartas [...]. A carta é o pretexto. Já outras vezes me tenho aqui referido à necessidade de, nas relações entre médicos, se por de lado uma estranha barreira, [...] que separa o médico dos grandes centros do seu colega dos meios provincianos. [...]

Na base destas relações está, como é sabido, o doente [...]. A medicina de província ainda é uma profissão enredada nos problemas humanos e sociais qua a rodeiam. Não o esquecemos.

⁶³ No original: *Si Genette soutient l’idée d’une liberté combinatoire a priori entre les catégories de la voix et de la focalisation — voire même avec d’autres, telles que celle de la position temporelle —, il reconnaît néanmoins une contrainte de la narration homodiégétique — contrainte qu’il nomme préfocalisation: «Le narrateur homodiégétique, lui, est tenu de justifier (“Comment le sais-tu?”) les informations qu’il donne sur les scènes d’où “il” était absent comme personnage, sur les pensées d’autrui, etc » (1983, p. 52).*

O editorial trata, como se viu, do recebimento de uma carta de um colega de profissão, também médico, enquanto este estava no exercício da medicina fora da metrópole – como o próprio Namora estivera no passado (agora, no papel de narrador). E é essa carta o elemento de pré-focalização de que lança mão Namora. É por meio dela que o narrador coloca a que veio: “A carta é o pretexto” para falar sobre a “necessidade de, nas relações entre médicos, se por de lado uma estranha barreira, [...] que separa o médico dos grandes centros do seu colega dos meios provincianos. [...]” (NAMORA, 1953).

Se, de acordo com Vanoost, para Genette o único modo de escapar a uma pré-focalização é por meio de uma “contorção” ou artimanha para justificar o ponto de vista do narrador ou a atribuição de pensamento aos personagens, isso não acontece no texto de Namora. O autor deixa claro de onde vêm suas informações: “Não resisto a transcrever este período da carta: ‘Por cima de tudo, meu caro, escolhi o caminho danado de ocupar-me com coisas que exigem previamente uma qualidade de homem’” (1953). Igualmente exemplar para o jornalismo narrativo, a crônica escrita por F. Namora preserva a sua “fonte”, não expondo o nome do colega que enviou a carta, porque não revela o local onde ele exerce a medicina. Afirma apenas que “sou uma chatice qualquer a apodrecer ...X”.

De tudo, ressalta-se o outro que continua vivo na escrita de caráter não-ficcional sobre que se debruça Fernando Namora, como se viu no editoriais de o *Jornal do Médico* e aqui, com o exemplo de “Uma carta”: “Na base destas relações está, como é sabido, o doente [...]. A medicina de província ainda é uma profissão enredada nos problemas humanos e sociais qua a rodeiam. Não o esquecemos” (1953). Da mesma forma que nas narrativas de ficção vistas comentadas no Capítulo 1 desta tese:

Os detalhes não são aleatórios. E em torno deles se articula o foco narrativo. É justamente a ação reflexiva e a multiplicidade dos traços particulares dos personagens com a lógica das suas motivações, que transmitem a “aparência” de realidade, e que acabam revelando também a “intenção ficcional”. A intencionalidade (ou função) narrativa, que, no

texto, “se mantém humildemente nas rubricas (nelas que se localiza o foco)” (CÂNDIDO, 2007, p. 21).

Essa intencionalidade é, em *Retalhos*, o olhar para o outro homem. Ou seja, o narrador que se vê identificado com ele mesmo (o personagem central do médico) coloca o seu foco fora de si. Mesmo quando o personagem faz suas reflexões, ele reflete em relação ao outro.

Então, sim, a pergunta “como você o conhece?” oferece pistas sobre o outro (oculto) nas narrativas jornalísticas. É importante analisar a partir perguntas como são construídas as narrativas pelos geradores de informação para a mídia. Prática que pode determinar (dado o escrito no texto) a postura ética adotada pelo autor/ jornalista, e mesmo a sua intencionalidade. O jornalista Daniel Cornu – que trabalha com ética da informação na Universidade Neuchâtel e escreveu *Jornalismo e verdade*, para chamar a atenção dos jornalistas sobre a responsabilidade individual que têm em transmitir uma informação que respeite os fatos e conseqüentemente as pessoas – enfatiza que é fundamental manter a precisão factual:

Esta questão parece particularmente importante para nós hoje, com a crise no jornalismo. O jornalismo narrativo parece-nos um lugar particularmente interessante para abordar a questão que está no coração dessa crise: a da identidade jornalística. Não são as margens, onde as tentações de se expressar em relação a outras esferas, outros modos de funcionamento, outros valores ainda mais claramente expressos, não são lugares privilegiados para lidar com essa questão de identidade? Aproximar-se da figura do jornalista narrativo que emerge de suas produções pode constituir uma maneira indireta de reexaminar a identidade do jornalista hoje (VANOOST, 2013, p. 169, tradução livre)⁶⁴.

⁶⁴ No original: *Cette question nous semble particulièrement importante aujourd’hui, avec la crise que connaît le journalisme. Le journalisme narratif nous paraît en effet être un lieu particulièrement intéressant pour aborder la question qui est cœur de cette crise: celle de l’identité journalistique. Les marges, où s’expriment le plus clairement les tentations vers d’autres sphères, d’autres modes de fonctionnement, d’autres valeurs mêmes, ne constituent-elles pas des lieux privilégiés pour aborder cette question de l’identité? Approcher la figure du journaliste narratif telle qu’elle se dégage de ses*

A acrescentar que ter em vista a questão identitária – ou seja, compreender quem é esse jornalista de hoje, no sentido de perceber como ele informa ou elabora suas narrativas – faz a diferença quando se trata, como foi ressaltado, da relação com o outro; levando-se em conta como esse outro (pessoas e sociedade) vai receber e se posicionar diante dessas informações de forma particular e em relação à sua vida. Admitindo que os textos jornalísticos são lidos, ainda, pela grande massa da população, como verdadeiros, toda a discussão que se coloca é feita no âmbito acadêmico e entre pesquisadores. Essa distinção é sentida por poucas pessoas da sociedade, sem contar o quão poucas sabem distinguir, entre as notícias publicadas na *internet*, as informações verdadeiras das que não o são (as chamadas “*fake news*”). Para efeito ilustrativo (sem a intenção de mergulhar fundo em questões relacionadas com a teoria da recepção ou abordagens similares), segue transcrita uma frase de Iser (1999, p. 66) em *O fictício e o imaginário*: “Tal “fingimento” [elementos de ficção] nos leva como leitores a certos atos”.

Contudo, dentro do que foi discutido, a questão da alteridade se mostra evidente. Por isso, importam as colocações levantadas e um olhar atento ao fenômeno do aporte (indefinido) da ficção sob os fatos na escrita de cunho jornalístico, quando praticado sem uma clara linha divisória, como parece ser a tendência nestas duas primeiras décadas do século XXI.

3.2 Limites e fronteiras entre o ficcional e o factual

Em *Fait et fiction: pour une frontière*, Françoise Lavocat questiona a aceitação indiscriminada dos limites borrados entre os fatos e a ficção e propõe compreender os seus contornos explorando os aspectos cultural, pragmático e cognitivo. No livro, a autora lança as bases, mediante um levantamento da evolução do debate teórico sobre a ficção, para discutir a

productions pourrait constituer une voie détournée pour réinterroger l'identité de journaliste aujourd'hui.

sua posição que chama de “diferencialismo moderado” frente àqueles que defendem a dissolução entre o universo ficcional e o factual.

A atualidade científica do último terço do último século acompanhou e serviu à emergência desse novo imaginário teórico. A partir dos anos 1970, a teoria dos mundos possíveis e depois, alguns vinte anos mais tarde, o desenvolvimento e a popularização das ciências cognitivas remodelaram as sensibilidades. A realidade e a ficção foram compreendidas em termos de variantes e de alternativas e não mais somente dentro do campo plurimilenar de oposição entre a verdade e o simulacro (LAVOCAT, 2016, p. 16-17, tradução livre)⁶⁵.

A análise que a autora empreende, estruturada a partir dos estudos da teoria literária, discute, por exemplo, o fenômeno da metalepse para defender a hipótese de que “a suspensão da ação suscita uma frustração, que poderia ser a fonte do desejo e da ilusão de poder abolir as fronteiras da ficção” (2016, p. 527, tradução livre)⁶⁶. Ela explica que a “ficção requer uma suspensão, não da crença, mas, da nossa impulsão à ação”. Assim, a empatia seria, então, um dos operadores principais da imersão ficcional ilustrando perfeitamente o movimento contraditório provocado, como por exemplo: “a impossibilidade de agir (nós jamais poderemos impedir Ana Karenina de se jogar sob um trem), ainda que nossas ressonâncias cerebrais empáticas nos convidem a isso” (2016, p. 527, tradução livre)⁶⁷.

A ficção, hoje, se assume indistintamente como realidade. Mediante essa premissa, baseada na observação da tendência ou condescendência passiva de que as práticas ficcionais estejam moldando a vida das pessoas e o mundo ao seu redor, afinal, criam-se narrativas (cito as midiáticas). E a ficção, conforme se vê sob denúncia (de um jornalismo em crise), tem

⁶⁵ No original: *L'actualité scientifique du dernier tiers du dernier siècle accompagné et servi l'émergence de ce nouvel imaginaire théorique. À partir des années 1970, la théorie des mondes possibles, puis, quelque vingt ans plus tard, le développement et la popularisation des sciences cognitives ont remodelé les sensibilité. La réalité et la fiction ont été comprises em termes de variantes et d'opposition entre la vérité et le simulacre.*

⁶⁶ No original: *La fiction requiert une suspension, non pas de la croyance, mais de notre impulsion à l'action.*

⁶⁷ No original: *L'impossibilité d'agir (nous ne pourrons jamais empêcher Anna Karénine d'aller se jeter sous um train), alors que nos résonances cérébrales empathiques nous y invitente.*

substituído os fatos verdadeiros e até a história. Partilho com Lavocat a existência de uma fronteira entre a ficção e os fatos; e que, provavelmente, onde essa falta de limites entre elas se mostra mais vulnerável ou em razão de uma tensão, é em termos éticos fundamentados pela preocupação com a questão da alteridade.

3.3 Narrativas (jornalísticas) em saúde

“Começamos pelo noticiário da grande imprensa. São conhecidos, como se disse, os estragos provocados por informações precipitadas e clamorosas sobre novas drogas que o doente muito naturalmente exige que lhe sejam aplicadas”, antes mesmo “que os ensaios concludentes os sancionem” (NAMORA, 1953). Esta crítica dirigida ao jornalismo de massa ou diário feito às pressas e afeito ao espetáculo não tem data recente: trata-se do editorial “Glosas sobre um mesmo tema” escrito para o *Jornal do Médico* por Fernando Namora, em 1953, o que indica, desde então, variações sobre o mesmo tema e problema.

No Brasil, em 2015, aconteceu a polêmica sobre a “pílula do câncer”, um caso emblemático cuja articulação propulsora foi, igualmente, a grande imprensa. A fosfoetanolamina sintética, substância produzida por um pesquisador químico da Universidade de São Carlos, surgiu como um remédio que traria a cura para o câncer. Segundo o próprio pesquisador, esse medicamento teria propriedades anticancerígenas. A questão emergiu porque não haviam terminado os testes e o medicamento nunca tinha sido testado em seres humanos quando a informação “vazou”, isto é, chegou ao conhecimento da imprensa e foi divulgado por ela. De modo espetacular, a notícia atingiu e incitou cidadãos com câncer a requererem judicialmente o direito de ter acesso a esse “remédio”, mesmo sem estar comprovada a sua eficácia ou a possibilidade de causar (ou não) danos desconhecidos e irreversíveis à saúde, uma vez que não havia testes científicos finalizados. As pressões políticas agiram com seus poderes de pressão, e houve uma intervenção

do poder judiciário para que a Universidade de São Paulo produzisse tal substância em forma de cápsulas – por isso, o medicamento ficou conhecido popularmente como a “pílula do câncer” –, para ser disponibilizada aos pacientes. Sem resultados à época, só em 2017 médicos do Instituto do Câncer em São Paulo anunciaram o resultado dos estudos, concluindo que a fosfoetanolamina não funcionava como remédio⁶⁸. A partir dessa experiência, o médico e professor Carlos Eduardo Pompilio, em entrevista, afirmou que “a imprensa tem um papel relevante na divulgação de fatos científicos em saúde”, como já declarara Fernando Namora em suas crônicas e é consenso entre médicos e pesquisadores. Porém, “é muito importante que se evidenciem as consequências das notícias midiáticas ou o modo como são divulgadas as informações, a exemplo do que aconteceu no caso da ‘pílula do câncer’ como foi chamada a fosfoetanolamina”. Sobretudo, acrescenta o Dr. Pompilio (2016): “é importante que as mídias informem corretamente, de maneira a entender as etapas que compreendem um processo de pesquisa científica, antes que um medicamento esteja pronto para ser liberado para tratamento e/ou consumo de pacientes”⁶⁹.

Em nome de notícias ou matérias sobre a saúde para mídia de massa são elaboradas narrativas jornalísticas que podem ser voltadas para o jornalismo diário, a fim de atender a multiplataformas – podcasts, vídeos e suportes digitais – ou para publicações de formato longo (como revistas, por exemplo, que permite um prazo maior para escrever). O chamado jornalismo científico, por sua vez, tem como função informar sobre as divulgações científicas, incluídas as sobre saúde.

⁶⁸ Cf. o resultado em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2017/04/19/a-fosfo-falha-no-teste/>. Acesso em: 11 mar. 2020. E para informação detalhada, acessar: <https://revistapesquisa.fapesp.br/2016/05/17/a-prova-final-da-fosfoetanolamina/>. Acesso em: 11 mar. 2020.

⁶⁹ Entrevista a mim concedida em razão da comunicação “Literatura, narrativa (jornalística) e saúde humana” apresentada no **VIII Congresso internacional - Rendez-vous de la critique** “*Salut de part et d’autre? Santé et bien-être à l’épreuve de la littérature*”. Universidade do Porto: Portugal, 2016. (Disponível em gravação e vídeo 15:05).

Embora o jornalismo científico seja da mesma maneira dirigido a um público geral ou de massa, a diferença entre a grande imprensa, mantida pelo jornalismo diário, e o jornalismo científico é que este último, como o próprio nome indica, trata especificamente das informações sobre pesquisas em ciências, mesmo que submetidas aos padrões formais da produção jornalística.

Dessa forma, as matérias publicadas sobre a saúde - seja de ordem ordinária ou científica - carregam as mesmas questões e apreensões que persistem ao se problematizar a geração das informações para a mídia. São essas as questões da ética jornalística, que abrange como são elaboradas as matérias e a própria responsabilidade individual do profissional que gera as informações para as pessoas ou a sociedade, levando-se em conta a repercussão para a vida, isto é, para a saúde dos indivíduos.

Acima de tudo, é preciso considerar que, para além da existência de uma demanda natural por informações sobre a saúde - como havia comentado F. Namora -, cresce essa procura, atualmente, tanto pelo contexto histórico em que se vive quanto pelo caráter existencial contemporâneo, experimentado de maneira particular: envelhecimento das populações, doenças provocadas pelo estresse, depressão, aumento dos casos de câncer (e outras doenças) e das consequências dos tratamentos com quimioterapia e radioterapia, doenças crônicas, dentre outras. Somados a isso, a preocupação com a boa forma corporal, assim como a alimentação saudável, são temas procurados justamente em contrapartida à probabilidade de adquirir as doenças citadas ou como forma de escape para a vida desmesurada das grandes metrópoles.

Em meio a uma sociedade global cada vez mais interdependente, se experimenta, de tempos em tempos, a ameaça real de epidemias e pandemias como uma realidade concreta. Diante desse cenário, a saúde humana, regional ou mundial, em todos os níveis e contextos, depende do jornalismo noticioso sobre a saúde. Seja qual for o seu formato, o ideal

seria poder contar com profissionais especializados na área para ajudar na tarefa de informar.

No Brasil, por exemplo, não existe uma formação na graduação especializada em jornalismo científico ou exclusivo para o campo da saúde. Uma iniciativa significativa para suprir esse vácuo é o Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR) que, desde 1999, oferece cursos de pós-graduação em jornalismo científico *lato sensu* pela UNICAMP. Assim, não se pode dizer que há propriamente uma tradição de jornalismo científico no Brasil, o que o leva a ter pouca representatividade. Particularmente notável é o nível de desconhecimento sobre as atividades de pesquisa desenvolvidas no Brasil, afirma o prof. Brito Cruz, diretor científico da FAPESP, acrescentando que isso se deve, em grande parte, à carência de jornalistas com motivação específica e formação adequada no campo do jornalismo científico (BRITO, 2019).

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) é uma instituição que, além do apoio a pesquisas, também incentiva a produção desse modelo de jornalismo por intermédio do Mídia Ciência ou “Programa de Incentivo ao Jornalismo Científico”, que premia profissionais habilitados nessa especialidade, contribuindo para a superação dessa carência no país. Da mesma maneira, mantém a Agência e Revista FAPESP, reconhecidas pelo compromisso com a cobertura científica desde a apuração, acesso a fontes (pesquisadores) e checagem das informações em várias etapas.

A FAPESP merece destaque porque esta, dentre outras instituições que trabalham a favor da qualidade das notícias sobre a saúde humana, merecem crédito. Outras iniciativas louváveis se encontram em países diversos, com soluções também diversas como o Science Media Centre (SMC)⁷⁰, do Reino Unido - criado para prestar assistência à imprensa e aos meios de comunicação na cobertura de notícias controversas ou de última hora; apoiar jornalistas indicando especialistas para entrevistas ou

⁷⁰ Disponível em: <http://www.sciencemediacentre.org/working-with-us/for-journalists/>
Acesso em: 16 mar. 2020.

esclarecimentos e história das ciências para narrativas de forma longa. O SMC é uma organização independente, sem fins lucrativos, que conta com os maiores especialistas na área da saúde, repórteres especialistas experientes, para oferecer suporte a novos repórteres, editores e generalistas, por meio de uma série de publicações, incluindo diretrizes sobre relatórios de ciência e saúde e trabalho de treinamento científico para jornalistas.

Quando a ciência atinge a agenda de notícias, é nosso dever repassar aos jornalistas o máximo de informações precisas possível, o mais rápido possível. Para isso, enviamos citações de especialistas, análises estatísticas de estudos científicos e fichas técnicas, além de realizar regularmente entrevistas à imprensa sobre o tópico mais recente⁷¹.

O jornalista Alain Lallemand e o médico Pierre Schepens se uniram para escrever o livro/reportagem. *As novas drogas da Geração Rave*. Os autores são de nacionalidade belga e escrevem sobretudo para esclarecer que “nenhuma utilização de droga se faz sem risco” (LALLEMAND; SCHEPENS, 2005, p. 13). Por isso, afirmam os autores, era indispensável a associação de um repórter e um psiquiatra; “um encontrou documentos confidenciais de todos os gêneros, remexeu nos arquivos da polícia, nos processos de serviços hospitalares, decifrou as fórmulas químicas, esquadrinhou os recônditos da internet”; o outro, “para além do acesso [...] às fontes médicas e acadêmicas [...], estava em condições de lhe acrescentar o rigor do médico”, com o acréscimo de poder, “sondar as almas, as vertigens da ausência de felicidade e dar aos factos brutos a humanidade de que estão desprovidos” (2005, p. 14).

Para além da integridade e importante apelo dessa narrativa jornalística, estão as informações de base que estruturam a obra e elucidam matérias publicadas isoladamente ou de oportunidade, por

⁷¹ *When science hits the news agenda, it's our job to pass on to journalists as much accurate information as we can, as quickly as possible. In order to do this we send out quotes from experts, statistical analyses of scientific studies and Factsheets, in addition to running regular press briefings on the latest hot topic.* Disponível em: <https://www.sciencemediacentre.org/> Acesso em: 16 mar. 2020.

ocasião de um ou outro evento sobre o assunto ao mesmo tempo em que e, sobretudo, permitem o acesso a informações corretas (ou fidedignas) a pais, educadores, pesquisadores e demais envolvidos que possam se beneficiar desse conhecimento.

A informação de qualidade não falta, já o demonstramos. Simplesmente, não é difundida [...]. Poderiam criticar-nos por veicularmos neste livro informações que facilitam a utilização de drogas. Porém, pensamos pelo contrário que a época vive um enorme paradoxo: tal como está confinada, a informação chega sem dificuldades aos que lhe não deveriam ter acesso (químicos, traficantes), ao passo que só atinge muito parcialmente os pais, educadores, ou adolescentes que, quanto a eles, têm necessidade dela de uma maneira cruel. Necessidade de fazerem uma ideia precisa, necessidade de estarem avisados. Todos os *sites* especializados da >droga< encham os utilizadores dos piores conselhos, ao passo que os professores, as casas da juventude, até mesmo os agentes de prevenção têm todas as dificuldades em elaborar nem que seja uma visão de conjunto do fenômeno. Não será oportuno abrir as janelas e de lançar uma luz crua sobre um mundo, evidentemente espantoso, mas desprovido de grande mistério e de toda a dimensão maravilhosa? (2005, p. 229).

Pelo visto, há diversas formas de solucionar uma preocupação comum que é informar, de maneira efetiva, sobre a saúde. O que o *site Health Media Centre* e o livro de Lallemand e Schepens demonstram em relação à (grande) imprensa ou ao jornalismo de massa e diário – agora exibido em variadas plataformas – é que há uma expectativa por parte do público que deve ser correspondida, assumindo-se a responsabilidade de informar corretamente os fatos em função de salvaguardar a saúde humana. Isso vai na contramão do que se percebe, muitas vezes, nas narrativas de matérias diárias feitas por esse jornalismo apressado (sob todos os aspectos ou condicionantes já destacados) e que são vistos ou procurados, de imediato, como o veículo informativo incontestado pelo público em geral. No entanto, trata-se de vida e morte. Fica aceso, portanto, o sinal de alerta para reflexão de que o outro (indivíduo ou coletivo) não é um personagem inexistente.

Em suma: o ofício de escrever é indissociável do ofício de viver, e [...] com os júbilos e as dores de todos os ofícios, o que importa, mais do que os encantos ou os desencantos, é por um lado, a dúvida ou a certeza sobre se soubemos respeitar os outros e a nós próprios e, se, enfim realizámos uma obra (NAMORA, 1981, p. 265).

4 À LUZ DA LITERATURA: NARRATIVAS SOBRE A SAÚDE EM FACE DA ALTERIDADE

✓ Conclusão

A justiça só permanece justiça em uma sociedade em que não haja distinção entre próximos e distantes, mas em que permaneça também a impossibilidade de passar ao lado do mais próximo; em que a igualdade de todos seja sustentada por minha desigualdade, pelo excedente de meus deveres sobre meus direitos. O esquecimento de si move a justiça [...]. Responsabilidade para com os outros ou comunicação, aventura que sustenta todo discurso da ciência e da filosofia (LÉVINAS, 2007, p. 135).

Certa vez escutei que o problema de identificar pessoas de condutas exemplares é a suposição de que se um homem é capaz de tomar determinada atitude, todo e qualquer outro ser humano também o é. Em referência a condutas exemplares, seriam seus autores pessoas excepcionais? Seriam suas atitudes heroicas? De qualquer maneira, o homem vive em plena lida com a sua natureza comportamental ambígua e vulnerável, como mostra a História. Para o bem e para o mal – em sendo o bem um “excedente de importância de outrem sobre mim” (LÉVINAS, 2007 p. 93) – e, entre esses dois extremos, uma infindável gama de ímpetos induz o homem a uma determinada ação que, por sua vez, também se altera, variando segundo outras variáveis mais. A complexidade humana intriga, sobretudo, quando se pensa o ser humano como um ser fadado ao relacionamento com os outros, o que leva ao ponto pretendido: pensar no comportamento humano a partir de certas lidas, como os afazeres profissionais, tendo em mente a responsabilidade individual como um dado partícipe das inter-relações de alteridade a partir das quais esse universo particular de ação/interação se faz.

Nesta tese, a literatura teve a função de iluminar esse pensar, a partir da escrita de Fernando Namora, aliada ao contexto da sua lida com a medicina, e com base no pensamento filosófico de Emmanuel Lévinas,

que postula uma relação diferente entre sujeito e mundo daquela proposta pela racionalidade cartesiana. Isto para alcançar as questões éticas implicadas na necessidade de precisão factual das narrativas jornalísticas, hoje construídas a partir da noção de ficção ou de carácter opinativo e, portanto, colocando em xeque o princípio básico do jornalismo que é transmitir ou informar a verdade dos fatos. O fim último deste trabalho é o de ter a oportunidade de refletir (e fazer refletir) com base nesses autores e suas respectivas obras, sobre como, considerando o carácter contingencial da vida, o homem poderia responder ao outro homem de uma maneira não instrumental, sobretudo quando a questão são as narrativas em saúde, permeadas pelo binômio vida/morte que atinge as pessoas em particular e a sociedade em geral.

Conclusivamente, sobre o pressuposto de que a relação baseada na responsabilidade individual do homem para com o outro homem se dá (em ato) no face a face, resultam alguns apontamentos que acabam por se interconectar. A face (ética) da alteridade apresenta uma correlação com o tempo social e este, por sua vez, é que sustenta a qualificação da ação ética da responsabilidade pelo outro. E o tempo social se tenciona, em contrapartida, com a atitude dominante do gerador de informação para a mídia, em especial aquele que trabalha com o jornalismo diário, quando exerce a sua função movido por certas características dominantes da modernidade entre eles a “tendência geral da individualização” conforme aponta Bauman e Donskis (2019, p. 49): “Esse conforto individual – bem-estar e satisfação – foi elevado à categoria de causa e razão legítimas (assim como corretas e adequadas) para a ação”.

O tempo social, entendido como um conjunto de representações coletivas que informam e configuram a relação com o tempo dos indivíduos, encontra-se entre a compreensão do tempo objetivo e mensurável da física e as vibrações ou o movimento do tempo da consciência interior. De acordo com o sociólogo alemão, (com formação em medicina e filosofia), Norbert Elias (1998), o tempo mostra um desenho das relações e inter-relações sociais em que o ser humano está

inserido e essa correlação com o indivíduo em particular, isto é, como o indivíduo reage ao que lhe é posto socialmente ou à rede social a qual pertence. Esta visão reforça a ideia de que a literatura, porque sempre mais propensa a retratar as perspectivas da existência humana, realize a configuração e possibilite uma maior compreensão dessa temporalidade que vai além daquela cientificamente mensurável, como afirmou Walt Whitman: “Quem toca este livro toca um homem” (WHITMAN apud CALVINO, 2015, p. 121).

Por último, dentre o que foi examinado, resta a constatação de que não se esgotam (e não devem se esgotar) os questionamentos acerca da ética no que tange às questões da alteridade. A ética não é uma ciência exata. Não se ensinam a ética e suas regras, normas e leis que são necessárias para o convívio dos seres humanos em sociedade, mas que não garantem o respeito ao próximo. O ser humano tem uma capacidade comportamental por natureza imprevisível e, portanto, é difícil impedir o “relativismo ético” em todas as suas dinâmicas e estratégias.

4.1 À luz da literatura

Ficou claro, ao longo deste trabalho, que a literatura de ficção e não-ficção de F. Namora conseguiu captar e configurar, em forma e conteúdo, o tempo social – que se mostrou, no conjunto da análise, o elemento fundamental para a prática de uma ação em direção ao outro baseada na responsabilidade, em contraponto com as narrativas jornalísticas que mantêm a prática do jornalismo diário que, apesar de tentar buscar nas técnicas ficcionais uma solução para sua maior difusão, afastou-se exponencialmente de sua responsabilidade individual para com o outro, na medida em que cedeu aos caprichos da “eficácia”, desconsiderando a importância do tempo para a apuração dos fatos e o do tempo social como fonte primária da prática jornalística, tomando como parâmetro de referência a ética da alteridade pensada por Emmanuel Lévinas.

Em sua escrita, Fernando Namora conseguiu reconfigurar a realidade no sentido de que, para além da adequada aplicação dos recursos que a técnica literária apenas “deixa transparecer”, está presente a percepção de que as relações entre os homens exigem tempo, o tempo humano, que é subjetivo e adaptável caso a caso. Segundo a reflexão de Calvino (2015, p. 124) em *Mundo escrito e mundo não escrito*: “numa primeira mirada parece que cada planta se confunde com as outras, mas assim que a atenção se fixa, percebemos que nenhuma planta é igual a outra”. Não há fórmula, nem determinação quantitativa de tempo ou método para dar conta das relações ou inter-relações humanas se estabelecerem, sobretudo se o critério for o de uma ética da alteridade que reivindica a responsabilidade individual pelo outro. A literatura em face da alteridade, na obra de Namora, revela que o tempo qualifica as relações com o outro, atribuindo-lhe a face ética da responsabilidade individual de cada um, mas Namora não escreve a propósito de uma temática que demonstre a relatividade da concepção de tempo ou por impulso de um interesse particular sobre o assunto. O tempo para o outro é intuído por Namora e está na relação entre os personagens que povoam o universo da sua prosa ou no horizonte da sua preocupação com o bem-estar e a saúde das pessoas e da sociedade em geral, como se vê nas crônicas ensaísticas e críticas do autor.

Em termos comparativos, na obra de Jorge Luís Borges, por exemplo, o tema do tempo é frequentemente abordado. Visto principalmente nos contos, ensaios e poemas, as teorias de ordem temporal são tratadas por Borges sob um senso estético que constrói relatos “cuja trama se desenvolve respondendo a diferentes concepções (...) Nunca por sua aproximação ou afastamento da ‘verdade’” (SCHWARTZMAN, 2017, p. 480). Dadas as devidas diferenças, no conto “*O milagre secreto*”, Borges (2007) se aproxima da sensibilidade de Namora quando trabalha o tempo como “expressão da subjetividade de cada pessoa (isto é, um tempo pessoal, subjetivo, que não se mede por

relógios, e sim pelos sentimentos íntimos de cada ser humano” (SCHWARTZMAN, 2017, p. 481).

Um ano inteiro tinha solicitado a Deus para terminar o seu trabalho: um ano a onipotência divina lhe concedia.

Deus praticava para ele um milagre secreto: o chumbo alemão iria matá-lo, na hora determinada, mas em sua mente um ano transcorria entre a ordem e a execução da ordem. [...]

Não dispunha de outro documento a não ser a memória; a aprendizagem de cada hexâmetro que acrescentava lhe impôs um feliz rigor de que não podem suspeitar os que se aventuram, esquecendo parágrafos provisórios e vagos. Não trabalhou para a posteridade nem mesmo para Deus, de cujas preferências literárias pouco sabia. Minucioso, imóvel, secreto, urdiu no tempo seu alto labirinto invisível (BORGES, 2007, p. 143).

A prosa namoriana, porém, que se configura em proximidade ímpar com as relações humanas, tendo em vista, de maneira recorrente, a dimensão da alteridade, revela (em seu tempo) o tempo que é necessário para se olhar além do rosto físico do outro e interagir com ele, não se faz estruturada na dinâmica de qualquer noção teórico-temporal, como se pode ver no trecho a seguir:

Mas, antes de falar de Juanito tenho que falar de outra gente: da Maria Adélia, da Ti Eulália, da signora Giuliana e de muitos mais, e ainda das fraudes e degradações que coabitam com esta profissão de ajudar a morrer os que nunca se sentiram vivos. Só dessa maneira, julgo eu, a história de Juanito terá cenário justo. E nela acreditarei.

Os nossos dias começavam num cafezinho da Praça do Chile. Café, chamo-lhe eu agora, porque mal nos sentávamos na mesa junto ao balcão, e àquela hora era sempre fácil encontrá-la disponível, logo a signora Giuliana nos trazia a bandeja com as três chávenas fumegantes e o prato recheado de pasteis de nata, de fornada dessa manhã, tostados e fofos, que nos dentes gulosos de Olinda crepitavam com o mesmo ruído de quando os pés esmagavam folhas secas. A comparação era certa, pois meditei muito nela antes de a aprovar. [...] E, sociável, exuberante, recebia-nos com um júbilo familiar, em cada dia mais gesticulado, ora apregoando as subtilezas do tricot que sempre lhe ornava a peitaça de mãe de família, ora concedendo de cozinha à Olinda, receitas, evidentemente,

privadas, temperando-lhe o pastel com mais uma dose de canela. Eu chegava a perguntar-me se as relações de afetuosa intimidade entre a italiana e as minhas duas colaboradoras, a Olinda e a Maria Adélia, não seriam justificadas por encontros lá fora, por qualquer laço mais perdurável do que esses breves minutos de léria, a espezitar a modorra que se recusava à monotonia quotidiana que ia esperar-nos, manhã cedo, quando nos agrupávamos no hospital.

[...]

Éramos, pois, três samaritanos, a maioria das vezes envergonhadas do seu ofício – correndo via-sacra dos doentes pobres da cidade, cujo estado nem lhes consentia que nos procurassem no hospital. Uma ronda por locais de miséria e sofrimento. Em certos bairros, tornáramo-nos populares. As pessoas acenavam, fraternalmente, à nossa passagem ou nem interrompiam as rixas bem salgadas de palavrões, o que exprimia outra forma de nos considerarem gente sem prosápias, da sua eleição. [...] Às vezes, ao fim dessas manhãs, aturdidas, atravessada a cidade de cabo a rabo, dava-me a sensação de ter pertencido, por algumas horas, a uma gigantesca comunidade onde todos fossem parentes solidários. Cada lar era a continuação de outro e em todos nos recebiam efusivamente. Desmembrada a nossa turma, porém, a cidade depressa fazia pesar sobre nós (ou sobre mim, pelo menos) as suas toneladas de solidão. Até a frase de Maria Adélia, à despedida, mudava o tom. Cerimoniosa e fria:

— Onde devo deixá-lo, senhor doutor?

Instantes depois, no meio da rua, desapoiado, as pessoas, à minha volta, eram apenas desconhecidos. E nenhuma delas dava por mim (NAMORA, 2016, p. 387-421).

Em contraponto ao fazer literário que, por seu caráter aberto e livre, proporciona ao público (o outro) expandir ideias, conhecer vários mundos ou só se entreter com as aventuras (e desventuras) que poderiam ou não ser reais, está a produção de notícias, isto é, a função jornalística que se apoia em uma “cultura agorística” ou “cultura apressada”, tal como nomeada por Stephen Bertman (BAUMAN, 2014, p. 172). “Sei que dos jornais só posso extrair uma leitura do mundo feita por uma ‘máquina’ [aspas minhas] [...] especializada em escolher do pó infinito dos eventos aqueles que podem ser peneirados como ‘notícia’” (CALVINO, 2015, p. 108-109). Exagero? Sim, se se pensar que a imprensa é o braço de comunicação entre os fatos e a sociedade, mas talvez não, quando se têm

em vista as notícias geradas diariamente com a rapidez típica desse modelo informativo. Nesse caso, a sensação é a seguinte:

[...] cada coisa que vejo nas ruas da cidade já tem seu lugar no contexto da informação homogeneizada. Este mundo que vejo, aquele que é costumeiramente reconhecido como o mundo, se apresenta aos meus olhos – pelo menos em grande parte – já conquistado, colonizado pelas palavras, um mundo que carrega sobre si uma pesada crosta de discursos. Os fatos de nossa vida já estão classificados, julgados, comentados antes mesmo que aconteçam (2015, p. 109).

Para o sociólogo Elias (1998), as configurações sociais se impõem ao indivíduo como coerção externa que se converte em coerção autoimposta. Elias (1998) defende a ideia de tempo como um elemento que faz parte do processo social, sendo que, enquanto o homem vivifica as suas mediações com o tempo, é também afetado por ele. A sociedade e o indivíduo fazem parte desse processo de modo indissociável. Como exemplo, o desenvolvimento social no mundo Ocidental e a interdependência das atividades exigidas no cotidiano dos indivíduos, o que desencadeia a expectativa de “falta de tempo” como princípio da “coerção autoimposta” pelo jornalista, ao focar na rapidez como condição de base na sua lida diária em busca das notícias e apuração dos fatos que irá divulgar. Com o trabalho feito sob essa expectativa, a rapidez acaba por prejudicar o levantamento das informações que devem ser levadas a público, desqualificando, portanto, a relação com o outro (pessoas e sociedade), a quem deveria servir. Ao mesmo tempo, essa conduta provoca o distanciamento da responsabilidade individual que concerne ao jornalista como profissional, de seu compromisso com o público leitor e da ética (da alteridade), que se coloca como referencial.

Nesse ponto, se encontra o nó da subjetividade, como aponta Lévinas (2013, p. 83): “A ética, aqui, não aparece como suplemento de uma base existencial prévia; é na ética entendida como responsabilidade que se dá o próprio nó do subjetivo”. A frisar, aliás, que Lévinas (2013, p.

42) não acreditava que “a filosofia pura p[udesse] ser pura sem ir ao ‘problema social’”.

O “tempo da alteridade”, ou a necessidade de tempo para qualificar a relação com o outro, que a escrita de F. Namora configura de maneira latente, não é percebida pelo jornalista na prática do jornalismo diário. A força que move a dinâmica do jornalismo diário, de acordo com o entendimento de Elias (1998), seria o do fenômeno social em que o tempo aparece como uma representação simbólica. Mas, enredado nessa “vasta rede de relações que reúne diversas sequências de caráter individual e social” (1998, p. 17), por vezes o indivíduo não se dá conta da “existência da imbricação mútua e da interdependência entre natureza, sociedade e indivíduo” (1998, p. 17). Como observa o escritor e filósofo britânico Scruton (2019): “Somos levados o tempo todo a assumir responsabilidade por nossos sentimentos e escolhas, e a tentação é evitar essa responsabilidade, ou se abster [...] dos outros e considerá-los não mais como pessoas, mas como coisas”, completando que “o pecado original dos tempos em que vivemos: [é] o pecado de descartar a face pessoal das interações humanas até que reste um mundo objetificado e despersonalizado”.

Assim, mesmo que o jornalismo narrativo tenha lançado mão das técnicas ficcionais para compor personagens e, por meio deles, como foi visto, tentar impressionar o público para realçar a reportagem dos fatos, acabou expondo sem querer sua intenção apelativa para atingir o objetivo de ser visto, ouvido ou lido ao impactar ou fazer o público se sensibilizar além do devido ou necessário. É por meio dessa ação interessada, isto é, instrumentalizada que os jornalistas perdem muitas vezes a noção de responsabilidade individual para com o outro. Na prática, essa falta se traduz numa espécie de “relativismo ético”, praticado à revelia de regras e normas éticas que estão na base da função jornalística. Para o jornalista e pesquisador da Universidade de Genève, Daniel Cornu, todas as escolhas “que podem parecer apenas uma questão de escrever, atraem de fato os contornos de relações muito diferentes do jornalista para o real, mas

também para os sujeitos de quem ele conta a história e para os leitores a quem essa história se destina” (VANOOST, 2013, p. 168). O respeito pelo outro – sujeito e leitor – são os dois principais valores éticos defendidos por Cornu, em meio às relações muito diferentes com a verdade – divididas em fatos exatos, opinião correta e relato verdadeiro” (2013, p. 168, tradução livre)⁷².

Outro aspecto a salientar é que ao se problematizar o jornalismo narrativo ou as narrativas jornalísticas (de caráter diário) encontra-se no cenário midiático de hoje, com a figura do jornalista que *cria* narrativas. Não se trata da aplicação da técnica de construção ficcional, como se viu. Trata-se de que, a exemplo do que foi iniciado com o jornalismo político e em função do imediatismo, observado mais de perto no Brasil, a criação de narrativas é aceitável em plena convivência com o meio jornalístico. As narrativas criadas, ao invés de contemplar a precisão factual, acabam por servir de canal para emitir o parecer do próprio profissional a respeito do assunto que deve informar.

Nós fazemos parte da nova narrativa humana que no passado assumiu as formas do épico, da saga ou do romance [...]. O desafio é uma busca [...] que em estrita colaboração com as ciências humanas e sociais, cria um novo campo global de compreensão mútua, crítica social e auto interpretação. Sem a emergência desse tipo de campo, não fica claro o que está à espera da filosofia, da literatura e do jornalismo. Se eles caminharem juntos, vão sobreviver e se tornar mais importantes do que nunca. Caso se separem mais ainda, todos nos tornaremos bárbaros (DONSKIS; BAUMAN 2014 p. 13).

Como afirma Cornu, o jornalista “testemunha alguém ou algo, não ele próprio” (VANOOST, 2013 b, p. 163, tradução livre)⁷³. “Como

⁷² No original: *[...] tous ces choix, qui peuvent sembler relever uniquement de l'écriture, tracent en fait les contours de rapports très différents du journaliste au réel, mais aussi aux sujets dont il raconte l'histoire et aux lecteurs à qui cette histoire est destinée. Autrement dit, des rapports très différents à la vérité — déclinée en faits exacts, opinion juste et récit véridique — et au respect de l'autre — à la fois sujet et lecteur —, qui sont les deux grandes valeurs éthiques mises en évidence par Cornu*”.

⁷³ No original: *Le journaliste « est témoin de quelqu'un ou de quelque chose, non de lui-même ».*

determinar uma regra ou procedimento para verificar se a maneira de relatar a experiência subjetiva não é usada para manipular, chocar ou lisonjear o público?” (2013b, p. 164). As referências éticas são vagas, e a reflexão ética, “para continuar progredindo[,] deve ser confrontada com as produções, com escolhas concretas de escrita” (2013, p. 163, tradução livre)⁷⁴. A prática da construção de narrativas jornalísticas, sem nenhum tipo de constrangimento sobre como está sendo difundida e aceita como “normal”, é um fenômeno relativamente recente, que vem ganhando força.

De acordo com Bauman (2019), em *Mal líquido*, a dissolução dos laços de solidariedade e afeto que começaram a tomar forma na sociedade moderna – resultando no que ele chamou de relações “líquidas” – passou a não ser mais apreendida em algum grau como negativa ou uma ameaça. Em decorrência disso, pode-se verificar o desencadeamento de atitudes narcísicas, maniqueístas ou o relativismo ético como um mecanismo de naturalização do mal.

Em 2016, o *Oxford Dictionary* elegeu como a palavra do ano “pós-verdade”, - termo empregado pela primeira vez em um artigo escrito para a revista *The Nation* pelo dramaturgo Steve Tesich – que descreve a tendência atual de privilegiar as convicções pessoais em detrimento dos fatos (objetivos). E, no que diz respeito ao jornalismo diário, faz parte das discussões sobre ética jornalística, como não poderia deixar de ser, porque as informações, por razões específicas, não têm mais o rigor da averiguação da veracidade dos fatos, passando a se caracterizar pela crença ou valores de quem gera as notícias. A opinião tem ganho espaço na mídia, isto é, a “*doxa*” - palavra em grego - que nos primeiros diálogos de Platão é compreendida simplesmente como opinião e que, portanto, é um juízo que não poderá ser referência ética, pois apresenta a

⁷⁴ No original: *Comment dé- terminer une règle ou une procédure pour vérifier que la façon de rendre compte de l'expérience sub- jective ne sert pas à manipuler, choquer ou flatter le public?*

possibilidade da falsidade das crenças que suportam a ação (FRANKLIN, 2004).

Diante desse cenário, ressalta-se o fato de que, hoje, é comum se perguntar depois de um acontecimento (ou fato) qual foi a narrativa criada! É ela que vai prevalecer no jornalismo de massa e, conseqüentemente, divulgado para a população em geral que não entende essa estratégia midiática. O público, em sua maioria, ainda acredita que uma notícia ou matéria jornalística seja verdadeira, mesmo que dentro dessa grande massa da população, haja questionamentos, a persistência do discurso desconstrói as argumentações contrárias com a técnica do a favor e contra. Ao ser colocado um depoimento contrário ao fato e outro a favor, é necessário que eles sirvam efetivamente para esclarecer a matéria, a fim de não confundir o público. Trata-se do cumprimento de uma técnica antiga do jornalismo, empregada aleatoriamente, mas que, nesse caso, serve para desorientar as pessoas, tática, sem dúvida, utilizada quando não é feito um trabalho investigativo suficiente. Quando o público recebe tal tipo de informação inconsistente ou incompleta, não há a possibilidade de que tire suas próprias conclusões. A desinformação com base nessa prática, usual também no jornalismo diário, possibilita a manipulação, por meio da condução de elementos, a favor de uma narrativa própria ou com vistas a interesses particulares.

O professor e jornalista norte-americano Walter Dean esteve em Portugal como palestrante convidado para um Congresso de Jornalistas em 2017, e falou sobre o assunto para estudantes de jornalismo, havidos por aprender com a experiência de um profissional com meio século de atividade na área:

[...] a diferença entre os factos e a verdade dos factos, é isto que os jornalistas têm que entender. Temos a citação transcrita corretamente, mas paramos aí? Fazemos *o erro de ir buscar uma citação que diga uma coisa e depois vamos procurar o outro lado*, e procuramos sempre *um que fique o mais longe possível da primeira opinião*. Pronto, temos uma história equilibrada. Em primeiro lugar, emolduramos a história pelos seus extremos, e deixamos de fora o meio,

que é onde a maioria das pessoas se encontra. *Esta informação não é útil às pessoas para tomarem as suas decisões. Duas posições extremadas não é um equilíbrio. As histórias mais interessantes são sobre as pessoas mais ambivalentes, com dúvidas dentro delas e que estão a tentar resolver-se. Isso cria uma tensão e isso é muito interessante (DEAN, 2017). [grifo meu].*

Além do argumento dos depoimentos contra/a favor, também há outro modo de “manipulação” ou, no mínimo, desinformação, que é a “narrativa” com base em “dados objetivos”. Em outras palavras, números e estatísticas que nada servem para esclarecer se não forem analisados, contextualizados e explicados dentro da realidade dos fatos. O cronista Nelson Rodrigues, polêmico porque gostava de escancarar a hipocrisia, classificava os jornalistas que só se valiam dessa alternativa como os “idiotas da objetividade” (RODRIGUES, 2007). Essas observações não têm o propósito de demonizar a imprensa, mas de chamar a atenção para a responsabilidade daqueles que geram as notícias para mídia.

O que eu pergunto em primeiro lugar aos jornalistas que entrevisto é “qual é o propósito da tua profissão?”. E eles dizem que o propósito é oferecer ao público a informação que eles precisam, para fazer boas decisões sobre as suas vidas, as suas comunidades, os seus governos. Se a qualidade da decisão das pessoas está a decrescer, porque nós damos má informação, ou a informação é menos robusta, então isso é mau para a democracia, é mau para os negócios, produz líderes pobres, decisões públicas mal informadas e por aí fora. É uma bola de neve. Se as pessoas se aperceberem de que as notícias falsas são tão comuns hoje em dia, que começam a pesar na decisão das pessoas, produzindo más decisões, [...] então o público vai exigir que se faça alguma coisa acerca disso (DEAN, 2017).

A acrescentar que informar a população não é simplesmente um propósito de estudantes de jornalismo. O jornalista tem a cumprir um código de ética da profissão. Assim, dada a importância da sua função, não é admissível que ele aja como um profissional, cujo único interesse é o de receber o seu salário ao final do mês. A desculpa é antiga, mas ainda reverbera como verdadeira: se “eu não agir de acordo com o patrão, vou

perder meu emprego”. Temos que resolver isto, diz Dean (2017), porque o “jornalismo é um ato de consciência [...]. A nossa consciência dita aquilo que sai para o público”. Adolf Eichmann também alegou que era um seguidor de ordens, como observou Hannah Arendt, em sua tese da “banalidade do mal” (BAUMAN; DONSKIS 2014 p. 33).

4.2 Narrativas sobre a saúde

Tudo o que foi pensado até aqui sobre as questões que envolvem a ética jornalística, no que diz respeito, sobretudo, ao gerador de informação para mídia e à consequente responsabilidade que tem na produção de informações, vale igualmente para as narrativas em saúde com um agravante: quando o assunto é a saúde humana – considerando que os que vão receber e ser impactados pelas notícias são as pessoas em particular e a sociedade em geral –, torna-se um caso de vida ou morte. E, nesse intervalo entre uma e outra, trata-se de preservar o bem-estar dos cidadãos. Portanto, o problema é quando o jornalismo diário trabalha com a saúde, em especial, porque, de um modo geral, como observa Dean (2017), com o problema da diminuição do orçamento dos jornais, as empresas jornalísticas começaram a despedir os especialistas, precisamente aqueles “que podiam garantir um acompanhamento minucioso de assuntos que as pessoas não entendem à primeira”.

O jornalismo científico, por sua vez – que só difere do jornalismo de massa por informar especificamente sobre ciência e trabalhar com pesquisas científicas, permanecendo sob as mesmas normas do setor jornalístico –, tem um papel importante como veículo de comunicação para a população ter acesso às informações sobre a saúde, como foi salientado pelo próprio Fernando Namora e ainda é defendido por importantes atores do cenário médico e jornalístico. O que é nocivo para as pessoas e a população em geral é, como já foi exposto, o jornalismo diário sobre a saúde. Isso porque os geradores de informação para a mídia, como se esclareceu, não têm tempo para apurar os fatos ou fazer

entrevistas pessoalmente (às vezes nem mesmo telefonam para fontes, baseando-se apenas numa busca na internet).

Entretanto, enquanto a precisão factual das informações geradas pelos jornalistas para a mídia é problematizada, e a responsabilidade dos próprios geradores de informação é colocada em xeque, não aparece como evidente ou não seria demonstrável que se possa duvidar da conduta médica do mesmo modo ou na mesma proporção. É bem mais difícil um médico se esquivar da sua responsabilidade para com os pacientes do que um jornalista para com seu público. A proximidade com os pacientes e o sentido de dever médico é bem mais facilmente verificável. A ponderação que se pode fazer quanto a essa questão é de que, de um lado, o jornalista guarda uma distância do seu público, ao qual ele tem como função servir, enquanto a relação médico-paciente carrega uma proximidade patente; de outro, os médicos (em geral, sem considerar exceções) entendem com mais seriedade os termos de prestar serviço ao outro, sendo este serviço visto como uma missão, que leva a sério a sua prática e o juramento ético que professam.

Os jornalistas, da mesma forma, teriam que responder por uma norma ética profissional que é o compromisso de transmitir a verdade dos fatos e permitir que a população tenha acesso a eles – lembrando que a verdade jornalística corresponde à fidelidade aos fatos. Dean (2017) acaba, mesmo que colocando de maneira diferente, reforçando a observação do afrouxamento das regras éticas pelos jornalistas, comparando-o ao rigor com que são seguidas pelos médicos. Para ele, não há “muitas regras no jornalismo, [...] mas não somos médicos com um código de conduta restrito; ou *temos um código, mas não falamos muito dele*, trabalhamos isolados (DEAN, 2017) [grifo meu]. Para ele, “se pesquisar sobre os problemas no jornalismo, em primeiro lugar aparece a precariedade laboral, mas logo depois aparece o problema da credibilidade” (DEAN, 2017).

Contudo, ao levar em conta que as narrativas jornalísticas estão sendo construídas à revelia do caráter factual, e assim privilegiam o que

chama a atenção para causar impacto (com a óbvia intenção de serem vistas/lidas), só resta pensar e fazer refletir sobre a questão pela via ética da alteridade.

4.3 Em face da alteridade

A noção de alteridade exige inevitavelmente um questionamento ético e, em Emmanuel Lévinas, uma ética da alteridade que implica a responsabilidade individual pelo outro. Esse imperativo categórico, no qual se detém o pensamento levinasiano, mantém a sua filosofia. As perguntas que se abrem a partir dele permaneceram como matéria de exame na obra de Lévinas, guiada por uma das indagações possíveis: seriam exclusivamente as regras e normas éticas suficientes para garantir a responsabilidade individual do homem pelo outro homem? Sem negar a necessidade de normas ou regras éticas institucionais e leis como base para estabelecer o convívio social, na prática, é frente ao outro (ou em face dele) que acontecem as escolhas e decisões a serem tomadas. À luz da literatura, viu-se nos textos literários de Fernando Namora a importância do respeito ao outro que se faz necessário para o convívio mútuo – por intermédio da relação entre os personagens que habitaram as páginas de *Retalhos da vida de um médico*, e, nessa obra ainda, a responsabilidade profissional, a exemplo dos médicos “João Semana” que demonstram na prática (por meio do seu trabalho) o reconhecimento efetivo da alteridade, bem como o comprometimento do cronista e ensaísta do *Jornal do médico* com a crítica a questões factuais que poderiam interferir no bem-estar da população.

Tendo em vista as narrativas jornalísticas em função do seu exercício diário, com base em discussões teóricas que investigam o assunto fundamentadas na tradição teórico-literária, fica o alerta de que as regras e normas éticas não garantem uma conduta responsável pelo outro. Elas não são suficientes se não existir uma proximidade (de fato) com o outro, sobretudo porque a responsabilidade não se faz sentida, ou

seja, o profissional não é afetado pela experiência vivida pelo outro homem. Ele não é diretamente afetado pelo sofrimento alheio, sobretudo devido à distância entre o texto que escreve – é como se ele escrevesse um texto ficcional ou opinativo sobre determinado assunto – e as angústias ou aflições reais dos homens. Desse modo, o jornalista acaba vivendo uma contradição: ele não se reconhece como um cidadão, pai ou filho (também o é) quando escreve. Por isso, é pertinente colocar o exemplo do jornalismo de guerra, que é feito fundamentalmente da conjunção de experiências (própria e do outro), uma vez que na reportagem de guerra o jornalista está presente no acontecimento e vivencia os fatos junto a outrem. Essa proximidade, portanto, é fundamento da sua narrativa que pode e acaba sendo feita com precisão (factual), por ele ter vivenciado a situação, sentindo ou sofrendo com os personagens que ali se encontravam. Além disso, a suscetibilidade profissional vulnerável ao caráter determinante da cultura de época detectada, no jornalismo diário, praticamente desaparece no contato com a realidade que se faz no jornalismo de guerra. A opinião própria ou ideologias tendem a ficar insignificantes; e exemplos não faltam: George Orwell, Albert Camus, Vassili Grossman, entre outros.

Lévinas tem um pensamento exigente: “Compreender que o outro é uma referência de vida moral e princípio orientador da existência incide profundamente sobre o entendimento da condição humana” (FRANKLIN, 2012, p. 33). Trata-se, portanto, de entender que somente a lógica das ações que embasa as leis e regras éticas ou morais não é suficiente para garantir que os indivíduos a cumpram – quando o critério é a própria responsabilidade pelo outro –, porque o sentido se encontra no outro. Em outras palavras:

O racionalismo moral, quando aspira à universalidade, de modo geral o faz em nome da ideia de humanidade, como em Immanuel Kant (1724- 1804): os critérios orientadores de minhas ações devem poder ser vistos como universais, pois, do contrário, os motivos de agir seriam do âmbito do interesse próprio; assim, todo homem deve ser visto como fim e jamais como meio. Mas a universalidade formal da

ideia não sustenta a efetiva relação com o outro; pode apenas fornecer uma lógica da ação (2012, p. 34) [grifos meus].

Para terminar, nas palavras de Namora (1981, p. 216):

Mudar o mundo, sim, mas para o tornar mais habitável, o que efetivamente equivale a dizer: mais fraterno. Estamos talvez a usar palavras que, de tão gastas, já perderam vibração; no entanto, as coisas têm de ser chamadas pelo seu nome e quando falamos de fraternidade, de progresso humanizado, ao serviço do homem e não como fim em si mesmo, é efetivamente disso que se trata e não de especulações mistificadoras e de absolutos mistificadores; estamos a falar de um progresso que não resulte em aridez, constrangimentos, frustração. Mudar o mundo, pois, mas para que nele a esperança tantas vezes sacrificada e iludida nos olhe confiadamente. Porque ela tem um *rosto*: o acreditar nos outros; e tem um alvo: a plenitude ou aquilo que a favoreça. Nós somos o que fazemos, mas somos também o que poderíamos ter sido e o que poderemos vir a ser. [itálico meu].

O esperado, enfim, é que este exame dos pensamentos, que aqui tiveram lugar, se abra para outras (tantas pesquisas) e novas reflexões.

REFERÊNCIAS

ABDALA JÚNIOR, B. **A escrita neo-realista**: análise sócio-estilística dos romances de Carlos de Oliveira e Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1981.

ADORNO, T. W. **Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2012.

AMADO, J. Pode haver igual, maior não há. In: _____. et al. **Fernando Namora**: 50 anos de vida literária. Estoril: Estoril Sol S. A. Galeria de Arte do Casino do Estoril, 1988.

_____. Namora, mestre do romance. Prefácio. In: NAMORA, Fernando. **O trigo e o joio**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.

AMOROSO LIMA, A. **Ensaio VIII**: o jornalismo como gênero literário. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1969.

_____. **Estética Literária**. São Paulo: Agir Editora, 1954.

ANDREEVA, Y. A obra autobiográfica de Fernando Namora. In: MORÃO, P.; CARMO, C. I. (Org.). **Escrever a vida**: verdade e ficção. Porto: Campo das Letras, 2008, p. 497- 519.

ARISTÓTELES. **Poética**. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Poética, 1993.

AUERBACH, E. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. Introdução. In: MONTAIGNE, M. **Os Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 9-30.

AYRES, J. R. C. M. Uma concepção hermenêutica de saúde. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 17, n. 1, p. 43-61, 2007.

_____. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde e Sociedade**, v. 13, n. 3, p. 16-29, set./dez. 2004.

AUTHIER-REVUZ, J. A representação do discurso outro: um campo multiplamente heterogêneo. **Revista Calidoscópico**. UNISINOS, v. 6, n. 2, maio/ago. 2008, p. 107-119.

BASTAZIN, Vera. Utopia como ato escritural. **FronteiraZ: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária**, n. 9, p. 63-81, dez. 2012. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/13011>>.

Acesso em: 05 fev. 2018.

BATISTA, F. T. A doença também cura: a doença como fonte de autêntica vida humana na obra literária de Fernando Namora. **Via Atlântica**. São Paulo, n. 29, p. 239-252, set. 2016. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/107145/118173>>.

Acesso em: 14 set. 2017.

_____. **Retratos ficcionais de um país real**. Tese (Doutorado). Portugal: Universidade do Porto, 2014. Disponível em:

<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/72801/2/28507.pdf>

Acesso em: 22 set. 2017.

_____. Posfácio. In: NAMORA, F. **O rio triste**. Alfragide: Editorial Caminho, 2016.

BAUMAN, Z.; DONSKIS, L. **Mal líquido**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

_____. **Cegueira moral**: A perda da sensibilidade na modernidade líquida. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

BEEVOR, A.; VINOGRADOVA, L. **Um escritor na guerra**: Vasily Grossman com o exército vermelho, 1941-1945. Tradução de Bruno Casotti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

BELLO, L. R. M. **Zavattini e a potência do "real" no cinema**. Nova Síntese. Textos e Contextos do Neorrealismo. Lisboa: Edições Colibri, 2017, p. 53-65.

BELLO, M. R. L. Oliveira e Bresson: O "ver" e o "ser" da Sétima arte In: CARELLI, F.; BUENO, F.; CUNHA, M. Z. **Texto e tela**: ensaios sobre literatura e cinema. São Paulo: FFLCH/USP, 2014. Disponível em: <<http://200.144.182.130/estudoscomp/images/Texto-e-Tela.pdf>>. Acesso em: 19 fev. 2017.

BOOTH, W. C. **A retórica da ficção**. Lisboa: Arcadia, 1980.

BORGES, J. L. **Nova refutação do tempo**. In: _____. Antologia Pessoal. Tradução de Davi Arrigucci Jr.; Heloisa Jahn; Josely Vianna Baptista. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. O outro. In: _____. **O livro de areia**. 2. ed. Tradução de Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 7-16.

_____. "O milagre secreto" In: **Ficções**. Tradução de Davi Arrigucci São Paulo: Companhia das letras, 2007.

BRITO, C. H. **Entrevista**. FAPESP, 2019. Disponível em:
<http://agencia.fapesp.br/aceso-aberto-sem-custo-adicional/30955/>
Acesso em: 19 fev. 2017.

BUCCI, E. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CABRAL, M. J. et al. (Org.) **Maux en mots**: traitements littéraires de la maladie. (E-Book). Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015, p. 53-70. Disponível em:
<<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13164.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2017.

_____. et al. Personalised Medicine: bringing narrative tools to Carpem. **Ethics, Medicine and Public Health**, v. 3, April 2017, p. 1-7.

_____; MAMZER, M.-F. O segredo em literatura e medicina: por uma ética da partilha. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, p. 95-123, set. 2016. Disponível em:
<<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/108244>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

CALATRAVA, J. Entrevista com Jean Starobinski: por una psicologia de la multiplicidade. **Minerva** (Círculo de Bellas Artes), n. 11, 2009.

CALVINO, I. **Mundo escrito e Mundo não escrito**. Tradução de Maurício Santana Dias. Organizado por Mario Barenghi. São Paulo: Companhia das letras, 2015.

CAMOCARDI, E. M. **Fernando Namora**: um cronista no território da ficção. ILHPA-HUCITEC: São Paulo, 1978.

CAMPANHA destaca papel do jornalismo científico no controle do ebola. **Agência FAPESP**, 19 set. 2014. Disponível em: http://agencia.fapesp.br/campanha_destaca_papel_do_jornalismo_cientifico_no_controle_do_ebola/19848/. Acesso em: 13 abr. 2017.

CAMUS, A. **A Peste**. Tradução de Valerie Rumjanek. 23. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2017.

_____. **La Peste**. Paris: Éditions Gallimard, 1947.

CANDIDO, A. **O observador literário**. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2008.

_____. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Na sala de aula**: caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 2008.

_____. Memória. In: Diálogos de Antônio Candido com o jornalismo cultural contemporâneo. **Observatório da imprensa**, 17 de maio/ 2017. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/memoria/dialogos-deantonio-candido-com-o-jornalismo-cultural-contemporaneo/> Acesso em: 14 set. 2017.

CARDIA, M. Tenhamos fé!: editorial. **Jornal do Médico**, Ano 1, n.1, data: 1 de dezembro de 1940. Disponível na BNP. Acesso em: 20 out. 2019.

CARELLI, F. Cabotagem. In: ABDALA Junior, Benjamim. **Graciliano Ramos**: Muros sociais e aberturas artísticas. Rio de Janeiro: Record, 2017.

_____. Eu sou um outro: narrativa literária como forma de conhecimento. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, p. 17-49, set. 2016.

Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/119439>>. Acesso em: 5 fev. 2017.

_____; MARQUES, D. How to change lives with words. In. SANDBERG, E.; SHEURER, M. **Culture, experience, care**: (re)centring the patient. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2014, p. 47-56.

_____; POMPILIO, C. E. Tecidos do humano: literatura e medicina. **Via Atlântica**, Dossiê 29. Disponível em:

<<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/issue/view/8674/showToc>>.

Acesso em: 4 fev. 2017.

CHALENDAR, P.; CHALENDAR, G. **Temas e estruturas na obra de Fernando Namora**. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

COELHO, J. P. Três livros de Fernando Namora. In: _____. **Problemática da história literária**. Lisboa: Edições Ática, 1961.

COELHO, N. N. Fernando Namora: romance-testemunho da contemporaneidade. In: _____. **Escritores Portugueses do Século XX**. Lisboa: INCM, p. 173-188, 2007.

CONSENTINO, M.; Wolf, E. (Ed.). Ceticismo. In: _____. **O estado da arte**: o cânone em pauta. (Professores convidados: Adriano Machado Ribeiro; Luiz Eva; Roberto Bolzani). PROACSP e CPFL Energia. Disponível em: <http://oestadodaarte.com.br/ceticismo/> Acesso em: 4 fev. 2017.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**: para uma ética da informação. Lisboa, Instituto Piaget: 1994.

_____. **Ética da informação**. Tradução de Laureano Pelegrin. Bauru: EDUSC, 1998.

CORTESÃO J. **Memórias da Grande Guerra**. Lisboa: Portugália, 1969.

COVAL, O. S. **João Semana**: verbete. Dicionário de Personagens da Ficção Portuguesa, 2016. Disponível em:

<<http://dp.uc.pt/conteudos/entradas-dodicionario/item/255joaosemana>>.

Acesso em: 20 fev. 2018.

CRANE, S. **O emblema vermelho da coragem**: um episódio da guerra civil americana. Apresentação de Joseph Conrad. Introdução e notas de Gary Scharnhorst. Tradução de Sérgio Rodrigues. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

DEAN, W. As notícias falsas podem vir a revelar-se uma coisa boa para o jornalismo: entrevista. **Jornal Observador**. 14 jan. 2017. Disponível em:

<[http://observador.pt/especiais/walter-dean-as-noticias-falsas-podem-
vir-a-revelar-se-uma-coisa-boa-para-o-jornalismo/](http://observador.pt/especiais/walter-dean-as-noticias-falsas-podem-
vir-a-revelar-se-uma-coisa-boa-para-o-jornalismo/)>. Acesso em: 14 jan.

2017.

DERRIDA, J. **A universidade sem condição**. Tradução de Evando Nascimento. São Paulo: Estação liberdade, 2003.

DOSTOIÉVSKI. F. **O duplo**. 2. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2013.

DOUEK, S. S. **Paul Ricoeur e Emmanuel Lévinas**: um elegante desacordo. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

DUCROT, O. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1997.

DURAND, J.-M. Tous les intellectuels ne veulent pas abandonner le terrain face aux polémistes dangereux. **Le Nouveau Magazine Littéraire**. 25 out. 2019. Disponível em: <https://www.nouveau-magazine-litteraire.com/id%C3%A9es/jean-marie-durand-%C2%AB-tous-les-intellectuels-ne-veulent-pas-abandonner-le-terrain-face-aux> Acesso em: 13 fev. 2019.

EAGLESTONE, R. **Ethical criticism**: reading after Levinas. Edinburg University Press, 1997.

EILENBERGER, W. **Tempo de mágicos**: a grande década da filosofia 1919-1929. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: Todavia, 2019.

ELIAS, N. **Sobre o tempo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EMINESCU, R. O tempo disfarçado: A estrutura temporal nos romances de Fernando Namora. **Revista Colóquio/Letras**, n. 73, Maio 1983, p. 21-28. Disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.3271&org=I&orgp=73> Acesso em: 13 fev. 2019.

FERNANDES, I. et al. (Org.). **Contar (com) a medicina**. Ramada: Edições Pedagogo, 2014.

_____. (Org.) **Contar (com) a medicina**. FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia. 3. ed. ampl. Lisboa: Edição Caleidoscópio, 2018.

FERRI, A. C. P. L. Fernando Namora e o neo-realismo português. **Cadernos da FaEL**, Nova Iguaçu, RJ, v. 2. n. 6, p. 2, set./dez. 2009. Disponível em: http://perseu.unig2001.com.br/cadernosdafaef/vol2_num6/ARTIGO%20A

[NA%20CARLA%20NO%20FORMATO%20E%20REVISADO.pdf](#) Acesso em: 4 fev. 2018.

FÍGARO, R. et al. (Org.) **As mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo**. São Paulo: Editora Atlas/Selo Salta, 2013.

_____. (Org.) **O perfil do jornalista e os discursos sobre o jornalismo**: um estudo das mudanças no mundo do trabalho do jornalista profissional em São Paulo. São Paulo: CPCT/ECA-USP/FAPESP. Pesquisa realizada entre 2009-2012. Disponível em: http://agencia.fapesp.br/pesquisa_investiga_mudancas_no_jornalismo_e_no_perfil_do_jornalista/18409/ >. Acesso em: 20 fev. 2018.

FLEURY, B.; WALTER, J. La narratologie dans tous ses états. In: **Question de communication**, n. 31, 2017, p. 183- 197. Acesso: 24 fev. 2020. Disponível em: <https://hal.univ-lorraine.fr/hal-01685833/document> Acesso em: 4 fev. 2018.

_____. « L'histoire des sciences de l'information et de la communication », **Questions de communication**, 12, pp. 133-148, 2007. Disponível em: [10.4000/questionsdecommunication.2355](https://hal.univ-lorraine.fr/hal-01685833/document) Acesso em: 4 fev. 2018.

FLON, Émilie. **Les mises em scène du patrimoine; savoir, fiction et médiation**. Hermes Science: Lavoisier, 2012.

FRANKLIN, K. Os conceitos de *Doxa* e Episteme como determinação ética em Platão. **Educar**, n. 23, p. 373-376. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

FRIEDMAN, N. O ponto de vista na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, maio 2002.

Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/33195>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

GENETTE, G. **Fiction et diction**. Paris: Éditions du Seuil, 1991. Disponível em: <<http://excerpts.numilog.com/books/9782020128513.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

_____. Fictional Narrative, Factual Narrative. **Poetics Today**, v. 11, n. 4, 1990, p. 755-774.

GRAVET, C. Marie-Ève Thérénty: La littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIX^e siècle, **Questions de communication** [en ligne], 14, 2008, mis en ligne le 23 janvier 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/questionsdecommunication/1570> Acesso em: 5 fev. 2020.

GREENHALGH, T. **Como ler artigos científicos**: fundamentos da medicina baseada em evidências. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2008.

GROSSMAN, V. **Vida e Destino**. Trad. Irineu Franco Perpetuo. São Paulo: Objetiva, 2014.

_____. **Um escritor na Guerra**: Vasily Grossman com o exército vermelho 1941-1945. Tradução de Bruno Grasotti. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas/São Paulo: Editora UNICAMP, 2012.

HURWITZ, B. Form and representation in clinical case reports. **Literature and Medicine**, v. 25, n. 2, Fall 2006, p. 216-240. Disponível em:

[http://narrativescience.org/Materials/Hurwitz Clinical Case Reports.pdf](http://narrativescience.org/Materials/Hurwitz_Clinical_Case_Reports.pdf)

Acesso em: 21 fev. 2018.

IAÑEZ, E. **História da literatura**: as literaturas antigas e clássicas. v. 1. Lisboa: Planeta Editora, 1989.

IBOR, J. Prefácio. In. NAMORA, F. **Deuses e demónios da medicina**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1979. 1. v., p. 11-15.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In. COSTA LIMA, L. **Teoria da literatura em suas fontes**. v. 2. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983, p. 384-416.

_____. O fictício e o imaginário. In: ROCHA, J.C.C. **Teoria da ficção**: indagações à obra de Wolfgang Iser. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999, pp. 65-77. Acesso: <https://iedamagri.files.wordpress.com/2018/09/iser-wolfgang-o-ficticc81cio-e-o-imaginacc81rio.pdf> Acesso em: 21 fev. 2018.

JACINTO, R. et al. O itinerário de Fernando Namora e a geografia da sua obra. In: _____. **Desassossego e magnitude**: itinerários de Fernando Namora. Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova. Coleção: Rota dos Escritores do século XX. Comissão de coordenação da Região Centro, 2004.

JASPERS, K. **O médico na era da técnica**. Tradução de João Tiago Proença. Lisboa: Edições 70, 1998.

KLINGER, D. **Escritas de si, escrita do outro; o retorno do autor e a virada etnográfica**. 2. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

LABJOR – Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo. **UNICAMP**. Disponível em: <<http://www.labjor.unicamp.br/>>. Acesso em: 14 jan. 2017.

LALLEMAND, A. **Journalisme narratif en pratique**. Louvain-la-Neuve: De Boeck, 2011.

_____; SCHEPENS, P. **As novas drogas da Geração Rave**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

LAVOCAT, F. **Fait et fiction**: pour une frontière. Collections poétique dirigée par Gérard Genette. Paris: Éditions du Seuil, 2016.

_____; MACÉ, M. Seminário **Lecture, perception, interprétation**. Université Paris VII, 2010. Disponível em: https://www.fabula.org/actualites/lecture-perception-interpretation-avec-sandra-laugier_36129.php Acesso em: 14 jan. 2017.

LEOPOLDO E SILVA, F. **O outro**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Tradução de Pergentino Pivatto. Rio de Janeiro/Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

_____. **Ética e infinito**. Lisboa: Edições 70, 2013.

_____. **Éthique comme philosophie première**. Prefácio de Jacques Rolland. Paris/Saint-Germain: Éditions Payot & Rivages, 1998.

_____. **Autrement qu'être ou au-delà de l'essence**. França: Martinus Nijhoff, 1978.

_____. **De outro modo que ser ou para lá da essência.** Tradução de José Luís Pérez e Lavínia Leal Pereira. Revisão científica de Cristina Beckert. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2007.

LIMA, C. L. **Teoria da literatura em suas fontes.** v. 2. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1983.

LODGE, D. **A arte da ficção.** Porto Alegre: L&PM, 2010.

LOURENÇO, E. Leitura de uma época e sinal precursor. **Prefácio para a edição francesa de 'Fogo na noite escura'** – publicado no Jornal Letras-JL.: (ESP/ BN-APC-E-E63-CX71). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Escrita e doença na obra de Fernando Namora.** Prefácio de Retalhos da vida de um médico. Lisboa: Editorial Caminho, 2016.

MALATO, M. L. As luzes de Leonor de Maria Teresa Horta: entre a Literatura, a História e a Filosofia. **Cadernos de Literatura Comparada, Revista do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa,** n. 37, dez. 2017.

MARAÑÓN, G. Prefácio. In: NAMORA, F. **Retalhos da vida de um médico.** 1ª série. Lisboa/Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1979.

MARQUES, D.; CARELLI. How to change lives with words. In. SANDBERG, E.; SHEURER, M. **Culture, experience, care:** (re)centring the patient. Oxford: Inter-Disciplinary Press, 2014, p. 47-56.

MARRA, S. A caneta que escreve e a que prescreve: literatura e medicina em Portugal. **Via Atlântica,** São Paulo, n. 29, p. 547-553, set. 2016. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/115853/118187>>.

Acesso em: 16 nov. 2016.

_____. A alteridade na arte-literária de Fernando Namora in: “ **E não sei se o mundo nasceu**” - Fernando Namora 100 anos: catálogo. Fátima Pires (Coord.); António Pedro Pita (Coord. cient. e org.). [Vila Franca de Xira]. Catálogo em comemoração ao centenário do nascimento de Fernando Namora. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2019 p. 81-82.

MARTINS, A. C.; IVANOV, A. Entrevista com o Professor Franklin Leopoldo e Silva. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 1, jan./abr. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010131732013000100013>. Acesso em: 23 fev. 2017.

MELO, J. M. et al. (Org.). **Mídia e saúde**. Adamantina: UNESCO/UMESP/FAI, 2001.

_____. **Teoria e metodologia da comunicação**: tendências do século XXI. São Paulo: Paulus, 2014.

_____; RIBEIRO, J. H. **Jornalismo científico**: teoria e prática. Prefácio de Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: INTERCOM, 2014.

_____. **História do pensamento comunicacional**: cenários e personagens. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Teoria da Divulgação Científica**. São Paulo: Universidade de São Paulo – Escola de Comunicação e Artes – Núcleo José Reis de Divulgação Científica, 1992.

_____. et al. (Org.). **Mídia, Mediação e Medicalização**: anais da VI Conferência Brasileira de Comunicação e Saúde. Brasília: Editora Anvisa, 2015.

MENDES, J. M. Introdução. In: NAMORA, F. **Encontros**. Amadora: Bertrand, 1981.

_____. Um modo de respirar. In: A.A.V.V. **Fernando Namora**: 50 anos de vida literária. Estoril: Estoril Sol S. A. Galeria de Arte do Casino do Estoril, 1988.

_____. et al. Desassossego e magnitude. In: _____. **Desassossego e magnitude**: itinerários de Fernando Namora. Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova. Coleção: Rota dos Escritores do século XX. Comissão de coordenação da região centro, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. O "Soro da verdade": Nem soro – nem verdade. **Jornal do Médico**. Ano X, 1950 n. 40, v. XVI, p. 486-487. Disponível nos arquivos da BNP – Biblioteca Nacional de Portugal. Consultado em 2018.

MESQUITA, A. et al. **Eu não sei se o mundo nasceu** - Fernando Namora 100 anos: catálogo. Fátima Pires (Coord.); António Pedro Pita (Coord. cient. e org.). [Vila Franca de Xira]. Catálogo em comemoração ao centenário do nascimento de Fernando Namora. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2019. Disponível em:
<http://id.bnportugal.gov.pt/bib/bibnacional/2036714> Acesso em: 23 fev. 2017.

MOURÃO-FERREIRA, D. Prefácio. In: NAMORA, F. **O rio triste**. Lisboa: Editorial Caminho, 2016.

NAMORA, F. **Retalhos da vida de um médico**. 1ª série. Prefácio de Gregório Marañón. Lisboa/Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1979.

_____. **Retalhos da vida de um médico**. 2ª série. Prefácio de Eduardo Lourenço. Lisboa/Rio de Janeiro: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação Cultural Brasil-Portugal, 1979c.

_____. **Retalhos da vida de um médico**. Prefácios de Eduardo Lourenço e Gregório Marañón; Posfácio de Francisco George. Lisboa: Grupo Leya/Editorial Caminho, 2016.

_____. **Deuses e demônios da Medicina**. v. 1. Lisboa: Livraria Bertrand, 1979.

_____. **Deuses e demônios da Medicina**. v. 2. Lisboa: Livraria Bertrand, 1979.

_____. **Encontros com Fernando Namora**. Introdução de João Manuel Mendes. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981.

_____. **O trigo e o joio**. Prefácio de Jorge Amado. Lisboa: Livraria Bertrand, 1980.

_____. **Jornal sem data**: cadernos de um escritor. Lisboa: Publicações Europa-América, 1989.

_____. **O rio triste**. Direção de José Manuel Mendes. Prefácio de David Mourão-Ferreira. Posfácio de Fernando Batista. Lisboa: Editorial Caminho-Leya, 2016.

_____. Ambroise Paré: De barbeiro a primeiro cirurgião do mundo. **Separata da Revista Clínica Contemporânea**, Tomo V, n. 8, p. 427-433, outubro/ 1951.

_____. Reputação. (Do livro: Retalhos da vida de um médico). **Jornal do Médico**, v.XV, n. 374, p.481-484, Ano X, 1950. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Curandeiros (Do livro: Retalhos da vida de um médico). **Jornal do Médico**, v.XV, n. 376, p.547-548, Ano X, 1950. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Mais Curandeiros (Do livro: Retalhos da vida de um médico). **Jornal do Médico**, v.XV, n. 377, p.579-580, Ano X, 1950. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Memórias da vida clínica. Editorial. **Jornal do Médico**, v.XIX, n. 488, p. 1111, Ano XII, 1952. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Médicos e doutores. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XXII, n. 527, Ano XIII 1953. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Medicina e divulgação. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XXII, n. 518, Ano XIII 1953. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Glosas sobre o mesmo tema: O debate sobre a previdência social. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XXII, n. 536, Ano XIII. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. O problema da aplicação dos isótopos. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XIII, n. 569, Ano XIII, 1953. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Os mensageiros da fraternidade. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XXII, Ano XIII 1953. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. A mola real da pesquisa científica. Editorial. **Jornal do Médico**, v. LVIII, n. 1194, Ano XXV, 1965. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Viajar. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XIX, n. 472, Ano XII, 1952. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. O ensino médico fora do hospital. Editorial. **Jornal do Médico**, v. LVI, n. 1149, Ano XXV, 1965. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. A propósito de uma mensagem. Editorial. **Jornal do Médico**, v. LVII, n. 1175, Ano XXV, 1965. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Luzes e sombras do rastreio periódico. Editorial. **Jornal do Médico**, v. LVII, n. 1169, Ano XXV, 1965. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. A grande imprensa e a medicina. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XIX, n. 490, Ano, XII 1952. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. A medicina e a divulgação. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XVIII, n.518, Ano XIII, 1953. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Uma Carta. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XXI, n.527, Ano XIII, 1953. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. A crise da profissão médica. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XIX, n. 472, Ano, XII 1952. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Um badalo sem eco. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XIX, n. 499, p. 1001, Ano XII, 1952. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Mensageiros da fraternidade. Editorial. **Jornal do Médico**, v.XVIII n. 450, Ano XI, p. 559, 1951. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Medicina e literatura. Editorial. **Jornal do Médico**, v.XIX n. 514, Ano XII, p. 559, 1952. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. A medicina e o tempo. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XIX, n. 481, Ano, XII 1952. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. Os homens e as fardas. Editorial. **Jornal do Médico**, v. XIX, n. 475, Ano, XII 1952. Disponível na BNP. Acesso em: out. 2019.

_____. **Literatura e medicina:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX28). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Morte de Fernando Namora, jornais:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX74). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Correspondências recebidas, José Saramago:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX45/ 146-148). Consultado em outubro/ 2018.

_____. Médicos que conheci: (ESP/ BN-APC-E-E63-CX64). **Revista Ver e Crer**, n. 53, novembro 1949. Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Jornal de um romancista, Projeto:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX42). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Manuscritos do autor, Toltsói Liev:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX43). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Discursos, textos:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX19). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Entrevistas** (1976-1983): (ESP/ BN-APC-E-E63-CX58). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Suplemento informativo e Boticário médico:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX28). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Impressos e Revistas:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX67). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Colaboração literária:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX40). Consultado em outubro/ 2018.

_____. Leitura de uma época e sinal precursor. Prefácio: Eduardo Lourenço para a edição francesa de 'Fogo na noite escura". **Jornal Letras-JL.:** (ESP/ BN-APC-E-E63-CX71). Consultado em outubro/ 2018.

_____. **Blog.** Disponível em: <<http://fernando-namora.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 4 fev. 2018.

NAMORADO, J. Fernando Namora, escritor-ainda-vivo. In: **Revista de cultura e arte Vértice**, vol. XX IV, n. 309 jun 1969, p. 409-417.

NEMÉSIO, V. **A terra e o homem:** antologia de textos de escritores dos séculos XIX-XX. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1978.

NOVAIS, V. Quem é o patologista mais influente do mundo? O português Sobrinho Simões. **Jornal Observador**, Lisboa, 6 dez. 2015. Disponível em: <http://observador.pt/2015/12/06/patologista-influente-do-mundo-portugues-sobrinho-simoes/> Acesso em: 19 fev. 2017.

_____. Susana Valente: a investigadora portuguesa perto da cura funcional do VIH: "Foi um acaso". **Jornal Observador**. Lisboa. 1 dez. 2017. Disponível em: <<http://observador.pt/especiais/susana-valente-a-investigadora-portuguesa-perto-da-descoberta-da-cura-funcional-do-vih-foi-um-acaso/>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

NULAND, S. B. **A peste dos médicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NUNES. A. P. **O humanismo de Fernando Namora**. Lisboa: Âncora Editora, 2019.

PACHECO, J. R. Comunicação em saúde: uma necessidade atual. **Revista Digital Comunicação e Saúde**, v. 2, n. 2, 20 jul. 2005. Disponível em: <<http://www.comunicasaude.com.br/revista/02/artigos/artigo6.asp>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

PÉLISSIER, N.; EYRIÈS, A. Fictions du reel: le journalism narrative. In: **Cahiers de Narratologie**, n.26, 14/ octobre 2014. Disponível em: <https://journals.openedition.org/narratologie/6852> Acesso em: 8 ago. 2017.

PEREIRA, F.H. **O jornalista on-line**. Um novo status profissional? Universidade de Brasília, 2003. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-jornalista-on-linenovostatus.pdf> Acesso em: 8 ago. 2017.

PERRONE-MOYSÉS, L. **Mutações da literatura no século XXI**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

PESSOA, F.; WILDE, O. **O Banqueiro anarquista e A alma do homem sob a égide do socialismo**. Tradução de Antônio Rodrigues. Apresentação e notas bibliográficas de Manuel S. Fonseca. Lisboa: Guerra e Paz Editores S.A. Coleção livros amarelos, 2016.

PIRES, J. C. O dignitário da dignidade. In: AMADO, J. et al. **50 anos de vida literária** [1988?]. Disponível em: <<http://fernandonamora.blogspot.com.br/2011/08/fernandonamoraautobiografia1988.html>>
Acesso em: 5 fev. 2018.

PITA, A.P. Lugares e Mobilidades in: **Revista Cultural Algar**, n. 6. Condeixa-a-Nova: Casa Museu Fernando Namora, 2019, p.9-10.

_____. **“E não sei se o mundo nasceu”** - Fernando Namora 100 anos: catálogo. Fátima Pires (Coord.); António Pedro Pita (Curador/ Coord. cient. e org.). [Vila Franca de Xira]. Catálogo em comemoração ao centenário do nascimento de Fernando Namora. Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, 2019 p.9-10.

_____; MENDES, J. M.; JACINTO, R.; MENDES C. Uma secreta expectativa dos instantes. In: **Desassossego e magnitude**. Itinerários de Fernando Namora. Câmara Municipal de Condeixa-a-Nova. Coleção: Rota dos Escritores do século XX. Comissão de coordenação da região centro, 2004.

PIVETTA, M. A prova final da fosfoetanolamina: testes clínicos em seres humanos devem atestar se o composto pode ser útil em algum tipo de câncer. **Revista Pesquisa FAPESP**, n. 243, maio 2016, p. 17-23. Disponível em: <

[content/uploads/2016/05/016_CAPA-Fosfo_243.pdf?4971b3](#)>. Acesso em: 14 abr. 2017.

POIRIÉ, F. **Emmanuel Lévinas**: ensaio e entrevistas. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

POMPILIO, C. E. Comunicação em saúde: Habermas e Lévinas no consultório. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 29, p. 51-77, set. 2016. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/108322>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

QUEIRÓZ, M. L. Neo-realismo revisitado. **Jornal Público**, 10 fev. 2012. Disponível em: <<https://www.publico.pt/2012/02/10/jornal/neorealismo-revisitado-23888855>>. Acesso em: 5 fev. 2018.

REGINATO, V. Entrevista in: "Literatura, narrativa (jornalística) e saúde humana", **VIII Congresso internacional** - « Rendez-vous de la critique - Salut de part et d'autre? Santé et bien-être à l'épreuve de la littérature ». Universidade do Porto, 2016. Disponível em gravação e vídeo (1:05).

REIS, C. **Introdução aos estudos literários**: o neo-realismo. Realização de José Bidarra; Técnica Isabel Ribeiro. Lisboa: Universidade Aberta, [1996]. 1 prog. vídeo (20 min). Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/5212> Acesso em: 21 fev. 2018.

_____. **O conhecimento da literatura**. Coimbra: Almedina, 2001.

_____. Fernando Namora. In: _____. et al. **80 Anos de Fernando Namora**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1999.

RICHARDSON, R. **The making of Mr.** Gray's anatomy. London: Oxford University Press, 2009.

RICOEUR, P. **A crítica e a convicção**. Lisboa: Edições 70, 2009.

_____. **O discurso e a ação**. Introdução de Gonçalo Marcelo. Lisboa: Edições 70, 2013.

_____. **O si-mesmo como outro**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

RINGOOT, R. **Analyser le discours de presse**. Armand Colin, 2014.

ROCHA, C. C. (Org.). **A caneta que escreve e a que prescreve**: doença e medicina na literatura portuguesa. Colaboração de Teresa Jorge Ferreira. Lisboa: Verbo, 2011.

RODRIGUES, A. M. **Estudos sobre o tempo**: o tempo na literatura. São Paulo: IEA-USP, 1989. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/publicacoes/textos/estudo-sobre-o-tempo-o-tempo-na-literatura>>. Acesso em: 20 fev. 2018.

RODRIGUES, N. **A cabra vadia**: Novas Confissões. Rio de Janeiro: Agir, 2007. Disponível em: <https://portalconservador.com/livros/Nelson-Rodrigues-A-Cabra-Vadia.pdf> Acesso: 27 mar 2020.

RODRIGUES, U. T. O rosto na escrita. In. AMADO, J. et al. **Fernando Namora**: 50 anos de vida literária. Estoril: Estoril Sol S. A. Galeria de Arte do Casino do Estoril, 1988.

_____. Homenagem a Fernando Namora: expressão do humanismo de Fernando Namora. **Revista Colóquio/Letras**, n. 103, maio 1988, p. 5-39. Disponível em:

<<http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/issueContentDisplay?n=103&p=5&o=p>>. Acesso em: 1 fev. 2016.

SACRAMENTO, M. **Fernando Namora**: a obra e o homem. Lisboa: Editora Arcádia, [19--].

_____. **Há uma estética neo-realista?** Lisboa: Dom Quixote, 1968.

SANTOS, A. S. Fernando Namora e o Novo Cancioneiro. **Revista da Casa-Museu Fernando Namora**, n. 2, 2002, p. 8. Disponível em:

<http://fernando-namora.blogspot.com.br/2011/08/entre-narrativa-literaria-e-ficcao-anos.html> Acesso em: 4 fev. 2018.

SARAMAGO, J. "Abriu-nos o caminho". **Jornal de Letras, Artes e Ideias**, ano VIII, n. 344, 6-13 fev. 1989, p. 8.

SCHVARTZMAN, J. (JSV). **Borges babilônico**: Uma enciclopédia. Org. Jorge Schwartz. Coord. Editorial Maria Carolina de Araújo. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

SCRUTON, R. O sentido da vida. In: **O vasto legado de Scruton para a humanidade**. São Paulo: Fronteiras do pensamento, 3 jul. 2019 [2019].

Disponível em: <https://www.fronteiras.com/artigos/o-legado-de-roger-scruton?utm_source=Nitronews+Email+Marketing&utm_campaign=Confira+nossa+selec%C3%A3o+de+conteudos&utm_medium=email>. Acesso em: 1 fev. 2016.

_____. **O grande pecado contemporâneo**. São Paulo: Fronteiras do pensamento, 8 jul. 2019 [2019]. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=84C-5MpMS0Y>>. Acesso em: 1 fev. 2016.

SILVA, C. E. L. (Org.) **Julio Abramczyk, médico e repórter: meio século de jornalismo científico**. São Paulo: Publifolha, 2012.

_____. Prefácio. In: MELO, M. J.; RIBEIRO, J. H. **Jornalismo científico: teoria e prática**. São Paulo: INTERCOM, 2014.

SILVA, M. A. **Entrevista com José Manuel Mendes**. Casa das letras, 2014. Disponível em:

<http://www.casaldasletras.com/Textos/jose_manuel_mendes.pdf>.

Acesso em: 1 fev. 2016.

SOUZA, R. A. **Teoria da literatura**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

STAROBINSKI, J. Por una psicología de la multiplicidad. Entrevista para Juan Calatrava. **Revista Minerva** (Círculo de Bellas Artes), Madrid, n. 11, 2009. Disponível em:

<<https://www.circulobellasartes.com/revistaminerva/articulo.php?id=324>

>. Acesso em: 14 nov. 2019.

_____. É possível definir o ensaio? In: PIRES, P. R. (Org.) **Doze ensaios sobre o ensaio**. Antologia Serrote. Tradução de André Telles. São Paulo: IMS, 2018, p. 12-26.

_____. **História da medicina**. [S.l.]: Livraria Moraes Editora, 1967.

TODOROV, T. **A conquista da América: a questão do outro**. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **A conquista da América:** a questão do outro. 4. ed. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **Diante do extremo.** Tradução de Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Editora UNESP, 2017.

_____. **Crítica da crítica.** Tradução de Ma. Angélica Deângeli e Norma Wimmer. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

TORGA, M. "Miguel Torga (1907- 1995)". In: ROCHA, C. C. **A caneta que escreve e a que prescreve: doença e medicina na literatura portuguesa.** Antologia. Prefácio de Emílio Rui Aguilar. Lisboa: Verbo, 2011, p. 199-203.

VANOOST, M. Éthique et expression de l'expérience subjective em journalisme narratif. In: **Sur le journalisme**, vol.2, n.2, 2013 b, p. 160-173. Disponível em:
<https://dial.uclouvain.be/pr/boreal/object/boreal:135876> Acesso em: 1 fev. 2016.

_____. Journalisme narratif: proposition de définition, entre narratologie et éthique. **Les Cahiers du journalisme**, n. 25 – Printemps/ Été, 2013 p. 141-160. Disponível em:
<http://www.cahiersdujournalisme.net/pdf/25/9.Marie-Vanoost.pdf>
Acesso: 23 fev. 2020.

VOGT, C. A. (Org.). **Cultura científica:** desafios. São Paulo: Editora EDUSP/FAPESP, 2006.

_____; CARMELO, P. **Percepção pública da ciência.** Campinas: Editora Unicamp, 2003.

_____; DIAS, S. et al. (Org.). **Comunicação, divulgação e percepção pública de ciência e tecnologia**. Petrópolis/Brasília: De Petrus e Alli/CAPES, 2013, v. 1.

WOLF, E. Um outono da liberdade: De Ian Buruma a Roger Scruton, a intolerância digital colhe suas vítimas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 12 maio 2019. Caderno "O estado da arte". Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/um-outono-da-liberdade-de-ian-buruma-a-roger-scruton-a-intolerancia-digital-colhe-suas-vitimas/>
Acesso em: 1 jan. 2020.

_____. **"Em uma sociedade totalitária, tudo fica sem rosto", diz Roger Scruton**. Entrevista. São Paulo: Fronteiras do Pensamento, 05 ago. 2019 [2019c]. Disponível em: <https://www.frenteiras.com/entrevistas/em-uma-sociedade-totalitaria-tudo-fica-sem-rostoz-diz-roger-scruton> Acesso em: 1 jan. 2020.